

Estudos clássicos e filológicos

Manuscritos latinos

Adílio Junior de Souza
Organizador



 Letraria®

Estudios clásicos e filológicos

Manuscritos latinos

Adílio Junior de Souza
(Organizador)

Estudos clássicos e filológicos

Manuscritos latinos

Araraquara
Letraria
2024

Ficha catalográfica

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Estudos clássicos e filológicos [livro eletrônico]: manuscritos latinos / organizador Adílio Junior de Souza. - Araraquara, SP: Letraria, 2024

PDF.

Vários autores.

Bibliografia.

ISBN 978-65-5434-083-0

1. Filologia 2. Latim - Estudo e ensino I. Souza, Adílio Junior de.

24-220498

CDD-470.07

Índices para catálogo sistemático:

1. Latim : Estudo e ensino 470.07

Tábata Alves da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9253

*Ao querido prof. José Alberto Miranda Poza
(in memoriam), mestre, professor e amigo, os
meus mais sinceros agradecimentos por todos
os ensinamentos. Saudades eternas.*

Conselho editorial

Maria Ester Cacchi (Unesp)

Patrícia Batista (Uespi)

Vívian Simões (UFRR)

Sumário

Prefácio	8
Francisco de Freitas Leite	
Apresentação	10
Adílio Junior de Souza	
A passagem do poder de César a Augusto: fragmentos de história da Roma Antiga	13
Adílio Junior de Souza Soraya Paiva Chain	
O Forte de São Luís (RJ) e uma narrativa histórica em latim	23
Danilo Oliveira Nascimento Julião	
A Odisseia de Higino: uma tradução anotada e ilustrada	40
Gelbart Souza Silva Paola Luizi Sayeg	
<i>Ita fac, mi Lucili</i> : tradução das duas primeiras epístolas morais de Sêneca a Lucílio	53
Marcelo Salles Bueno Gelbart Souza Silva	
O Alexandre Romano de Quinto Cúrcio Rufo	63
Anne Caroline Ferreira Veloso	
Nota crítica a um <i>locus desperatus</i> em Suetônio, <i>De Grammaticis et Rhetoribus</i> 13.1	72
Gustavo Chaves Tavares	
Epitome Operum Ørbergii	89
Marcelo Henrique Barbosa de Oliveira	
Sobre o organizador	106
Sobre os autores e as autoras	108

Prefácio

No início do século XX, em seu célebre livro *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*, o linguista russo Valentin Volóchinov (1895-1936) apresentava sua oposição à prática filológica de seu tempo de estudar as línguas como cadáveres conservados nos monumentos escritos e que, de certa forma, estava na base da ruptura entre a língua e seu conteúdo ideológico, o que ele considerava um dos erros mais graves do objetivismo abstrato.

Já se passaram quase 100 anos da publicação do famoso livro de Volóchinov e, lendo estes estudos aqui publicados neste quinto volume da coletânea *Estudos Clássicos e Filológicos* agora com o título *Estudos Clássicos e Filológicos: manuscritos latinos*, podemos dizer que a atual geração de filólogos e linguistas não é igual àquela que realizava estudos sobre línguas clássicas tratadas como cadáveres. Aqui lemos estudos sobre língua em uso, lemos estudos que consideram a língua em sua participação na vida, na história e na cultura humana.

Estes escritos que ora são publicados trazem a mim uma marca muito cara do trabalho do filólogo: a marca humanística do amor às línguas e às literaturas em seu constitutivo diálogo com a história e a cultura. Marca cara a mim e com certeza a todos os amantes da Letras e que me faz recordar uma crônica de Cláudio Moreno intitulada *Escrito no rosto*, em que ele magistralmente usa a metáfora do palimpsesto para falar das marcas (físicas e/ou culturais) que jamais são totalmente apagadas de nosso rosto mesmo com o passar do tempo, assim como não somem totalmente nossas raízes culturais, linguísticas e literárias que vêm da Grécia e da Roma antigas. São estudos como estes que nos ajudam a não virarmos a cara para essa nossa identidade que “nos olha no espelho”.

Para citar apenas alguns exemplos do passado que nos constitui e do qual não podemos olvidar, mencionarei, a partir dos trabalhos aqui publicados, o estudo que nos lembra que a passagem do poder das mãos de César para as de Augusto nos revela o quão enraizado estava não apenas os laços sanguíneos, mas também os laços sociais e políticos na Roma antiga que ainda vemos se repetir, guardadas as diferenças de tempo e de espaço, na política dos nossos dias. Mencionarei a relevância memorialística do estudo sobre epigrafia do antigo forte de São Luís, localizado no morro do Pico para os habitantes de Niterói e do Rio de Janeiro como um todo. Mencionarei também o belo trabalho de tradução intitulado *Epitome Operum Ørbergii* e seu contributo à preservação dos estudos da língua latina na atualidade. Mencionei esses como exemplos, mas reforço que todos os trabalhos aqui publicados são excelentes

“espelhos” que nos permitem olhar para nós mesmos sem nunca esquecer o passado que ainda molda nossa face humanística.

Enfim, são trabalhos como estes que aqui se encontram que, lembrando uma lição do ilustre historiador inglês Peter Burke, nos ajudam a deixar *o passado dar suas próprias respostas* todas as vezes que nos indagamos: quem somos nós?

Prof. Dr. Francisco de Freitas Leite

Universidade Regional do Cariri

Crato, dia 05 de junho de 2024

Apresentação

Os Estudos Clássicos no Brasil vivem, certamente, um dos momentos de maior esplendor, tanto em virtude do crescente interesse pelas línguas clássicas (grego, latim, hebraico, sânscrito, acadio, entre outras), como também pelo crescimento exponencial de publicações de obras da Antiguidade por grandes editoras, tais como *Mnêma*, *Ateliê Editorial*, *Madamu*, *Autêntica*, *Odysseus*, *Hedra*, *Ideia*, *Zahar*, *Iluminuras*, e, mais recentemente, a *Letraria*. Nesta última, tive a oportunidade de lançar, nos últimos anos, uma coletânea da qual muito me orgulho: *Estudos Clássicos e Filológicos*.

Chegamos, assim, ao quinto volume da coletânea, o que demonstra interesse tanto por parte dos leitores ávidos pela leitura sobre os temas tratados nos textos, quanto também pelo interesse do idealizador¹ de dar seguimento ao seu projeto de divulgação científica de pesquisas classicistas. É com grata satisfação que anuncio este volume que, mais uma vez, busca reunir estudos produzidos sobre os mais distintos enfoques teórico-analíticos. Para essa obra, cujo título agora é *Estudos Clássicos e Filológicos: manuscritos latinos*, foram agregadas pesquisas que vão desde a *epigrafia latina*, passando pela tradução de mito helênico que remonta à guerra de Troia, seguindo a exames de textos latinos de epítula e história, até a escrita latina propriamente dita, quer seja pelo olhar crítico da análise filológica, quer pelo ato de escrita em latim em si, e, ainda, com foco no ensino da língua.

Esta obra integra, também, mais um resultado da profícua parceria realizada entre mim, idealizador do projeto, e minha supervisora, profa. Dra. Soraya Paiva Chain, durante o meu estágio de pós-doutoramento², realizado no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Amazonas (PPGL/UFAM).

Abrindo a coletânea, em um capítulo ensaístico, Adílio Junior de Souza e Soraya Paiva Chain nos mostram *A passagem do poder de César ao Divino Augusto: fragmentos de história da Roma Antiga*, em que aborda, partindo dos textos de Plutarco, Suetônio e do próprio Augusto, fatos históricos que apontam a troca de poderes entre o general romano César o seu sucessor, seu sobrinho-neto Otaviano (futuramente o primeiro imperador de Roma). Para os autores, só é possível compreender a história de Roma, de modo pleno, através do estudo das fontes, isto é, a partir de uma análise historiográfica dos escritos do passado.

No estudo intitulado *O Forte de São Luís (RJ) e uma narrativa histórica em latim*, Danilo Oliveira Nascimento Julião investiga a narrativa histórica presente nas duas inscrições latinas

¹ Para conhecer os demais volumes organizados por mim, ver o *site* da Letraria. Disponível em: <https://www.lettraria.net/adilio-junior-de-souza/>. Acesso em: 14 abr. 2024.

² O projeto de pesquisa **Rudimentos de Literatura Latina: uma introdução aos Estudos Clássicos** teve início em maio de 2023 no PPGL/UFAM, sendo então finalizado em maio de 2024. Este estágio não contou com apoio financeiro de nenhuma entidade.

gravadas no portão de entrada do antigo Forte de São Luís, na cidade de Niterói. A partir de alguns comentários linguísticos e histórico-culturais sobre a inscrição e, fundamentado nos estudos de epigrafia latina, o autor mostra como as inscrições refletem o momento histórico vivido pela cidade com os conflitos ibéricos, à época da construção e inauguração do forte.

Em *A Odisseia de Higino: uma tradução anotada e ilustrada*, Gelbart Souza Silva realiza a tradução do latim para o português do texto sobre a odisseia de Ulisses nas *Fabulae* de Higino, autor romano do século I d.C. À semelhança de um dicionário de mitos, a narrativa de Higino é uma síntese das aventuras do grande herói grego e cobre da sua partida de Troia até seu retorno triunfante em Ítaca, quando acaba com os pretendentes que buscavam tomar seu lugar de rei. Notas e comentários suplementam o texto brasileiro e versam sobre o texto latino, informações acerca das personagens, questões intertextuais e outros comentários. A tradução ainda conta com o trabalho de ilustração da artista Paola Luizi Sayeg.

Em seguida, no capítulo *Ita fac, mi Lucili: tradução das duas primeiras epístolas morais de Sêneca a Lucílio*, de autoria de Marcelo Salles Bueno e Gelbart Souza Silva, temos a tradução do latim das duas primeiras epístolas de Sêneca endereçadas a Lucílio, seu filho. As cartas apresentam, de maneira menos formalizada e mais pessoal que um tratado, algumas questões cruciais do pensamento senequiano, como a questão do tempo. Acompanham a tradução notas que visam a comentar, explicar e discutir aspectos relativos ao texto latino, à cultura romana e a nossas decisões tradutórias.

No capítulo *O Alexandre Romano de Quinto Cúrcio Rufo*, de Anne Caroline Ferreira Veloso, é selecionado, entre os historiadores romanos cujas obras foram preservadas desde a Antiguidade latina, o escritor latino Quinto Cúrcio Rufo. Para Veloso, esse autor se destaca como um dos poucos a não dedicar sua obra aos feitos de Roma, em vez disso, optando por um relato sobre as campanhas de Alexandre, o Grande (*Historiae Alexandri Magni Macedonis*). Inobstante isso, o capítulo *O Alexandre Romano de Quinto Cúrcio Rufo* se propõe a observar alguns traços da caracterização feita de Alexandre que sugerem uma alusão à figura imperial romana do século I d.C.

Logo a seguir, Gustavo Chaves Tavares, em seu estudo filológico, cujo título é *Nota crítica a um locus desperatus em Suetônio, De Grammaticis et Rhetoribus 13.1*, argumenta que o autor romano Suetônio é, geralmente, conhecido como o biógrafo dos *Doze Césares*, mas a ele outras obras são também atribuídas, dentre as quais o fragmento intitulado *De Grammaticis et Rhetoribus*, no qual Suetônio repertoreia dados biográficos de certas personalidades romanas. Tavares problematiza sobre a descoberta do manuscrito, que se deu somente no século XV. O capítulo faz um apanhado do histórico da tradição textual do *De grammaticis et rhetoribus*, bem como exemplifica as dificuldades inerentes ao estabelecimento do texto com o caso de Estabério Eros.

Finalmente, encerrando a coletânea, Marcelo Henrique Barbosa de Oliveira nos apresenta, brilhantemente, seu capítulo *Epitome Operum Ørbergii*, escrito inteiramente em latim, retomando um texto em português publicado em volume anterior desta mesma coletânea de textos acadêmicos. No estudo, que tem como objetivo explicar brevemente a composição dos manuais latinos de Hans Henning Ørberg, expõe a forma como certas universidades e institutos de todo o mundo e do nosso país os utilizam.

Prof. Dr. Adílio Junior de Souza

Universidade Regional do Cariri

Crato, dia 30 de junho de 2024

A passagem do poder de César a Augusto: fragmentos de história da Roma Antiga

Adílio Junior de Souza
Soraya Paiva Chain

Introdução³

Neste ensaio, tratamos da transferência de *poder* entre *Júlio César*, ditador romano, para o seu sobrinho-neto, *Augusto*, que se tornou, em seguida, o primeiro imperador romano. O objetivo central do estudo é refletir criticamente sobre as mudanças ocorridas em Roma em virtude da passagem desse poder e o que isso representou para a queda da *República* e o nascimento do *Império*.

Esta exposição, fundamentada na historiografia romana, reúne reflexões calcadas nos seguintes autores: Corassin (2007), Schmidt (2010), Goldsworthy (2011), Beard (2020), Funari (2020), Plutarco (*Vid. par. César*), Suetônio (*Vit. Diui Aug.; De Vit. Caes.*), Augusto (*Res gest. Diui Aug.*), entre outros. A partir de tais escritos, é possível chegar a pelo menos três importantes conclusões: a primeira é que a morte de César, por uma conspiração, não lhe retirou o poder diretamente. Ele fora transferido para seu familiar; a segunda conclusão é que os laços sanguíneos entre César e Augusto favoreceram a manutenção do poder, de modo que nenhuma outra pessoa teria esse direito “herdado”; por fim, Augusto soube reunir, ao seu redor, pessoas de extrema confiança, que lhe garantiram o poder até o fim de seus dias.

A cobiça pelo poder não é um fato exclusivamente hodierno. Desde tempos antigos, o homem sempre desejou ardentemente o poder, quer seja na Grécia, em Roma ou em quaisquer outras civilizações ou sociedades da Antiguidade. Ter poder representava *dominação*, significava *força* diante do seu oponente, em resumo, era ter tudo para si.

Voltemos nossas mentes para um período, que, de acordo com o nosso entendimento, foi crucial para os rumos da história de Roma: o século II a. C. Naquela época, não havia ainda o Império Romano, mas uma *República* governada por cônsules, senadores e magistrados, líderes de um povo soberano.

É válido ressaltar que a fase da *República* (509 a.C a 27 a.C) foi marcada por muitos conflitos políticos e sociais, e também por inúmeras guerras. Pode-se dizer que, de início, depois da invasão gaulesa (390 a.C.), que deixou Roma quase totalmente destruída, os romanos tiveram que aprender a se defender. Entenderam que o ataque era a melhor defesa e, a partir de então, iniciaram a jornada em busca de conquistar os territórios internos, ou seja, aqueles de dentro dos limites da península itálica. Tendo tomado gosto pelas conquistas, iniciaram então o expansionismo romano, ou seja, a conquista de novas terras para além das fronteiras da

³ Este ensaio foi, primeiramente, apresentado em formato de *conferência* no XIX Encontro Interdisciplinar de Estudos Literários (XIX INTER), evento realizado na Universidade Federal do Ceará – UFC entre os dias 9, 10 e 11 de novembro de 2022. Esta versão escrita do texto contou com a leitura atenta, revisões e contribuições da profa. Soraya Paiva Chain, a quem muito agradeço pela parceria.

península. A expansão territorial romana teve início com uma série de três guerras, denominadas púnicas (Vargas; Fernandes, 2013, p. 19-20).

Entre os séculos II e I a.C., “surgiram então os primeiros candidatos a ditador, as primeiras tentativas de usurpar o poder” (Vargas; Fernandes, 2013, p. 22), *Caio Mário* [*Gaius Marius*] (157 a.C.-86 a.C.) e *Lúcio Cornélio Sula* [*Lucius Cornelius Sulla*] (138-78 a.C.). Esses dois grandes líderes políticos rivalizavam na tentativa de obter o poder de domínio sobre os exércitos romanos e, conseqüentemente, comandar a *urbs* (Beard, 2020).

Nesse ínterim, instaura-se em Roma o que se pode entender por primeira guerra civil. De um lado, os aliados da facção dos “populares”, com Mário; do outro, os aliados dos “optimates”, com Sula (Beard, 2020). O resultado disso foi uma intensa luta entre os romanos, com muitas mortes e sumiços de pessoas em virtude das *proscricções*⁴ deste último. Sobre essa época, informa-nos Schmidt (2010, p. 17) que, “No início do ano 86 a.C., Mário está no poder, que lhe é contestado por Sila. As ruas de Roma são percorridas por partidários de um e de outro. A guerra civil é uma realidade cotidiana observada por César, que se inclina naturalmente a favor de seu tio Mário”.

Tempos depois, cessada a guerra, novos embates políticos ocorreram e, dessa vez, entre dois novos líderes políticos: *Caio Júlio César* [*Caius Iulius Caesar*] (100-44 a.C.) e *Cnéio Pompeu Magno* [*Gnaeus Pompeius Magnus*] (106-48 a.C.) (Beard, 2020). Todavia, antes de serem inimigos públicos, entre César e Pompeu havia uma estreita amizade, a tal ponto que aquele concedeu a mão da filha em casamento a este. Com a morte de Júlia, filha de César, bem como da criança que ela gerou, findou tanto a amizade entre eles quanto também o único elo que os unia, o parentesco (Suet. *De Vit. Caes.*).

Mas quem foi César? O que fez dele o líder-supremo de Roma? Como sua morte pôs fim à República? E mais, por que Augusto se tornou soberano único em Roma? Sobre essas e algumas outras questões, buscaremos refletir a partir de agora.

1 César e a queda da república

Muito do que se sabe sobre César e Augusto se deve aos relatos biográficos produzidos por autores⁵ da Antiguidade, além de obras do próprio César. Entre os principais autores e textos biográficos de que se dispõe, estão: Plutarco, com *Vidas Paralelas*; Suetônio, com *Vida*

4 De acordo com Beard (2020) e outros estudiosos, as proscricções de Sula foram motivadas por desejos políticos ou por simples capricho desse general romano. Tornou-se uma prática corriqueira durante o consulado de Sula, que no lugar de propor o exílio ou banimento de seus desafetos, optava por executá-los sem piedade.

5 Adotando o mesmo procedimento de estudos anteriores, recomendamos, a seguir, em caso de obras antigas: Universidade Federal do Espírito Santo. **Como referenciar corretamente obras e autores da Antiguidade e Medieval?** https://limes.ufes.br/sites/proaera.ufes.br/files/field/anexo/como_referenciar_corretamente_obras_e_autores_da_antiguidade_e_medieval__1.pdf. Acesso em: 4 fev. 2022.

do Divino Augusto que compõe *A vida dos Doze Césares*; Augusto, com *Os Feitos do Divino Augusto*; e César, com seus dois relatos, um sobre a *Guerra Civil* e outro sobre a *Guerra Gaulesa*⁶.

Conforme aduz Cardoso (2011, p. 141), César foi

[...] o primeiro dos grandes memorialistas romanos a deixar uma obra de real importância. Dedicando-se à vida pública desde muito cedo, e aliado à política uma intensa atividade militar, Júlio César ocupou os mais elevados cargos, chegando a cônsul, triúmviro e ditador, e participou, na qualidade de general, de guerras de conquistas e lutas civis. Delas extraiu o assunto para suas obras históricas: *Comentários sobre a guerra da Gália* (*Commentarii de bello Gallico*) e *Comentários sobre a guerra civil* (*De bello civili commentarii*). Com essas obras Júlio César construiu um verdadeiro modelo de exposição histórica, utilizando-se de uma linguagem simples, sem ornamentos, mas elegante em sua sobriedade.

Provavelmente não há, na história da Antiguidade, nome mais envolto de complexidade do que o de *César*. Não apenas por quem ele foi, mas também porque seu nome passou a representar um codinome de poder, que traduz muito bem o que foram os “césares”.

De acordo com os relatos de Plutarco e Suetônio, César galgou as mais importantes carreiras dentro da política, com destaque para os seguintes cargos, descritos nos fragmentos abaixo:

Júlio César foi militar pela primeira vez na Ásia, sob comando do pretor Marco Termo, com o qual dividia a tenda (Suet. *De Vit. Caes.*, p. 14).

Após seu retorno a Roma, a primeira honra que lhe foi conferida pelos sufrágios do povo, foi a do tribuno militar (Suet. *De Vit. Caes.*, p. 15).

Investiu-se do cargo de questor e pronunciou diante da tribuna róstris, conforme a tradição, o elogio fúnebre da sua tia Júlia e de sua mulher Cornélia (Suet. *De Vit. Caes.*, p. 15-16).

Uns poucos dias antes de pôr-se a postos no cargo de edil, sofreu suspeita de conspiração com Marco Crasso [...] (Suet. *De Vit. Caes.*, p. 17).

Resignando-se da esperança que tinha em obter uma província, empenhou-se em conseguir o pontificado máximo, porém, não sem haver espalhado antes dinheiro em profusão (Suet. *De Vit. Caes.*, p. 19).

6 Sobre essas obras, consultar: CAESER, C. I. **De Bello Civili**. In: PERSEUS DIGITAL LIBRARY. Perseus Collection. Greek and Roman Materials. Gregory R. Crane (ed.). Tufts University. Disponível em: <http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus%3Atext%3A1999.02.0075>. Acesso em: 20 jun. 2024. E, também: CAESER, C. I. **De Bello Gallico**. In: PERSEUS DIGITAL LIBRARY. Perseus Collection. Greek and Roman Materials. Gregory R. Crane (ed.). Tufts University. Disponível em: <https://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus:text:1999.02.0002>. Acesso em: 20 jun. 2024.

Já era tempo, pois ele seria pretor e sua magistratura o tornaria mais perigoso (Plut. *Vid. par. César*, VIII, 7, p. 119).

Quando foi descoberta a conspiração de Catilina, estava exercendo a pretoria (Suet. *De Vit. Caes.*, p. 20).

[...] César foi eleito cônsul juntamente com Bíbulo (Suet. *De Vit. Caes.*, p. 20).

Assim que assumiu o cargo [de cônsul], ele propôs leis que não convinham a um cônsul, e sim ao mais despudorado dos tribunos [...] (Plut. *Vid. par. César*, XIV, 2, p. 124).

[...] César voltou para a Itália e chegou em Roma ao final do ano em que terminara sua segunda ditadura: nunca esta magistratura fora anual. Ele foi nomeado cônsul para o ano seguinte (Plut. *Vid. par. César*, LI, 1, p. 163-164).

Tais fragmentos reforçam a tese de que César foi hábil e soube conciliar o poder através de muitas articulações políticas. Evidentemente que sua subida ao poder despertou entre seus aliados e inimigos muita cobiça. Não obstante, o Senado romano tinha receio de lhe tirar o poder, certamente, por medo de que a plebe, em uma revolta popular, legitimasse o poder de César, bem como se voltasse contra o senado ou destruísse a cidade de Roma (Suet. *De Vit. Caes.*).

Não tardou, entretanto, para surgirem conspiradores ao seu cargo. Entre estes, Pompeu, seu antigo aliado, também buscava meios para lhe tomar o cargo, mas de modo muito velado e sorrateiro.

Sobre esse assunto, nos informa Beard (2020, p. 252):

Em meados do século I a.C., montados em suas conquistas de além-mar, Pompeu, o Grande, e Júlio César haviam se tornado rivais em busca de poder autocrático: comandavam o que, na realidade, eram seus exércitos particulares; haviam desconsiderado princípios republicanos de modo ainda mais abrangente do que Sula ou Mário; e abriram a perspectiva do governo de um homem só, que o assassinato de César não conseguiu obstruir.

A aliança entre César e Pompeu era uma aliança matrimonial, unicamente. Tendo César lhe dado a mão da filha, creu que isso apaziguaria os ânimos daquele general, pondo-o no seio de sua própria família. Mas como já falamos, com a morte da filha de César, o elo ente eles se rompeu. Nada mais os impedia de se digladiarem (Suet. *De Vit. Caes.*). O fato era que “César decidira há muito tempo derrubar Pompeu e, ao que tudo indica, a recíproca era verdadeira” (Plut. *Vid. par. César*, XXVIII, 1, p. 141).

Com a decapitação de Pompeu no Egito, César pôde assumir o controle total do exército, ainda mais porque lhe fora concedido o cargo de ditador (vitalício), o que lhe assegurava plenos poderes sobre decisões políticas e bélicas (Schmidt, 2010).

Daí em diante, César se torna “senhor” de Roma, podendo até, se assim desejasse, assumir o manto de rei. Não se sabe a razão, mas este título ele nunca o requereu (Suet. *De Vit. Caes.*). Talvez isso tenha uma explicação: o último rei de Roma, *Lúcio Tarquínio Soberbo* [*Lucius Tarquinius Superbus*] (535-496 a.C.), foi expulso de Roma sob pena de morte se regressasse, como bem salienta Tito Lívio (*Ab Urb. Cond. Lib. I*). Assim, pode-se concluir que César não iria querer para si título tão problemático.

Foi então que nos idos de março de 44 a.C., César foi morto sem a menor chance de defesa. Após um complô entre aqueles que se diziam (ou se faziam) de amigos (Schmidt, 2010). Ele foi violentamente assassinado a facadas no *Theatrum Pompeii*.

Sobre a morte de César, Brandão (2015, p. 420-421), fundamentado em Suetônio e em Plutarco, diz que “os autores antigos deixam a ideia de que ele opta por não tentar evitar a morte, ou por se sentir doente e próximo do fim, ou por confiar demasiado no juramento que o senado fizera de defender a sua vida, pelo que desmobiliza até a guarda hispânica”.

Mal sabia César que sua morte traria revolta do povo, a tal ponto que nenhum outro ali ousaria assumir o poder que era seu, por conquista, nem mesmo os seus generais, tenentes ou soldados. Além disso, havia um testamento que transferia todo seu poder ao seu sobrinho-neto, Augusto (Parenti, 2005; Funari, 2020).

É válido acrescentar que

César tinha cinquenta e seis anos quando morreu; ele sobreviveu a Pompeu pouco mais que quatro anos. Do poder e dominação absolutos que ele buscou a vida inteira e adquiriu tão arduamente, a custo de tantos perigos, colheu somente o nome e uma glória que atraiu a inveja de seus concidadãos (Plut. *Vid. par. César, LXIX, 1, p. 182*).

E, assim, dessa herança, seu nome se tornou imortal.

2 Augusto e o nascimento do Império romano

Caio Júlio César Otaviano Augusto [*Gaius Iulius Caesar Octavianus Augustus*] (63 a.C.-14 d.C.), ou como se tornou mais popularmente conhecido, o *Divino Augusto*, foi certamente aquele que melhor soube aproveitar as oportunidades que o seu sangue lhe proporcionou. Tendo recebido de seu tio-avô, César, o direito de herança ao poder de comando da cidade, ele tomou para si a responsabilidade de pôr paz à guerra que havia se instalado desde a morte

de seu tio (Parenti, 2005; Funari, 2020; Beard, 2020; Suet. *De Vit. Caes.*). Em uma explicação sobre a origem do nome dele, eis o que nos diz Goldsworthy (2011, p. 614): “Para aumentar a confusão, as guerras civis, finalmente, terminariam quando o filho adotivo de César, Otávio — mais tarde, chamado de Augusto —, tornou-se o primeiro imperador de Roma. Segundo a adoção, seu nome era, formalmente, Caio Júlio César Otaviano”.

Nesse sentido, a adoção lhe transferiu o poder, além do nome. E, apesar da pouca idade na época, Otávio teria os direitos que o título lhe trazia. Em termos práticos, eis o que podemos entender desse período histórico nas palavras de Corassin (2007, p. 102):

A carreira de Augusto iniciou-se com a morte de César. A nobreza senatorial fora a responsável pela morte de César e pela falência desse sistema político; ela detinha o poder e não estava disposta a cedê-lo. Mas o Senado não podia eliminar as forças sociais que César representava. Marco Antônio assumiu o controle dos elementos de força cesarianos, representados, sobretudo, pela plebe urbana e os veteranos.

E, mais adiante, a autora completa:

Quando após o assassinato de César, o Senado aceitou o compromisso com os cesarianos, abriu caminho para o fracasso da conspiração. Quando na sessão de 17 de março de 44 a.C. foram reconhecidos os atos do ditador assassinado, e em seguida ocorreu uma violenta manifestação popular durante os funerais de César, os conservadores perderam a partida (Corassin, 2007, p. 102).

É evidente que muitos cidadãos romanos, inconformados com o assassinato de César, queriam vingança. Entre eles, sem dúvida, além do próprio Augusto, o primeiro-lugar-tenente *Marco Antônio [Marcus Antonius]* (83-30 a.C.) era o mais ávido pelo sangue dos assassinos. Entre os muitos que foram mortos, mesmo entre aqueles que não tiveram nenhuma relação com o assassinato, causa espanto a morte de *Marco Túlio Cícero [Marcus Tullius Cicero]* (106-43 a.C.), morto por ter sido um dos desafetos de Marco Antônio, tendo escrito, ainda em vida, um discurso crítico a este, intitulado de *Philippicae* (Parenti, 2005; Suet. *De Vit. Caes.*).

Com a morte de todos os assassinos de César, dentre outros que também foram assassinados em meio a essa vingança, não havia necessidade de derramamento de mais sangue romano. Em 43 a.C., com cerca de vinte anos, Augusto foi nomeado senador por meio do decreto *senatus-consulto*, recebendo, assim, seu primeiro cargo político (Corassin, 2007). Muitos de seus feitos históricos encontram-se gravados na *Res gestae Diui Augusti*⁷.

Iniciou-se em Roma um período de aparente paz (Parenti, 2005; Funari, 2020). Augusto e Marco Antônio tinham uma relação de amizade, *a priori*. Entretanto, com o desejo e a cobiça

⁷ Os feitos do divino Augusto.

de ambos pelos espólios de César, a paz entre eles não durou muito. Em pouco tempo, a amizade que tinham se desfez, dando lugar a outra guerra civil sangrenta. A paz em Roma, mais uma vez, ficara ameaçada.

Marco Antônio, após ter sido derrotado na batalha de Ácio e, acreditando que Cleópatra estava morta, cometera suicídio, apunhalando-se com sua própria espada. Com isso, Augusto se torna o único detentor do poder, concentrando em si poderes políticos, militares e até jurídicos (Parenti, 2005; Beard, 2020; Suet. *De Vit. Caes.*).

A partir daí, instaura-se o principado, como bem ressalta Corassin (2007, p. 103):

A política de Otaviano após a ruptura com Marco Antônio foi a de procurar um acordo com a nobreza tradicional, que terá seu lugar privilegiado no império. A ordem senatorial e a sua parte mais elevada, a nobreza, foi a que mais se transformou. Com o principado ela não perdeu o poder político nem sua posição social de proeminência, mas a sua composição mudou.

Em complemento, Funari (2020, p. 100) nos fala que

Castigados após guerras civis, Roma adotou o regime imperial de governo. Os imperadores tinham grandes poderes, mas não eram reis, nem a sucessão era, necessariamente, hereditária. No período imperial, a administração dos domínios romanos foi reorganizada, visando à maior centralidade do poder; o imperador passou a acumular todos os poderes, apesar de continuarem a existir os órgãos administrativos da República.

Isto se soma ao que nos diz Parenti (2005, p. 200):

O senado imediatamente lhe conferiu o título de “Augusto”, pelo qual se tornaria conhecido. Era um nome aplicável às coisas divinas e ancestrais. Otaviano adotou o título ilustre, juntamente com o apelativo exaltado de “César”, tornando-se o primeiro de uma longa linhagem de governantes romanos absolutistas, todos eles chamados de “César”. *Imperator*, ou imperador, tornou-se um título monopolizado por Otaviano e seus sucessores.

E, assim, o passo dado por Augusto fundamentou as gerações seguintes de imperadores, dando origem ao que Suetônio traduziu por “Césares”, em sua célebre obra *De Vita Caesarum*⁸. Os imperadores detinham muitos poderes, inclusive poderes políticos e religiosos. Sendo assim, qualquer coisa que não fosse de seu agrado perduraria. Esse poder centralizado nas mãos do imperador resistiu hegemônico até o século V, quando, após inúmeras guerras causadas em virtude das invasões bárbaras, o Império Romano iniciou seu declínio.

8 A vida dos Doze Césares.

Reflexões finais

Em nossa breve incursão sobre a história de Roma, foi-nos permitido rever o período de maior conflito entre os romanos. Após a terceira guerra civil romana, instituída para vingar o assassinato de Júlio César, instaurou-se um modelo de dominação política duradouro: o império.

A passagem do poder de César para Augusto nos revela o quão enraizados estavam não apenas os laços sanguíneos, mas também os laços sociais e políticos.

A cobiça pelo poder perdurou para além desse momento. O *modus operandi* dos imperadores, de ter ao seu lado somente aqueles em que confiavam, permitiu-lhes maior dominação. Em contrapartida, como noutras passagens das biografias dos Césares em Suetônio, pode ser visto que nem sempre isso acontecia da maneira como era planejado, pois, muitos foram assassinados por entes queridos, familiares e aliados próximos.

Podemos dizer, com certeza, que Júlio César foi o maior comandante militar da Roma Antiga (quicá, da história). Desempenhou papel fundamental de transformação da República para o Império. A historiografia de suas campanhas militares foi escrita, contemporaneamente aos acontecimentos, tanto por ele próprio quanto por seus contemporâneos, Cícero e Salústio; e, posteriormente, pelos historiadores Suetônio e Plutarco.

Em relação a Augusto, pudemos verificar que, em seu reinado, o mundo romano viveu, por mais de dois séculos, praticamente sem conflitos, apesar da guerra civil (de um ano), que o galgava como o sucessor de César, e das contínuas guerras expansionistas nas fronteiras do Império. Por conta desse período de relativa paz, a era de Augusto ficou conhecida como *Pax Romana*⁹.

Uma certeza nos chegou: todo o crescimento do Império Romano obtido na era de César foi desfrutado na era de Augusto.

Referências

AUGUSTO. Res gestae Diui Augusti. In: **A Vida e os Feitos do Divino Augusto**. Textos de Suetônio e Augusto. Tradução Matheus Trevizam, Paulo Sérgio Vasconcellos e Antonio Martinez de Rezende. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2007. p. 117-138.

BEARD, Mary. **SPQR**: uma história da Roma Antiga. Tradução Luis Reyes Gil. São Paulo: Planeta, 2020.

⁹ Pax Romana.

BRANDÃO, José Luís. **História de Roma Antiga volume I: das origens à morte de César.** José Luís Brandão e Francisco de Oliveira (org.). Coimbra: Pombalina, 2015.

CARDOSO, Zelia de Almeida. **A literatura latina.** 3. ed. rev. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

CORASSIN, Maria Luiza. Comentário sobre as RES GESTAE DEVI AVGVSTI. *In: JOLY, Fábio Duarte (org.). História e retórica: ensaios sobre historiografia antiga.* São Paulo: Alameda, 2007. p. 97-117.

FUNARI, Pedro Paulo. **Grécia e Roma.** São Paulo: Contexto, 2020.

GOLDSWORTHY, Adrian. **César: a vida de um soberano.** Tradução Ana Maria Mandim. São Paulo: Record, 2011.

LÍVIO, Tito. **História de Roma.** Ab Urbe Condita Libri. Primeiro Volume. Introdução, tradução e notas de Paulo Matos Peixoto. São Paulo: Paumape, 1989.

PARENTI, Michael. **O assassinato de Júlio César: uma história popular da Roma Antiga.** Tradução Berilo Vargas. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2005.

PLUTARCO. **Vidas paralelas: Alexandre e César.** Tradução Júlia Rosa Simões. São Paulo: L&PM, 2005.

SCHMIDT, Joël. **Júlio César.** São Paulo: L&PM, 2010.

SUETÔNIO. Vita Diui Augusti. *In: A Vida e os Feitos do Divino Augusto.* Textos de Suetônio e Augusto. Tradução de Matheus Trevizam, Paulo Sérgio Vasconcellos e Antonio Martinez de Rezende. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2007, p. 9-115.

SUETÔNIO. **A vida dos Doze Césares.** Tradução Pietro Nasseti. São Paulo: Martin Claret, 2004.

SVETONIVS. **De Vita Caesarum.** *In: PERSEUS DIGITAL LIBRARY.* Perseus Collection. Greek and Roman Materials. Gregory R. Crane (ed.). Tufts University. Disponível em: <https://www.perseus.tufts.edu/hopper/collection?collection=Perseus%3Acorpus%3Aperseus%2Cauthor%2CSuetonius>. Acesso em: 29 jun. 2024.

VARGAS, José Ernesto de; FERNANDES, Thais. **Literatura Clássica Latina: 9º período.** Florianópolis: UFSC/CCE/LLV, 2013.

O Forte de São Luís (RJ) e uma narrativa histórica em latim

Danilo Oliveira Nascimento Julião

Introdução¹⁰

Encontrar inscrições em língua latina em qualquer cidade, além de chamar a atenção de muitos historiadores, linguistas e estudiosos de outras áreas, também desperta o interesse de pessoas leigas. Explica-se tal interesse pelo fato de esse tipo de legenda ser uma fonte histórico-documental acerca do mundo antigo e de vários aspectos relacionados a vários momentos de Roma e suas províncias ao longo de muitos séculos. Todavia, é admirável que o alcance das inscrições latinas tenha ultrapassado o mundo antigo e se estendido a períodos mais modernos de nossa História, como o Renascimento, por exemplo. Antes de tal constatação, nascia uma curiosidade sobre a existência ou não de inscrições epigráficas em latim no Brasil, mais precisamente no Rio de Janeiro. A partir da confirmação de sua existência, passamos a pesquisar onde essas inscrições se localizavam e que tipo de informações elas poderiam fornecer, bem como a contribuição para os estudos da presença da cultura latina no Brasil.

Nossa pesquisa se ocupa das inscrições em língua latina na cidade do Rio de Janeiro, encontradas, principalmente, em obras e logradouros públicos construídos ou reformados nos séculos XVIII e XIX e de que maneira elas apresentam memórias sobre episódios históricos específicos da cidade. Além disso, investigamos as narrativas presentes em cada inscrição, observando as referências histórico-culturais a respeito das histórias brasileira e da própria cidade. Percebemos que, além de fornecer informações sobre a construção em que se encontram, as narrativas das inscrições também relatam fatos sobre a área geográfica em que se encontram, bem como do período histórico a que a construção pertence, considerando os detalhes ressaltados nas inscrições e os fatos que aconteciam no mundo de então, assim como as possíveis ligações com o universo romano. Para tanto, nos ocuparemos de investigar os dois exemplos epigráficos localizados no portão do antigo forte de São Luís, localizado no morro do Pico, em Niterói.

I Breves apontamentos sobre a pesquisa

A escolha do tema foi motivada pela oportunidade de inserir a presença da língua latina dentro da história da cidade do Rio de Janeiro, de modo a servir como um novo instrumento para retratar a memória da cidade, sob um ponto de vista relegado à obscuridade. A partir de alguns relatos esparsos sobre inscrições *in locō*, chegamos aos livros e artigos da Biblioteca Nacional e do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro (IHGB) para compor o *corpus* da pesquisa. Num

10 O presente capítulo resulta da dissertação de Mestrado *As inscrições latinas nos monumentos do Rio de Janeiro dos séculos XVIII e XIX*, com algumas atualizações decorrentes da pesquisa realizada no Doutorado, a ser defendido em breve.

primeiro momento, delimitamos o recorte do *corpus* para a chamada tipologia monumental¹¹, presente em monumentos e logradouros públicos da cidade. Esse tipo de tipologia epigráfica guarda as inscrições que são colocadas em algum lugar visível e comemoram a construção ou reforma (reconstrução) de um edifício ou obra pública, guardando para a posteridade a recordação de quem a fez (Pintado, 2009, p. 306). A perspectiva epigráfica que adotamos considera analisar as inscrições epigráficas em conjunto com a história e topografia da cidade para inseri-las dentro dos contextos urbano e social. A intenção era observar de que maneira tais inscrições poderiam contar alguns capítulos particulares da História do Rio de Janeiro¹².

No contexto específico da pesquisa, o recorte do *corpus* não abrangerá toda a cidade, mas a região banhada pela Baía de Guanabara¹³ (o que inclui também a porção de Niterói localizada às margens da Baía). Tal particularidade topográfica explica-se, uma vez que as obras públicas, em sua maioria, são fortes, fortalezas e chafarizes, além de alguns edifícios públicos que apresentarão as legendas em latim. O aspecto que as torna particularmente atrativas para os nossos estudos são as informações que ajudam na construção (ou, porque não dizer, ressignificação) da memória da cidade, indicando aspectos relevantes sobre as respectivas inscrições em que se encontram ou mesmo o momento histórico durante sua construção (ou reforma). Ao pensar nas inscrições latinas (ou romanas) da Antiguidade (principalmente durante o Principado de Augusto¹⁴), encontram-se as principais informações: o personagem responsável pela construção ou reforma e seus títulos, um verbo de ação (*fecit, refecit, posuit, etc.*), uma fórmula dedicatória ao edifício, o tipo de edifício ou monumento e outras informações distintivas como a data de construção, a quantia e o tipo de despesas, quem ordenou a empreitada, o estado do monumento antes da reconstrução, etc. Tais informações ainda permanecem, mas a diferença é que determinadas informações, assim como as instituições e as titulações, mudaram com o passar dos séculos. Além disso, podemos destacar uma espécie de sistema comunicativo epigráfico muito complexo, que indicava uma série de normas e, até certo ponto, ensinava como deveria ser o caráter dos leitores de inscrições romanas; estes deveriam conhecer os princípios e poderiam ou não participar do processo comunicativo; além disso, ele também

11 Em latim, 'tituli operum publicōrum'.

12 Os resultados e reflexões de tal proposta podem ser encontrados na dissertação de mestrado intitulada *As inscrições latinas nos monumentos do Rio de Janeiro dos séculos XVIII e XIX*, de autoria do próprio articulista, em que ele se ocupa de traduzir, comentar e contextualizar as inscrições contidas no *corpus* de pesquisa.

13 A baía, então habitada pelos índios temiminós – tribo tupi que ocupou as regiões atuais da Ilha do Governador, São Cristóvão, Niterói e o Sul do atual estado do Espírito Santo e inimiga dos tupinambás – foi descoberta em 1501, embora atribuam sua descoberta ao navegador português Gaspar de Lemos, em 1º de janeiro de 1502. Em princípio, os portugueses a confundiram como a foz de um grande rio, denominado "Rio de Janeiro", porque foi descoberta no mês de janeiro. Entretanto, os indígenas locais já possuíam uma denominação própria para a baía oceânica, chamada de *Iguaá-Mbara* (*iguáá* = enseada do rio, e *mbará* = mar), ou então, *guana* ("seio") *bara* ("mar"), "mar do seio", em referência a seu formato arredondado e à fartura de pesca que proporcionava.

14 Para muitos estudiosos de epigrafia latina e outras áreas, esse período é considerado como um "boom epigráfico" ou "furor epigraphicus", em que se observa um aumento impressionante de inscrições parietais e monumentais na cidade de Roma, em outras cidades da Península Itálica e outras províncias do então Império Romano. Esse período dura do século I a.C. até o século II d.C., quando ocorre uma queda na produção de inscrições latinas. A partir do século III d.C., as inscrições latinas retornam, dentro do ambiente cristão.

apresenta uma série de narrativas sobre a época, contribuindo para entender como os romanos cultivavam a memória em todos os seus níveis, além de entender as relações sociais dentro de Roma e entre Roma e outras nações na época.

Meyer (2011) afirma que as principais características desse sistema comunicativo são: *pertencimento*, *sucesso*, *adequação social* e *memória*. Falando rapidamente dessas características, o *pertencimento* indicava a particularidade de fazer parte de um grupo ou nicho social (exército, grupo religioso, comerciantes, por exemplo); o *sucesso*, por sua vez, exaltava as atitudes tidas como positivas para a sociedade romana, como uma conquista territorial ou êxitos de uma determinada figura ilustre ao longo de sua carreira (em alguns casos, isso equivalia ao *cursus honorum*); a *adequação social* se referia aos preceitos e normas a serem seguidos por aqueles que pertenciam ou queriam pertencer à sociedade romana (como um “livro de etiqueta” que ensina como ser um romano), e, por fim, a *memória*, ou seja, as lembranças deveriam ser registradas para os contemporâneos e as gerações futuras¹⁵.

Todas as características supracitadas são importantes dentro desse sistema comunicativo, mas a memória desempenha um papel ainda mais significativo não só no sistema, como também na própria sociedade. Dentro da retórica, ela funciona como um arquivo de todas as informações do discurso, mas as inscrições desempenham um desdobramento da memória, já que elas não se restringem aos ambientes privados. Pensando na função das epígrafes e suas respectivas construções, nota-se que elas contêm as informações relevantes para a sociedade, criando uma espécie de memória coletiva para os membros de uma sociedade ou coletividade. Percebe-se também, a partir dessa análise, que as inscrições epigráficas servem como uma fonte histórica importante para entender o universo romano, como afirma D’Encarnação (1996) ao enumerar as razões para a importância das inscrições:

Em terceiro lugar, como fonte histórica, as inscrições abarcam todos os domínios: a legislação, as manifestações religiosas e de bruxaria, a ternura da vida familiar, a sobrançeria dos políticos, o orgulho duma cidade nos seus monumentos e nos seus ilustres, o clandestino secretismo dos grafitos... (D’Encarnação, 1996, p. 102).

Ao estudar sobre a epigrafia romana, percebe-se que, no mundo antigo, as inscrições se apresentavam em diferentes contextos: o *contexto jurídico*, através de leis municipais e atas; o *ambiente religioso*, através das inscrições votivas, dedicadas aos deuses, sacerdotes e entidades religiosas, além de feitiços e encantamentos; as *inscrições privadas*, dedicadas a membros familiares e parentes; os *grafitti* e os *carmina latina epigraphica*, que demonstram como o povo transforma a cultura da alta sociedade, entre outras. O que chama a atenção, no

¹⁵ Embora o artigo de Meyer retrate apenas as inscrições latinas monumentais do Principado de Augusto, as características do sistema comunicativo encontram-se também nas inscrições latinas cariocas, principalmente o *sucesso* e a *memória*. O *pertencimento/conexão* e a *adequação social* aparecem em menor quantidade e adaptadas ao contexto histórico-cultural da cidade do Rio de Janeiro.

entanto, são as inscrições que falam sobre os monumentos e também sobre as figuras políticas da época, por apresentarem narrativas pontuais sobre determinados episódios particulares do contexto histórico-cultural e político de uma determinada época.

Alguns autores literários de Roma reconhecem o valor das inscrições latinas como parte da sociedade romana: Plínio, o Velho, por exemplo, explorou a temática da prática epigráfica no livro XXXIV de sua História Natural, mostrando um aumento considerável nas estátuas de bronze e, conseqüentemente, nas inscrições epigráficas em homenagem a esses mesmos homens (Ruíz-Gutiérrez, 2017, p. 15). Aproveitando-se desse exemplo, percebe-se que as inscrições epigráficas latinas se apresentavam como uma ferramenta de divulgação ou mesmo um arquivo a olhos vistos, tanto no mundo antigo quanto no mundo moderno, contendo toda série de informações necessárias para compreender como funcionava um determinado tempo ou sociedade, em todos os seus âmbitos. Considera-se até as inscrições como pequenas crônicas de um cotidiano histórico, registrado nas superfícies, ao alcance de todos e para a compreensão de alguns, como Musti (2010, p. 188) declara, a respeito da memória dentro do universo historiográfico romano:

Memória, porém, do tipo 'cronista', por isso numa relação particular com o tempo dos acontecimentos naquelas recordações, sendo a crônica um registro tendencialmente imediato e direto dos acontecimentos que se consideram de suficiente importância pela comunidade para que fossem registrados, além do mais (como compete justamente ao imediatismo do registro informativo) de forma breve (de fato, a exposição histórica se reserva um espaço bem maior, quando tenha lugar a consideração de mais acontecimentos e as suas correlações, isto é, quando tenha lugar uma fatia mais ampla de tempo histórico, uma medida longitudinal bem mais marcada).

Concluimos, assim, que a memória se relaciona intimamente à inscrição. Traçando uma rápida definição do que é uma inscrição, nos baseamos nos estudos de teóricos como Pintado (2009), Woolf (1996) e Susini (1982); encaramos uma inscrição como um exemplar da escrita, cujo texto é sua parte fundamental e sua análise. Mas não lidamos com um texto aleatório ou uma mensagem acidental, mas um registro que possui emissor, receptor, código e um determinado contexto, colocado numa determinada superfície. Para que uma escrita seja considerada epigráfica, são necessárias algumas características: ela precisa se adequar a um estilo lapidar e conciso¹⁶; além disso, uma inscrição epigráfica deve possuir a capacidade de estabelecer uma comunicação com diversos leitores, tanto da geração contemporânea à inscrição quanto das gerações futuras à mesma. Em outras palavras, uma inscrição epigráfica não funciona como mero elemento decorativo de uma construção, mas transmite uma mensagem que deve comunicar-se à distância (Desbordes, 1996, p. 72), à medida que sua leitura está

¹⁶ De acordo com Corassin (1999, p. 207-208), entende-se por *estilo lapidar e conciso* um estilo pertencente à superfície de pedra e adequada a um espaço restrito, transmitindo uma mensagem com o mínimo possível de caracteres.

disponível a indivíduos de diferentes gerações, resultando na compreensão e despertando algum tipo de emoção no leitor. Para a Antiguidade, uma inscrição significava um desejo de perenidade e recordação ou a melhor garantia de glória eterna (Pintado, 2009, p. 3-4). Trazendo essas características para a realidade das inscrições latinas do Rio de Janeiro, nota-se que elas buscavam, entre outras coisas, exaltar as mudanças e reformas urbanísticas ocorridas na cidade e as figuras políticas e ilustres da época (muitas vezes, de forma exageradamente laudatória).

Ainda falando sobre a memória, pode-se depreender que as inscrições expõem o que Assmann (2008) chama de “memória comunicativa”; trata-se de recordações de um passado recente que se guardam e compartilham em sociedade. A epigrafia, no universo romano, foi um meio de transmissão e comunicação eficaz para divulgar a memória comunicativa, de modo que permite a perduração no tempo. Graças à durabilidade dos textos, os estudiosos puderam investigar e estudar sobre a cultura romana. O hábito epigráfico, no entanto, não ficou restrito apenas à Antiguidade greco-romana; durante as várias etapas do Renascimento, a cultura greco-romana voltou a ganhar interesse dos acadêmicos e estudiosos. Entre outros aspectos, o hábito de colocar inscrições latinas em monumentos foi retomado (em muitos casos, copiado) da Roma antiga, como afirma D’Encarnação:

Cientes já da grande importância histórico-documental da inscrição, os Acadêmicos dão conta, nos seus relatórios, do que, nesse domínio, encontram aqui e acolá. As suas interpretações nem sempre são as mais confiáveis, é bem de ver; no entanto, foi enorme o seu contributo para o conhecimento de epígrafes que, doutra sorte, se teriam perdido para sempre. De resto, tanto no século XVII como, sobretudo, no XVIII, o seu empenho em preservar tais monumentos chegou ao ponto de copiarem os que encontravam, anotando, mediante gravação no próprio original ou na cópia, o local e a data do achamento. O entusiasmo foi grande por toda a Europa e os reis não hesitaram em deixar gravar nos pedestais das suas estátuas epítetos como AVGVSTVS, PIVS, FELIX, que eram, afinal, os epítetos correntes nas inscrições em honra dos imperadores romanos do século III em diante (D’Encarnação, 1996, p. 103).

Quanto à definição do monumento, baseando-se nos estudos de Choay (2001) e Ruíz-Gutiérrez (2017), usa-se a acepção mais moderna do termo, considerando como monumento a própria construção. Além disso, ao analisar a etimologia do termo¹⁷, percebe-se que se trata de algo que deve ser lembrado por uma ou mais pessoas; ainda, nota-se que os termos monumento e memória estão intrinsecamente ligados pela etimologia, funcionando como um conjunto em prol das recordações históricas dentro de uma determinada coletividade. Considerando que a pesquisa vem trabalhando com as inscrições latinas cariocas localizadas em monumentos e logradouros públicos, interessa saber o conteúdo de tais mensagens e das narrativas presentes

17 De acordo com Le Goff (1990), *monumentum* remete a uma das funções do espírito (*mens*), a memória (*memini*). O verbo *monēre* significa, entre outras coisas, fazer lembrar; por essa razão, um monumento é tudo aquilo que pode evocar o passado ou perpetuar a recordação.

nessas mensagens. Embora o número desse tipo de inscrições seja reduzido se comparado com as inscrições monumentais romanas, algumas características permanecem imutáveis, como mostra Corassin ao falar sobre a escrita das inscrições localizadas em obras públicas:

As inscrições relativas a obras públicas são abundantes, comemorativas da construção ou restauro de monumentos e edifícios públicos. Aparecem em fóruns, nas termas e aquedutos; em ambientes ligados à vida política, como a cúria do senado; em locais culturais, como bibliotecas, e em obras decorativas como fontes, arcos e obeliscos. Podem ter sido colocadas pela comunidade ou oferecidas por particulares, colégios e associações. Durante a República o cuidado com obras públicas era encargo de magistrados, como os cônsules; posteriormente foram também criados magistrados especiais como os *curatores viarum* para cuidar da manutenção de ruas e pontes (Corassin, 1999, p. 211).

Dentro da cidade do Rio de Janeiro, os monumentos se apresentam nas construções que fazem parte do conjunto arquitetônico formado durante a época Colonial (até o século XVIII) e Imperial (século XIX). O recorte temporal da pesquisa se concentra entre o final do século XVIII e o final do século XIX¹⁸, um período muito importante para o crescimento e desenvolvimento da cidade. Durante esse período, as inscrições latinas que fazem parte do *corpus* da pesquisa foram gravadas aos seus respectivos monumentos; elas ajudam a contar um pouco daquelas mudanças e seu entendimento se torna mais amplo em conjunto com o conhecimento dos fatos históricos e do contexto sociocultural da época.

Embora a noção de monumento enquanto patrimônio histórico só tenha se consolidado no século XIX, a cidade do Rio de Janeiro passa por transformações muito significativas no século anterior, com a sua mudança de *status* e a construção de logradouros públicos que a diferenciaram de outras cidades coloniais. Da mesma forma, algumas das narrativas históricas mais significativas sobre a cidade estão concentradas na era setecentista, um período em que o prestígio da língua latina permitia que ela estivesse registrada em inscrições epigráficas em alguns pontos da cidade. Para tanto, faz-se necessário entender quais foram os eventos importantes para a cidade ao longo do século XVIII.

18 O recorte temporal exato da pesquisa vai da década de 1760 até a década de 1870, abrangendo um período decisivo para a cidade do Rio de Janeiro. Ele foi escolhido à medida que as inscrições foram encontradas em obras dos acervos da Biblioteca Nacional (BN) e do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro (IHGB). Para fins de entendimento do *status* da cidade no século XVIII, voltamos ao início do século para entender como alguns eventos foram importantes para a cidade.

2 O Rio de Janeiro durante o século XVIII: um século de transformações¹⁹

A cidade do Rio de Janeiro, junto com a porção territorial conhecida como “América Portuguesa”, viveu um grande período de organização e desenvolvimento durante o século XVIII, acompanhando as políticas portuguesas que legitimavam o crescimento e a administração de sua maior colônia ultramarina. Ao longo daquele século, a Coroa Portuguesa organizou sua colônia, de modo a aumentar seu território, multiplicar os órgãos de justiça e governo e tomar outras medidas que transformaram o Brasil. Quanto ao Rio de Janeiro, durante o século XVII, a cidade vivenciou certo crescimento e uma mudança essencial para o seu processo de expansão territorial, com grande parte da população abandonando o Morro do Castelo e maior construção de edifícios públicos na planície do morro e em áreas próximas²⁰. Além disso, o começo do século XVIII foi um momento conturbado para a cidade, assolada por doenças ocasionadas pela umidade proveniente dos charcos e manguezais ou do mar e também pelo clima subtropical úmido, que propiciava um ambiente insalubre para seus habitantes.

A primeira grande mudança para cidade foi a abertura do “caminho novo” de Garcia Rodrigues, em 1705, que ligava Minas Gerais ao porto²¹ do Rio de Janeiro. Até então, a cidade do Rio de Janeiro se encontrava em ampla desvantagem, já que estava afastado das duas rotas principais de escoamento do ouro: a primeira, o Caminho Velho, que ia de Guaratinguetá até o porto de Paraty e um segundo caminho, que se estendia de Minas a Salvador, pelo vale do Rio São Francisco. Com o novo caminho, a cidade aumentou a circulação de visitantes. Percebido o potencial da cidade, a Coroa Portuguesa mandou fechar os dois caminhos mais antigos, aumentando, assim, a importância da cidade durante o ciclo do ouro, do qual São Paulo e Minas Gerais já se beneficiavam desde as últimas décadas do século XVII. Essa iniciativa tornou o porto do Rio de Janeiro importante entre as províncias, recebendo mais visitantes de outras províncias e de outras nações. Por outro lado, a cidade se tornaria muito visada por outras nações.

19 Para esse capítulo em específico, interessa-nos falar sobre a história do Rio de Janeiro no século XVIII e, de certa forma, sobre o motivo da importância da cidade.

20 Assim como em Roma, a cidade do Rio de Janeiro também possuiu o seu *pomerium* (ou sítio original): um quadrilátero formado pelos morros do Castelo, da Conceição, de São Bento e Santo Antônio. No começo do século XVIII, os habitantes já abandonaram o espaço do sítio original e adentravam as áreas tanto na direção norte (a área que conhecemos como São Cristóvão) quanto na direção sul (a área que conhecemos como Glória, Catete e imediações).

21 Antigamente, não havia um grande cais na cidade, mas existiam alguns cais do antigo porto do Rio de Janeiro, como na Praia do Peixe (depois conhecido com Cais Pharoux, um dos lados do Chafariz de Mestre Valentim, na Praça XV); o cais Velho da Glória (onde atualmente se encontra a mureta da Glória), que servia para os pescadores; o cais Novo da Glória (antiga Praia da Lapa e atual Avenida Augusto Severo); o cais dos Mineiros, próximo ao Arsenal da Marinha; a Docca da Alfândega, que ficava entre o Largo do Carmo e a Prainha (atual Praça Mauá), o cais do Valongo, entre outros.

Uma consequência direta do aumento de importância na cidade do Rio de Janeiro foram as invasões francesas de 1710 (Duclerc) e 1711 (Duguay - Trouin). No começo do século, muitos estrangeiros (principalmente judeus e franceses) estavam no território das Minas Gerais, para ocultar o ouro do contrabando e vendê-lo para o norte da Europa. Com o conflito instaurado entre os mineiros após a abertura do Caminho Novo, a França percebeu uma oportunidade de conseguir mais ouro com a tomada do Rio de Janeiro. Essa decisão também fora motivada por um conflito entre os reinos português e francês, gerado pela Guerra de Sucessão Espanhola (1701-1703); num primeiro momento, Portugal se aliara à liga franco-espanhola, visando proteger as fronteiras ibéricas, mas Portugal resolvera romper com a França e se aliar à Inglaterra, visando compensações territoriais benéficas.

Essa nova conjuntura política colocaria novamente as nações ibéricas em lados opostos e resultaria num acordo comercial entre Portugal e Inglaterra. Por consequência, várias feitorias e colônias portuguesas foram atacadas por corsários franceses durante 1705 e 1712. Como Portugal se encontrava em guerra, a construção do muro que serviria de proteção à cidade do Rio de Janeiro foi abandonada, tornando-a vulnerável a ameaças estrangeiras, mais precisamente francesas. Em 1710, Jean-François Duclerc invadiu a cidade; mas impedido de entrar pela Baía de Guanabara com seus homens, navegou para o antigo porto de Guaratiba e os franceses avançaram pela antiga zona rural (atravessando as antigas freguesias de Santa Cruz, Campo Grande, Camorim, Jacarepaguá e Engenho Novo)²² até chegar à zona central de cidade pela Lagoa do Boqueirão da Ajuda²³. A frota de Duclerc seria derrotada no Largo de Carmo²⁴.

Depois da prisão dos corsários e o assassinato de Duclerc, aparentemente, a cidade estava protegida e seus habitantes exaltavam o seu sistema de defesa (eficaz contra os ataques marinhos, mas deficiente contra os ataques continentais). Mas as relações entre Portugal e França se deterioraram, provocando nova invasão francesa no ano seguinte, comandada por René Duguay-Trouin. Embora a espionagem portuguesa tenha conseguido descobrir a partida dos franceses rumo ao Brasil, a esquadra passou despercebida pela Baía por conta de um denso nevoeiro. A nova invasão destruiu e saqueou a cidade, causando enormes estragos e exigiu um grande resgate do então governador Francisco de Castro Morais. Por causa desse episódio, os governantes da cidade passaram a se preocupar em fazer investimentos para a segurança e defesa da cidade. Entretanto, a junção das invasões francesas com o êxodo para as Minas Gerais criou um mal-estar dentro das capitanias brasileiras.

22 Esse percurso conhecido como Caminho Imperial (também chamado Caminho dos Jesuítas, Caminho das Minas, Estrada Real de Santa Cruz e Estrada Imperial de Santa Cruz), ligava a Quinta da Boa Vista à Fazenda Imperial de Santa Cruz. Esse caminho também fazia parte da Estrada Real, a principal via de escoamento do Ouro de Minas Gerais até o Rio de Janeiro. Algumas das atuais avenidas possuem placas indicando que eram trechos do antigo Caminho Imperial.

23 Atual Passeio Público.

24 Atual Praça XV de Novembro.

Em 1713, franceses e portugueses assinaram o Tratado de Utrecht, na Holanda, que reconhecia as duas margens do Rio Amazonas e a Colônia de Sacramento como domínios portugueses e atenuou os ânimos entre as duas nações por algum tempo. Dois anos mais tarde, novo tratado de paz foi assinado, dessa vez, por portugueses e espanhóis. Os conflitos ibéricos foram causados, em grande parte, pela rivalidade franco-britânica, com os ingleses atingindo preponderância nos mares e nos domínios ultramarinos enquanto a França presenciava o próprio declínio do domínio continental. A Península Ibérica já vivia em conflito por causa das expedições ultramarinas e da União Ibérica, mas cada uma das nações assumiu um dos lados opostos no conflito anglo-francês.

Entretanto, o tratado de Utrecht não prevaleceu muito e, alguns anos mais tarde, Lisboa e Madrid voltaram a ter desentendimentos, principalmente, por causa da Colônia de Sacramento e da bacia do Rio da Prata. A colônia foi ocupada pelos espanhóis em 1705, mas voltou a ser possessão portuguesa a partir de 1716. Por conta das expedições dos bandeirantes e das missões jesuíticas, muitos territórios foram desbravados, como as bacias dos rios Tietê e Paraná, Cuiabá e Amazonas. Ao longo de quase quatro décadas, as fronteiras ao norte e ao sul do Brasil se expandiram de tal forma que seria necessário estabelecer um novo tratado para dividir a América espanhola da América Portuguesa. O período entre a assinatura do tratado de Utrecht até o final da década de 1740 foi de relativa paz entre as nações ibéricas, ao mesmo tempo em que se intensificava a concorrência colonial e o poderio naval da Inglaterra aumentava a olhos vistos. Portugal manteve sua neutralidade em conflitos pontuais, como a Sucessão da Polônia (1733-1748) e a Sucessão da Áustria (1740-1748), mas a necessidade de um novo tratado territorial ganhou novos contornos entre 1739 e 1741, com um novo acirramento de tensões entre Inglaterra e Espanha, provocado pelo interesse inglês nas possessões espanholas (entre elas, o istmo do Panamá, uma espécie de porta de entrada para os dois lados da América Espanhola).

Em 1750, foi assinado o tratado de Madrid entre os reis João V, de Portugal, e Fernando VI, da Espanha; esse tratado delimitava os contornos geopolíticos do então território da América Portuguesa (que influenciaria os limites do atual território brasileiro), fazendo valer o princípio romano do *uti posseditis*²⁵, traduzido ao pé da letra como “o território é de quem nele habita”. A linha limítrofe cortava o território da Colônia, de modo que, a partir daquele momento, as bacias do Rio Negro, o território do Grão-Pará e do Mato Grosso pertenciam a Portugal; entretanto, uma cláusula do tratado declarava que os portugueses deveriam entregar a Colônia de Sacramento aos espanhóis, enquanto estes deveriam entregar a região dos Sete Povos das Missões (atualmente, parte do território do Rio Grande do Sul).

25 Tratava-se de dar à ocupação real da terra (como no direito civil) o valor de propriedade justa.

Entretanto, um novo conflito colocaria portugueses e espanhóis em lados opostos novamente, bem como aumentaria uma ameaça francesa ao Rio de Janeiro: foi a Guerra dos Sete Anos (1756-1763), quando França e Inglaterra estavam envolvidas em nova disputa causada pela supremacia colonial (o domínio marítimo e comercial); as nações ibéricas se encontravam em lados opostos: Portugal aliado à Inglaterra e a Espanha à França. Nesse conflito, Portugal não poderia manter sua neutralidade, pois se encontrava em quase todas as áreas estratégicas da rivalidade franco-britânica: a entrada para o mar Mediterrâneo, a rota para a Índia, a foz do Rio da Prata. O conflito piorou depois que uma esquadra francesa foi destruída por uma armada inglesa na costa de Lagos, em Algarves. Com isso, a França cobrou uma posição portuguesa, que, por sua vez, honrou as antigas relações diplomáticas e comerciais com a Inglaterra e entrou no conflito em 1761. No Brasil, esse conflito se refletiu com a invasão espanhola de São Pedro do Rio Grande e a tentativa de reaver os territórios ao sul, mais precisamente, os Sete Povos das Missões.

Desde 1733, Gomes Freire de Andrade (1685-1763) assumiu o cargo de Governador-Geral e acabaria sendo Governador do Sul (assumindo as capitanias do Rio de Janeiro, São Paulo e Vila Rica numa determinada época) e, durante a Guerra dos Sete Anos, ele estava no Sul, tentando resolver os conflitos da Colônia de Sacramento, quando foi retirado do conflito às pressas. Um temor ainda maior assolava a metrópole portuguesa: a corte de Luiz XV planejava invadir a praça mais importante do Império colonial português – a cidade do Rio de Janeiro. Tendo como principal estrategista o comandante D'Estaing, que permaneceu no Brasil alguns anos e, com sua memória, conseguiu relembrar informações importantes sobre o sistema de defesa da cidade e defendeu a ideia de que os franceses não atacassem o Brasil por Salvador (embora a cidade nunca tivesse sido conquistada pelos franceses), mas pelo Rio de Janeiro, pelo fato de seu porto acomodar as maiores riquezas. A instalação de um vice-reino francês no Rio de Janeiro era uma forma de compensação pelas inúmeras derrotas que a França vinha sofrendo ao longo da era setecentista; com a ajuda de d'Estaing e Beausnier de l'Isle, oficial da Marinha francesa e responsável pela expedição, a ordem para as tropas francesas zarparem rumo ao Brasil já estava sacramentada, quando a paz entre França e Inglaterra foi selada através do tratado de Amiens, em 1762.

Naquele mesmo ano, outra mudança definitiva marcaria a cidade: a capital do vice-reino foi transferida de Salvador para o Rio de Janeiro. Tal mudança, efetuada pelo Marquês de Pombal com a colaboração de Gomes Freire, seria marcada pela diminuição da importância dos territórios ao norte, e pelo conseqüente crescimento do *status* dos territórios ao sul da Colônia; por outro lado, também havia a necessidade de atender mais de perto as questões envolvendo as possessões espanholas da América do Sul. Em 1751, o Tribunal da Relação já fora criado

com a intenção de diminuir as dificuldades de remessa dos processos para Salvador; além disso, a cidade do Rio de Janeiro se encontrava numa posição estratégica para se comunicar tanto com o norte quanto com o sul, tornando-se uma espécie de *locus* articulador da região Centro-Sul da colônia (Bicalho, 2003, p. 85).

A partir daquele momento, a maior preocupação dos governantes no Rio de Janeiro era com a segurança da cidade e da Baía de Guanabara²⁶, a porta de entrada para a cidade. Com isso, tornou-se necessário ampliar as baterias e os fortes e as fortalezas da cidade para proteger os seus habitantes e, principalmente, a Baía, muito visada por corsários estrangeiros. Uma parte dos estrangeiros, ainda, possuía a habilidade de ler as inscrições epigráficas em latim. Assim, a presença de inscrições latinas na cidade do Rio de Janeiro funcionava como uma renovação do hábito de inscrever mensagens em latim em construções públicas, igrejas e epitáfios, como espécie de “fase tardia” da recuperação dos modelos da Antiguidade romana percebido durante as várias fases do Renascimento. Percebe-se essa recuperação como marco das estratégias de comunicação da elite, ou seja, uma tradição de *aemulatio*²⁷ (ou emulação) própria ao mundo clássico greco-romano, visto como símbolo de modelo cultural e erudito, além de abrigar a chamada “civilização da epigrafia”. Assim, nota-se, também, a criação de novas inscrições epigráficas para uma comunicação propagandista, memorialística e laudatória. Retornando à defesa da cidade, um dos fortes que compunham a proteção, localizado na margem direita da Baía, era o antigo Forte de São Luís. Esse forte possuía duas inscrições latinas, que possuíam uma narrativa histórica sobre o momento da sua construção e inauguração.

3 Um exemplo de narrativa histórica: o Forte de São Luís

Para exemplificar a presença de uma narrativa histórica numa inscrição latina, utiliza-se das inscrições latinas encontradas na cidade do Rio de Janeiro. O antigo Forte de São Luiz teve seus primórdios em 1567, época em que Mem de Sá expulsou definitivamente os franceses da Baía de Guanabara, durante a época da França Antártica; a construção colonial era, de acordo com Ferreira (1928, p. 57), um pequeno posto de vigilância. Esse posto estava implantado no alto do morro do Pico e era subordinado à então Bateria de Nossa Senhora da Guia, localizada na área do bairro da Jurujuba, em Niterói; atualmente, a bateria é totalmente inexistente, sendo

26 Ressaltamos aqui que não consideramos a Baía de Guanabara em sua totalidade para a nossa pesquisa. O motivo: sua extensão é muito maior do que a área coberta por nosso estudo, de modo que nos concentramos nas duas margens da entrada da Baía e a proximidade das construções (principalmente os fortes, as fortalezas e os chafarizes) às suas margens ajudou no desenvolvimento do estudo.

27 A emulação era uma forma de expressão literária em que o autor de determinado gênero literário usa os mesmos lugares-comuns e elementos compositivos específicos, tal como outros autores fizeram no passado. No caso da epigrafia, a emulação ocorria com a repetição de fórmulas, abreviaturas e expressões utilizadas na Antiguidade romana e retomadas a partir do Renascimento e através dos humanistas.

que, do antigo forte, somente temos o portão principal, junto ao novo forte de São Luís. Sua nova construção, proposta pelo brigadeiro engenheiro Jacques Funck²⁸ ao vice-rei D. Antônio Rolim, Conde de Azambuja, ocorreu a partir de 1769-1770, durante o governo do vice-rei D. Luís de Almeida Portugal, o II Marquês do Lavradio, seguindo o plano de proteger a cidade em linha contínua.

Durante o processo de construção, o próprio Marquês do Lavradio relatou a preocupação em construir o forte no alto do morro, afirmando que enfrentou diversas dificuldades em reconhecer o terreno e empreender a obra a tempo de enfrentar possíveis investidas espanholas contra a Baía de Guanabara. A construção foi concluída em 1775, durante o governo do vice-rei Luís de Almeida. Até 1811, o Forte de São Luís foi autônomo, sendo incorporado à Fortaleza de Santa Cruz, também localizada em Niterói; seria reativado em 1863, durante o conflito diplomático conhecido como Questão Christie²⁹, permanecendo sob o comando da Fortaleza de Santa Cruz. No começo do século XX, passaria por novas reformas, com a construção de uma fortificação mais moderna. Desde 1938, foi incorporado ao Forte Barão do Rio Branco, também localizado no Morro do Pico.

Da antiga fortificação desativada, encontra-se apenas o portão de entrada, que conserva duas inscrições epigráficas em latim. Na parte superior do portão de entrada, apresenta-se da seguinte maneira:

JOSEPHO IMPERANTE
FIDELmo PORTUGALIAE REGE PROVIDENTmo PRINCIPE
ARX HAEC, DIVO ALOISIO SACRATA
FUNDATA EST 1775.

Tradução: Durante o comando de José I, fidelíssimo rei de Portugal e providentíssimo príncipe, esta fortaleza, consagrada a São Luís, foi fundada em 1775.

A segunda inscrição, também localizada na parte superior, do portão de entrada, diz:

SUB ALOISIO DE ALMEIDA
MARCHIONE II LAVRADIENSI
BRASILIAE PRO-REGE
AD HUIUS OPERIS STRUCTURAM

²⁸ Em 1768, esse engenheiro fez a proposta de fortificar toda a cidade do Rio de Janeiro, baseado nos últimos eventos – os conflitos entre Portugal e Espanha e a invasão do Rio Grande do Sul, por D. Pedro de Cevallos.

²⁹ A Questão Christie foi um impasse diplomático ocorrido entre o Império do Brasil e o Reino Unido entre os anos de 1862 e 1865. Inicialmente motivada pela vigilância do tráfico atlântico e a interferência britânica na escravidão brasileira, alguns conflitos internos envolvendo ingleses no Brasil se transformaram em incidentes diplomáticos internacionais por parte de William Douglas Christie, embaixador britânico no Brasil. Cabe lembrar que as relações diplomáticas entre Brasil e Reino Unido já se estendiam desde o século anterior.

AUDENTE HUCUSQUE NEMINE
OMNEM MOVENTE LAPIDEM
FIRMISSIMO EJUS CONATUI TANTA OBJECTA MOLE
ETIAM SUB IMPENDENTIS HISPANORUM BELLI TURBATIONE
FRUSTRA OBTINENTE
AD HOSTIUM INCURSIONEM RETUNDENDAM
SUNT HAEC MEMORATO ANNO INCHOATA MOENIA
AC INFRA TRIENNIUM PERFECTA³⁰

Tradução: Sob Luís de Almeida, segundo Marquês do Lavradio, vice-rei do Brasil, quando ninguém se arriscou, até este momento, à construção desta obra, afastando toda pedra em tão grandiosa construção apresentada ao seu vigorosíssimo empenho, ainda sob a perturbação de uma guerra iminente contra os espanhóis, este em vão se ocupando de uma incursão repelida dos inimigos, estas muralhas foram levantadas no celebrado ano e terminadas em menos de três anos.

Analisando a narrativa da primeira inscrição, nota-se, em primeiro lugar, uma referência ao governante português da época (D. José I) com um ablativo absoluto (JOSEPHO IMPERANTE), o responsável pela liberação dos recursos financeiros para as obras públicas da cidade. A inscrição ainda ressalta a figura positiva do rei através de alguns adjetivos (FIDELMO PORTUGALIAE REGE PROVIDENTMO PRINCIPE), mostrando o quão responsável o monarca era pela proteção de sua maior colônia ultramarina. O forte recebeu esse nome em homenagem a São Luís IX, rei da França que seria santificado posteriormente; o forte ganhou o mesmo nome do santo, porque ele era o protetor e padroeiro dos franceses que construíram a primeira fortificação no morro do Pico, durante a época da França Antártica³¹. Essa informação explica a expressão DIVO ALOISIO SACRATA dentro da inscrição. Um detalhe curioso é que o forte aparece na inscrição através do termo ARX³², cuja tradução era a de uma cidadela fortificada ou fortaleza e se refere à defesa e proteção da cidade. Ainda, o forte servia como um dos pontos de desembarque de navios na entrada da Baía de Guanabara, já que o forte abrigava os passageiros mais nobres antes de desembarcarem na cidade, como medida de segurança contra levantes marítimos. A primeira inscrição é finalizada com a indicação da data de inauguração do forte em algarismos

30 Cf. *Revista do IHGB*, tomo IV, 1842, p. 425-426.

31 A França Antártica foi uma colônia francesa estabelecida na região da Baía do Rio de Janeiro (primeiro nome da Baía de Guanabara), no século XVI, com o apoio dos tamoios, a população nativa da Guanabara, existindo de 1555 a 1570, quando os últimos remanescentes da aliança franco-tamoia foram derrotados na Batalha do Cabo Frio. A partir da visita secreta de Nicolas Durand de Villegagnon à região de Cabo Frio, em 1554, onde seus compatriotas praticavam escambo, tomou ciência dos hábitos dos portugueses naquela região e, assim, colheu dados essenciais ao futuro projeto de uma expedição para a fundação de um estabelecimento colonial. A França não deixaria de tentar novas incursões durante o período colonial brasileiro.

32 Na Antiguidade romana, esse termo refere-se à cidadela fortificada de Roma, no topo do monte Capitolino.

arábicos, fugindo ao hábito de gravar a datação ao estilo romano, com algarismos e expressões de tempo próprias da época romana.

Na segunda inscrição, encontra-se, logo no início, o nome do responsável por pedir a licitação das obras, D. Luís de Almeida, o vice-rei do Brasil na época (SUB ALOISIO DE ALMEIDA MARCHIONE II LAVRADIENSI BRASILIAE PRO-REGE) marcado no caso ablativo (acompanhado da preposição *sub*), para denotar o tempo em que se deu a construção e inauguração do forte. Observa-se a concisão do texto epigráfico com a marcação do nome e sobrenome do vice-rei, bem como o título de marquês. Após a menção ao vice-rei, segue-se uma série de ablativos absolutos³³, continuando a construir uma completa narrativa sobre a construção do forte (que, posteriormente, se tornaria parte do conjunto arquitetônico e turístico da cidade); nota-se grande exaltação aos feitos do Marquês do Lavradio, referente aos seus esforços (AD HUIUS OPERIS STRUCTURAM AUDENTE HUCUSQUE NEMINE) para conseguir a licitação do forte, bem como o esforço conjunto de vice-rei e dos operários para empreender e erguer uma construção abaluartada de tamanho porte (OMNEM MOVENTE LAPIDEM/FIRMISSIMO EJUS CONATUI TANTA OBJECTA MOLE), semelhante a um castelo medieval para proteger as terras e águas do Rio de Janeiro.

Ainda na época de inauguração do forte, as tensões entre os reinos espanhol e português permaneciam, o que explica a perturbação de guerra iminente mencionada na inscrição (SUB IMPENDENTIS HISPANORUM BELLII TURBATIONE); como observamos anteriormente, os conflitos ibéricos marcaram profundamente o século XVIII em muitas oportunidades, especialmente na disputa pela possessão da Colônia de Sacramento, que só terminaria em 1777, quando ela seria entregue definitivamente aos espanhóis. De fato, houve uma declaração de guerra por parte dos espanhóis em 1772, durante as construções do forte, mas acabou por não se concretizar (FRUSTRA OBTINENTE AD HOSTIUM INCURSIONEM RETUNDENDAM) e a tensão entre as nações ibéricas permaneceu até a nova divisão dos territórios sul-americanos e, principalmente, brasileiros. A segunda inscrição apresenta uma complementação diferente à datação, indicando o tempo levado para erguer a construção (SUNT HAEC MEMORATO ANNO INCHOATA MOENIA AC INFRA TRIENNIUM PERFECTA), sempre valorizando os feitos do vice-rei e, de certo modo, mostrando que a segunda inscrição é mais antiga que a primeira, já que mostra o tempo em que a construção começou a ser construída de fato, em 1772 (MEMORATO ANNO), e depois de quanto tempo ela ficou pronta (AC INFRA TRIENNIUM PERFECTA). O conjunto epigráfico do monumento acaba por demonstrar uma narrativa histórica, no sentido de abordar a história político-social daquela época, mas também do próprio monumento, como se a pedra falasse da própria pedra.

³³ Ablativos absolutos são estruturas sintáticas latinas que funcionam como orações subordinadas adverbiais reduzidas de participio que não possuem vínculo com a oração principal; essas podem apresentar o participio presente ou passado. Equivalem às orações subordinadas adverbiais no português, expressando circunstâncias de tempo, causa e condição, entre outras.

Considerações finais

Após analisarmos alguns fatos sobre a história da cidade do Rio de Janeiro e dos comentários, concluímos que a inscrição é um documento registrado numa obra pública, contando eventos histórico-políticos da década de 1770, assim como narrava o processo de construção do forte. Percebe-se que as inscrições latinas funcionam também como produto de conhecimentos de língua latina, ligado ao poder político e à cidade, visto que a narrativa encontrada na inscrição foi moldada com intenções edificativas e de propaganda; talvez, as características da inscrição sejam uma forma de impressionar os estrangeiros que aportavam no forte, mostrando que existia ali uma civilização em crescimento.

Ao contrário de outras inscrições, as inscrições latinas do antigo Forte de São Luís ainda permanecem preservadas, como parte do que Vieira Ferreira chama de “Epigraphia Brasileira” (Cf. Ferreira, 1929, p. 35), o que abre espaço para refletir sobre o papel da memória brasileira nas inscrições latinas cariocas. Nessas duas inscrições, em particular, possuímos um relato histórico do momento em que a cidade do Rio de Janeiro se desenvolvia, tentando aperfeiçoar uma parte do seu sistema de defesa e proteção; ademais, a inscrição também menciona os conflitos ibéricos, que influenciaram diretamente a Colônia portuguesa, mostrando um capítulo particular da História do Brasil e do Rio de Janeiro em vestígios da língua latina.

Referências

BICALHO, Maria Fernanda. **A cidade e o império: o Rio de Janeiro no século XVIII**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CALMON, Pedro. **História do Brasil**. 3º volume: a organização (1700-1800). Rio de Janeiro: Companhia Editoria Nacional, 1943.

CORASSIN, Maria Luiza. O uso da escrita na epigrafia latina. **Classica**, São Paulo, v. 11/12, n. 11/12, p. 205-212, 1998/1999.

FERREIRA, Vieira. Antigas inscrições do Rio e Niterói. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, Rio de Janeiro, p. 29-58, t. 106, v. 160, 1929.

JULIÃO, Danilo Oliveira Nascimento. **As inscrições latinas nos monumentos do Rio de Janeiro dos séculos XVIII e XIX**. 2018. 129 f. Dissertação (Mestrado em Letras Clássicas: Latim) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

MEYER, Elizabeth A. Epigraphy and Communication. *In*: PEACHIN, Michael (ed.). **Oxford handbook of social relation in the Roman world**. Oxford: Oxford University Press, 2011. p. 191-226.

MUSTI, Domenico. O pensamento histórico romano. *In*: CAVALLO, Guglielmo *et al.* (org.). **O espaço literário da Roma Antiga – Vol. 1: a produção do texto**. Belo Horizonte, Tessitura, 2010. p. 187-201.

PINTADO, Javier Andreu (org.). **Fundamentos de Epigrafia Latina**. Madri: Liceus E-xcellence, 2009.

PINTADO, Javier Andreu (org.). La Investigación sobre fuentes epigráficas. Las inscripciones y su contribución a la Historia de la Antigüedad: la epigrafía latina. *In*: AGORRETA, Maria Jesus Pérex (coord.). **Métodos y técnicas de investigación histórica I**. Navarra: Universidad Nacional de Educación a Distancia, 2012. p. 579-626.

RUÍZ-GUTIÉRREZ, Alicia. Monumenta memoriae causa: registros epigráficos de la memoria en el mundo romano. *In*: GIL, José Manuel Iglesias; GUTIÉRREZ, Alicia Ruiz (ed.). **Monumenta et memoria. Estudios de epigrafía romana**. Roma: Edizioni Quasar di S. Tognon, 2017. p. 11-35.

SANMARTIN, Bernardo. **Testemunhos de inícios vários na ex-cidade de São Sebastião, actual Capital federal da República dos E.U. do Brasil**. T. 1. Rio de Janeiro: Bernardo Sanmartin, 1928.

SANMARTIN, Bernardo. **Testemunhos de inícios vários na ex-cidade de São Sebastião, actual Capital Federal da República dos E.U. do Brasil**. T. 2. Rio de Janeiro: Bernardo Sanmartin, 1929.

SANMARTIN, Bernardo. **Testemunhos de inícios vários na ex-cidade de São Sebastião, actual Capital Federal da República dos E.U. do Brasil**. T. 3. Rio de Janeiro: Bernardo Sanmartin, 1931.

SUSINI, Giancarlo. **Epigrafia romana**. Roma: Jouvence, 1982.

WOOLF, Greg. Monumental writing and the of Roman society in the early Empire. **The journal of Roman studies**. Cambridge: Cambridge University Press, 1996. v. 86, p. 22-39.

A Odisseia de Higino: uma tradução anotada e ilustrada

Gelbart Souza Silva

Paola Luizi Sayeg

Introdução³⁴

A palavra “odisseia” faz parte do vocabulário comum e guarda em si ainda o quê aventureesco de onde deriva. Segundo o dicionário Aulete, em sua versão *on-line*, o substantivo tem a seguinte primeira acepção: “Longa viagem cheia de aventuras, peripécias e eventos inesperados”;³⁵ seguida de “Narração dessa viagem” e, figurativamente, “Qualquer coisa que envolve obstáculos e complicações inesperadas”. De fato, a viagem em que Odisseu (ou Ulisses, na forma romana) se encontra empreendendo quando tenta retornar para casa³⁶ após o fim da guerra contra Troia é mesmo “cheia de aventuras, peripécias e eventos inesperados”. Deuses de um lado e de outro fazem-no vagar em terras que lhe são estranhas e, no mais das vezes, nocivas. O caminho do herói de volta para o seio familiar é obstaculizado por tempestades, criaturas estranhas, bruxas e gigantes. Sua longuíssima e tortuosa viagem termina com seu retorno e o restabelecimento da ordem em seu reino. Essa é a síntese de sua jornada heroica, que é modelar na literatura.

Assim se consagrou a saga de Ulisses. Dessa forma, narra Homero em seu poema épico *Odisseia*, cujos versos inaugurais trazem um resumo do herói e de sua aventura:

O homem multiversátil, Musa, canta, as muitas
Errâncias, destruída Troia, pólis sacra,
As muitas urbes que mirou e mentes de homens
Que escrutinou, as muitas dores amargadas
No mar a fim de preservar o próprio alento
E a volta aos sócios. Mas seu sobre-empenho não
Os preservou: pueris, a insensatez vitima-os,
Pois Hélio Hiperiônio lhes recusa o dia
Da volta³⁷, morto o gado seu que eles comeram.
Filha de Zeus, começa o canto de algum ponto!
(Homero, *Odisseia*, I, 1-10; trad. Trajano Vieira)

Ulisses é um dos maiores personagens da literatura ocidental e figura no rol dos maiores *tricksters* das narrativas mundiais. Para além de Homero, Ulisses aparece em variadas fontes, de variegada maneira, o que o consagra como um verdadeiro tema e o torna um objeto rico

34 Introdução, tradução e notas de Gelbart; ilustrações de Paola.

35 Disponível em: <https://aulete.com.br/odisseia>. Acesso em: 12 abr. 2024.

36 Em grego, a narrativa de regresso é chamada de *nóstos* (νόστος), que dá origem a nossa palavra “nostalgia”, que, em sua primeira acepção, seria o sentimento triste ou a melancolia em relação a saudades da pátria.

37 “O dia **da volta**”, **νόστιμον** ἡμῶν (*Od.* I, 9).

no tocante à recepção ao longo das eras (Standford, 1968; Tresoldi, 2016). Ao longo dos séculos, a *Odisseia* homérica foi sendo recuperada e passando por diálogos diversos, dando ensejo à criação de novas obras inspiradas (como *Ulysses*, de James Joyce) e releituras (como *A Odisseia de Penélope*, de Margaret Atwood³⁸).

O episódio consagrado na epopeia de Homero não escapa também do escopo dos compiladores de mitos, como é o caso do autor que a seguir traduzimos, Higino (64 a.C. – 17 d.C), em suas *Fábulas*. Poucos dados seguros temos de quem Higino teria sido. Existiram alguns autores que corresponderiam a esse nome, dentre os quais quatro concorrem para ser aquele que se poderia estabelecer como autor das *Fábulas*, *Sobre Astronomia* e das demais obras perdidas.³⁹ Morcillo Expósito (2003) é da opinião de que a coincidência abre margem para crer que o autor Higino seria aquele liberto, bibliotecário de Augusto, de origem hispânica, a quem Júlio César trouxe para Roma como escravo por volta do ano 45, conforme também dão as informações de Suetônio (*De grammaticis et rhetoribus*, XX). Há quem seja contrário a essa atribuição, haja vista que as *Fábulas* estariam escritas, em relação à forma e ao conteúdo,⁴⁰ não à altura de quem “esteve no comando da Biblioteca Palatina e ensinou a muitos discípulos”,⁴¹ como biografista Suetônio. Por essa circunstância, o editor Herbert J. Rose (*apud* Alves, 2013) sugere que o autor dessas *Fábulas* seja, por assim dizer, um analfabeto funcional. Contudo, como explica Alves (2013), outros eruditos apontam que essa opinião não observa algumas premissas quanto à liberdade e ao estilo praticados à época. Conclui o pesquisador que o exercício especulativo dessa visão biografista é responsável por leituras

[...] que fazem equivaler divergência a erro [...] e exigem um nível de linguagem talvez distante das condições de produção e leitura da obra em estudo, em parte podem, segundo supomos, resultar de uma falta de atenção com o gênero de texto em que as *Fabulae* se inserem (Alves, 2013, p. 15).

As *Fábulas*⁴² recolhem mitos greco-romanos que abarcam o início da mais longínqua mitologia à mais recente. Seu foco é na pessoalização da mitologia e seu texto se apresenta como verbetes, à semelhança do que encontramos hoje em qualquer dicionário mitológico. O termo *fabula* evoca alguns sentidos, dentre os quais se conserva, no cerne, o fato de ser narrativa, ou seja, contar uma história, frequentemente fictícia. Como lida com o universo mítico, com deuses, criaturas sobre-humanas, aventuras de heróis e eventos insólitos, as *Fabulae*

38 Para um estudo sobre essa releitura, cf. Silva (2022).

39 *Exempla, De situ italicarum, De familiis troianis, De apibus, De agri cultura, De proprietatibus deorum, De dis penatibus, De uita rebusque illustrorum uirorum*. Para uma leitura dos testemunhos dessas obras perdidas, cf. Alves (2013, p. 10-13).

40 Para uma visão geral, cf. Hoyo e Ruiz (2007).

41 *Praefuit Palatinae bibliothecae, nec eo secius plurimos docuit*.

42 O título original parece ter sido *Genealogiae*, conforme se lê do próprio Higino em *De astronomia: De quo in primo libro Genealogiarum scripsimus*. Optamos nos referir sempre pelo que é mais corrente, no caso, *Fabulae*, traduzindo-a em *Fábulas*.

de Higino também recebem tradução na acepção “mitos”, como a publicação em italiano de Fabio Gasti (2017; *Igino – Miti del Mondo Classico*) e a em espanhol de Raúl Alejandro Romo Estudillo (2020; *Historias Mitológicas de Higino*), o que não foge ao escopo do termo latino.

Quanto à tradução dessa obra no Brasil, estamos já bem servidos com o trabalho que Alves (2013) apresenta em sua dissertação, pois, além das notas e dos comentários, fornece um estudo introdutório sobre o autor romano e sobre vários aspectos do texto. Temos notícia também que outra tradução está em processo, esta feita coletivamente pelo Grupo de Leitura, Estudo e Tradução de Literatura Latina Clássica (GETLA), sediado no Centrum Investigationis Latinitatis (CIL), da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Portanto, a nossa contribuição aqui figurará como mais uma tradução a que o leitor pode ter acesso para praticar o cotejamento com o texto latino. Os comentários e as notas que são acrescentados ao longo do texto servem à explicação, à indicação de intertextualidade e ao suplemento de um ou outro ponto, como informação sobre personagens, visando a instruir um leitor iniciante, escolar, como provavelmente seria o de Higino. Por fim, dispomos de ilustrações feitas pela artista Paola Luizi Sayeg, que empresta ao dicionário de Higino um novo diálogo, agora com imagens.⁴³

TEXTO ORIGINAL LATINO⁴⁴

ODYSSEA

Ulixes cum ab Ilio in patriam Ithacam rediret, tempestate ad Ciconas est delatus, quorum oppidum Ismarum expugnavit praedamque sociis distribuit. Inde ad Lotophagos, homines minime malos, qui loton ex foliis florem procreatum edebant, idque cibi genus tantam suavitatem praestabat, ut, qui gustabant, oblivionem caperent domum reditionis. Ad eos socii duo missi ab Ulixes cum gustarent herbas ab eis datas, ad naves obliti sunt reverti, quos vinctos ipse reduxit. Inde ad Cyclopem Polyphemum Neptuni filium. Huic responsum erat ab augure Telemo Eurymi filio, ut caveret, ne ab Ulixes excaecaretur. Hic media fronte unum oculum habebat et carnem humanam epulabatur. Qui postquam pecus in speluncam redegerat, molem saxeam ingentem ad ianuam opponebat. Qui Ulixem cum sociis inclusit sociosque eius consumere coepit. Ulixes cum videret eius immanitati atque feritati resistere se non posse, vino, quod a Marone acceperat, eum inebriavit seque “Utin” vocari dixit. Itaque cum oculum eius trunco ardenti exureret, ille clamore suo ceteros Cyclopas convocavit eisque spelunca praeclusa dixit: “Utis me excaecat.” Illi credentes eum deridendi gratia dicere neglexerunt. At Ulixes socios suos ad pecora alligavit et ipse se ad arietem et ita exierunt. Ad Aeolum Hellenis filium, cui ab Iove ventorum potestas

⁴³ Nos dias de hoje, não nos é estranha a categoria de “dicionário ilustrado”, nem mesmo um de mitos clássicos (cf. Silva, 2021). Não temos notícia de a obra de Higino, ainda na Antiguidade, ter recebido ilustrações, o que torna nossa iniciativa, no mínimo, interessante.

⁴⁴ Disponível em: <https://www.thelatinlibrary.com/hyginus/hyginus5.shtml>. Acesso em: 30 nov. 2023; essa é a versão digital de HYGINUS. *Fabulae*. Sagen der Antike. Ausgewählt und übersetzt von Franz Peter Waiblinger. München: Deutscher Taschenbuch Verlag, 1996.

fuit tradita; is Ulixem hospitio libere accepit follesque ventorum ei plenos muneri dedit. Socii vero aurum argentumque credentes cum accepissent et secum partiri vellent, folles clam solverunt ventique evolaverunt. Rursum ad Aeolum est delatus, a quo eiectus est, quod videbatur Ulixes numen deorum infestum habere. Ad Laestrygonas, quorum rex fuit Antiphates [. . .] devoravit navesque eius undecim confregit excepta nave, qua sociis eius consumptis evasit in insulam Aenariam ad Circen Solis filiam, quae potione data homines in feras bestias commutabat. Ad quam Eurylochum cum viginti duobus sociis misit, quos illa ab humana specie immutavit. Eurylochus timens, qui non intraverat, inde fugit et Ulixi nuntiavit, qui solus ad eam se contulit; sed in itinere Mercurius ei remedium dedit monstravitque, quomodo Circen deciperet. Qui postquam ad Circen venit et poculum ab ea accepit, remedium Mercurii monitu coniecit enseque strinxit minatus, nisi socios sibi restitueret, se eam interfecturum. Tunc Circe intellexit non sine voluntate deorum id esse factum; itaque fide data se nihil tale commissuram socios eius ad pristinam formam restituit, ipsa cum eodem concubuit, ex quo filios duos procreavit, Nausithoum et Telegonum. Inde proficiscitur ad lacum Avernum, ad inferos descendit, ibique invenit Elpenorem socium suum, quem ad Circen reliquerat, interrogavitque eum, quomodo eo pervenisset; cui Elpenor respondit se ebrium per scalam cecidisse et cervices fregisse et deprecatus est eum, cum ad superos rediret, se sepulturae traderet et sibi in tumulo gubernaculum poneret. Ibi et cum matre Anticlia est locutus de fine errationis suae. Deinde ad superos reversus Elpenorem sepelivit et gubernaculum ita, ut rogaverat, in tumulo ei fixit. Tum ad Sirenas Melpomenes Musae et Acheloi filias venit, quae partem superiorem muliebrem habebant, inferiorem autem gallinaceam. Harum fatum fuit tam diu vivere, quam diu earum cantum mortalis audiens nemo praetervectus esset. Ulixes monitus a Circe Solis filia sociis cera aures obturavit seque ad arborem malum constringi iussit et sic praetervectus est. Inde ad Scyllam Typhonis filiam venit, quae superiorem corporis partem muliebrem, inferiorem ab inguine piscis, et sex canes ex se natos habebat; eaque sex socios Ulixis nave abreptos consumpsit. In insulam Siciliam ad Solis pecus sacrum venerat, quod socii eius cum coquerent, in aeneo mugiebat; monitus, id ne attingeret, ab Tiresia et a Circe monitus Ulixes; itaque multos socios ob eam causam ibi amisit, ad Charybdinque perlatus, quae ter die obsorbibat terque eructabat, eam monitu Tiresiae praetervectus est. Sed ira Solis, quod pecus eius erat violatum (cum in insulam eius venisset et monitu Tiresiae vetuerit violari, cum Ulixes condormiret socii involarunt pecus; itaque cum coquerent, carnes ex aeneo dabant balatus), ob id Iovis navem eius fulmine incendit. Ex his locis errans naufragio facto sociis amissis enatavit in insulam Aeaeam, ubi Calypso Atlantis filia nympa, quae specie Ulixis capta anno toto eum retinuit neque a se dimittere voluit, donec Mercurius Iovis iussu denunciavit nympae, ut eum dimitteret. Et ibi facta rate Calypso omnibus rebus ornatum eum dimisit eamque ratim Neptunus fluctibus disiecit, quod Cyclopem filium eius lumine privaverat. Ibi cum fluctibus iactaretur, Leucothoe, quam nos Matrem Matutam dicimus,

quae in mari exigit aevum, balteum ei dedit, quo sibi pectus suum vinciret, ne pessum abiret. Quod cum fecisset, enatavit. Inde in insulam Phaeacum venit nudusque ex arborum foliis se obruit, qua Nausicaa Alcinoi regis filia vestem ad flumen lavandam tulit. Ille erepsit e foliis et ab ea petit, ut sibi opem ferret. Illa misericordia mota pallio eum operuit et ad patrem suum eum adduxit. Alcinous hospitio liberaliter acceptum donisque decoratum in patriam Ithacam dimisit. Ira Mercurii iterum naufragium fecit. Post vicesimum annum sociis amissis solus in patriam redit, et cum ab hominibus ignoraretur domumque suam attigisset, procos, qui Penelopen in coniugium petebant, obsidentes vidit regiam seque hospitem simulavit. Et Euryclia nutrix ipsius, dum pedes ei lavat, ex cicatrice Ulixem esse cognovit. Postea procos Minerva adiutrice cum Telemacho filio et duobus servis interfecit sagittis.

TRADUÇÃO: A Odisseia, de Higino

Ulisses, quando voltava de Ílion⁴⁵ para sua pátria⁴⁶, foi levado por uma tempestade para a terra dos Cíconos,⁴⁷ cuja cidade de nome Ísmaro ele expoliou e entre seus companheiros dividiu o botim.

Dali aos Lotófagos, homens em nada maldosos, que comiam a flor de lótus nascida das folhas. Isso se mostrava uma espécie tão agradável de pasto que a quem dela provava fazia esquecer-se do retorno à casa.⁴⁸

Dois companheiros enviados por Ulisses àqueles, quando provaram das plantas que lhes foram oferecidas, esqueceram-se de retornar aos navios, fazendo com que Ulisses em pessoa tivesse que trazê-los de volta, amarrados.

Dali chegou ao ciclope Polifemo, filho de Netuno.⁴⁹ A este uma vez Télemo, filho de Êurimo, havia predito que tomasse cuidado para que não fosse cegado por Ulisses.⁵⁰ Polifemo tinha um único olho no meio da testa e banquetear-se com carne humana. Ele, depois que já tinha trazido de volta para dentro da sua caverna seu rebanho, à entrada colocava uma pedra gigante e pesada.

45 Outro nome para Troia.

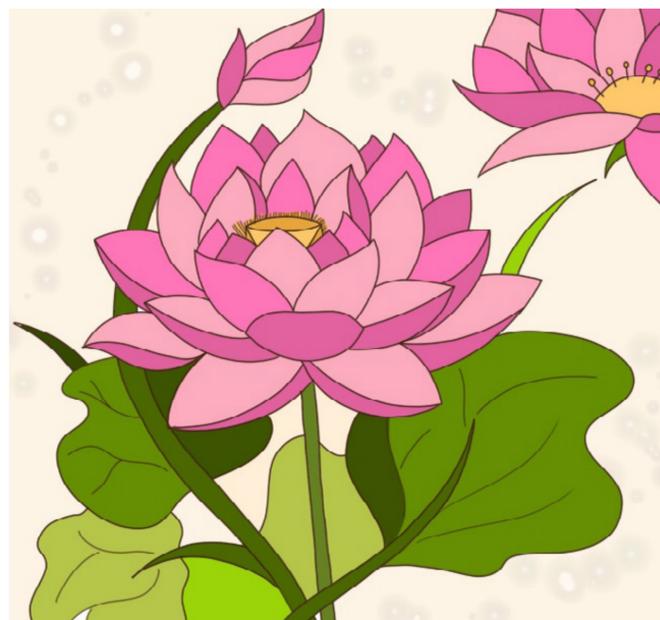
46 A saber, Ítaca, ilha grega ao mar Jônico. Cf. Homero, *Odisseia*, IX, 21-27: “[...] Meu lar é Ítaca e o Nérito, / monte longivisível folhifaralhante. / Circunvizinhas ínsulas abundam, Samo, / Dulíquio e a selvática Zacinto. Ítaca / repousa nos baixios talássios, derradeira / a oeste, as outras abrem-se ao sol do leste: / hirta de seixos, ótima nutriz de moços” (Tradução Trajano Vieira).

47 Povo da Trácia. Cf. *Od.* IX, 39-66.

48 Segundo Javier del Hoyo e José Miguel García Ruiz (2020), Higino teria confundido a fabulosa flor de lótus (cf. *Od.* IX, 82-104) com outra, esta real, comum no Egito, que nasceria das próprias folhas. Acrescenta ainda que Plínio (NH. V, 28) identifica a terra dos lotófagos com a atual ilha de Djerba na Tunísia. Giulio Guidorizzi (2022) comenta que Tzetzes, em um escólio a Licofron (815), localiza esse povo na Sicília.

49 *Polýphēmos*, segundo Brandão (2014), significaria “o muito comentado, o muito célebre”, o que, escreve, dá a impressão de um eufemismo. Além de ser filho de Netuno/Posídon, teria por mãe a ninfa Tóosa.

50 *Tēlemos*, “o que prevê com grande antecipação” (Brandão, 2014, n.p). *Od.* IX, 508-512: “Houve entre nós um caro e magno hariolo, Télemo / Eurímide, excelente vaticinador; / envelheceu profetizando entre os Ciclopes. / Disse que se daria tudo o que se deu, / que nas mãos de Odisseu eu perderia a vista.”. Cf. *Met.* XIII, 770- 775 (Tradução Domingos Lucas Dias).



Ele então fechou ali dentro Ulisses com seus companheiros e começou a comer os companheiros deste.⁵¹ Ulisses, ao ver que não podia enfrentar tamanha monstruosidade e ferocidade, embriagou-o com vinho, presente que ganhara de Marão,⁵² e declarou se chamar “Ninguém”.⁵³ Assim, quando Ulisses cauterizou o olho do monstro com uma trave em chamas, este com gritos chamou os demais ciclopes e a eles, de dentro da caverna fechada, disse:



“Ninguém me cega”

Eles, pensando que Polifemo dizia aquilo de brincadeira, não lhe deram atenção.⁵⁴

Por outro lado, Ulisses amarrou seus companheiros às ovelhas e a si mesmo a um carneiro, e assim foi como escaparam.

Então chegou a Éolo⁵⁵, filho de Hele⁵⁶, a quem Júpiter deu o poder sobre os ventos. Ele recebeu muito bem Ulisses e deu-lhe como presente bolsas de couro cheias de vento.⁵⁷ Os

51 Como bem observa Alves (2013, p. 59), “gostos à parte, tal recurso anafórico tem sua função na expressão das ações consecutivas e, a sua maneira, confere ao texto um caráter formular”, o que caracteriza bem o caráter breve e sucinto de um verbete de dicionário. Tomo a mesma decisão de Alves para a tradução do trecho que é a repetição de “companheiros”. Note-se que Ulisses não corre risco algum de ser devorado aqui, porque protagonista que é da odisseia narrada, paira sobre ele apenas a possibilidade de estar privado de auxiliares, o que de fato ocorre no final desta narrativa: *Post vicesimum annum sociis amissis solus in patriam redit*.

52 Marão, segundo Brandão (2014, n.p), era filho de Evantes e neto de Dioniso. Sobre o vinho: *Od. IX, 195-211*: “[...] Um odre / cápreo locupletei de vinho negro e doce, / um dom inesquecível de Maron Evânteo, / protetor dos ismaros, seguidor de Apolo, / porque o poupamos, reverentes, filho e esposa / também. Morava no sombreado bosque sacro / de Apolo Foibos. Ofertou-me dons esplêndidos: / deu-me talentos de ouro primorosamente / lavrados (sete!), deu-me uma cratera pleni/prateada e vinho que verteu em doze ânforas, / puro dulçor divino. Exceto o sacerdote, / sua consorte e a despenseira, ninguém amis / na casa, servo, ancila, sabia onde estava. / Quando bebiam vinho dulcime rubento, / para vinte medidas d’água, uma só / taça de vinho acrescentavam, e o divino / aroma da cratera se evolava [...]”.

53 O termo em latim é “utin”, transliteração do termo grego *Οὔτις*, empregado por Homero (*Od. IX, 366*: *Οὔτις ἐμοί γ’ ὄνομα*) e por Apolodoro (*Epít. VII, τοῦ δὲ εἰπόντος ὅτι Οὔτις καλεῖται*). Note-se que, em um universo mítico que todo nome tem significado motivado e num mundo em que o nome importa e distingue, chamar-se “ninguém” é planejar passar despercebido. Para além da função direta no nível narrativo do embuste de Ulisses, pode-se, querendo, ampliar os desdobramentos do episódio de “nomear-se ninguém”, o que excederia o espaço e ultrapassaria o interesse de uma nota de rodapé.

54 Aqui o quiproquó é evidente: um jogo entre o presságio sobre Polifemo e sua atitude possivelmente audaciosa ao “zombar” do fato de que ninguém o cegara quando, de fato, o presságio se cumprira tal qual previsto.

55 Há aparentemente um equívoco aqui, já que Higino misturou a referência a Éolo, deus dos ventos, filho de Netuno, com outro Éolo, este sim filho de Hele. Aquele Éolo seria, na verdade, neto deste, bisneto, portanto, de Hele, e não filho (cf. Grimal, 2005, p. 138-139). Mesmo assim, vale citar o que lembra Alves (2013, p. 244): o termo *filiius* também pode indicar, genericamente, “descendente”.

56 Hele é irmão de Frixo e filho de Átamas e Néfele. Átamas, depois de repudiar a primeira esposa, casou-se com Ino, com quem teve outros filhos. Esta tinha ciúmes dos filhos de Frixo e Hele, então decidira acabar com eles, mas Néfele teria intervido: enviara um carneiro voador com velo de ouro que os levaria a salvo para Cólquida, mas, no meio do caminho, Hele caiu no mar, e o lugar recebe então seu nome, *Helesponto* (“Mar de Hele”). Esse episódio o conta Higino no verbete sobre Frixo.

57 A palavra latina é *follis*, *-is*, que, dentre suas acepções, está “fole”, objeto que se usa para atizar o fogo com sopro. A menção ao presente da potestade dos ventos aparece assim em Homero: “O couro do odre que me deu era de boi / novigenário. Nele armazenou as rotas / dos ventos ululantes [...]” (*Od. X, 19-21*). A palavra em grego é *ἄσκος*, que significaria “saco feito de pele”, no caso especificada no texto homérico, *βοῦς*, “de boi”. Opto aqui por “bolsas de couro”, em vez de “foles”, em função da continuidade narrativa, haja vista que uma bolsa levanta mais suspeitas de guardar ouro e prata do que um objeto como o fole. Com essa opção também se pode aproximar um pouco mais Higino da sua fonte, Homero.

companheiros, porém, acreditando haver lá dentro ouro e prata, quando as receberam, quiseram dividir entre si o conteúdo, então sorratamente abriram as bolsas, e os ventos voaram embora. Levado de volta a Éolo, é expulso então por ele, já que Ulisses parecia ter contra si a vontade dos deuses.

Chegou aos lestrigões,⁵⁸ cujo rei era Antífates⁵⁹ [...];⁶⁰ este devorou e destruiu onze dos navios de Ulisses, à exceção do navio com o qual, depois que seus companheiros foram mortos, o herói fugiu para a ilha Enária,⁶¹ domínios de Circe, filha do Sol,⁶² que ao dar uma poção aos homens os transformava em bestas feras. Mandou Euríloco a ela com vinte e dois companheiros e esta os desfigurou a aparência humana.⁶³ Euríloco, que não havia entrado à casa por medo,⁶⁴ fugiu dali e contou o ocorrido a Ulisses, que sozinho se reuniu com ela. Contudo, no meio do caminho, Mercúrio deu-lhe um antídoto⁶⁵ e explicou-lhe de que modo poderia enganar Circe. Ulisses, depois que chegou a Circe e dela recebeu uma bebida, aplicou o antídoto, conforme Mercúrio lhe havia instruído, empunhou sua espada e ameaçou-a dizendo que, se ela não libertasse seus companheiros, seria morta. Então Circe percebeu que aquilo ocorria de acordo com a vontade dos deuses. Assim, depois de prometer não mais fazer aquilo, restituiu aos companheiros de Ulisses a antiga forma. Então ela deitou-se com ele e gerou dois filhos, Nausíto⁶⁶ e Telégono.

Dali se dirigiu⁶⁷ ao lago Averno, desceu aos infernos, onde encontrou Elpenor, seu companheiro, a quem havia deixado junto de Circe. Então Ulisses o interrogou sobre como havia chegado

58 Os lestrigões são, na mitologia, gigantes comedores de homens e lançadores de rochas (c. Homero, *Od.* X 80-132; Apolodoro, *Epít.* VII 12-13; Ovídio, *Met.* XIV 233-244). Onde ficaria a Lestrigônia é algo obscuro, não obstante Plínio (NH III 8,14) a situe na região sícula de Leontino e Horácio (*Odes* III, 16, 34) a localize em Formia, cidade costeira do Lácio, próximo à Campânia (Hoyo; Ruiz, 2009).

59 cf. *Od.* X, 105ss.

60 Indicação de lacuna. Vale, contudo, citar observação de Alves (2013, p. 245, nota 678): “Uma vez que o texto latino aqui não é mais obscuro que em outras partes das *Fábulas*, infere-se que a indicação da lacuna é, como em outras passagens, derivada do pressuposto de sua necessária adequação ao texto homérico”.

61 Há um equívoco aqui, que reverbera ainda mais abaixo na narrativa: a ilha de Circe é Eeia (Homero, *Od.* X 133-574; Virgílio, *Aen.* III 386). Autores indicam locais diferentes para a ilha, mas, na *Odisseia*, se situa na Itália, na península chamada hoje de Monte Circeu, perto de Caieta e de Terracina (Grimal, 2005, p. 92). Por sua vez, como explicam Hoyo e Ruiz (2009), com base em Tito Lívio (VIII, 22,6), Enária ficaria ao oeste do cabo Miseno, onde hoje se encontra Ísquia, na Itália.

62 Circe é uma feiticeira, filha do Sol e de Perse (Hesíodo, *Theog.*, 956-957) ou de Hécate. É Circe quem transforma Cila em monstro como punição a Glauco, que havia preferido a donzela e rejeitado a feiticeira (*Met.* XIV, 1-75; *Fab.* 199).

63 Cf. *Od.* X. 230-238; mais especificamente, na *Odisseia*, Circe transforma-os em porcos (ῥῆς, é o termo empregado por Homero).

64 Vale citar a observação de Alves (2013) que considera interessante o fato de Higino indicar o motivo de Euríloco não ter entrado em casa de Circe (*timens*, “temendo”), haja vista que o autor romano tende a abster-se de comentários sobre a psicologia das personagens. Segundo o pesquisador, *timeo* ocorre em outros verbetes e se caracteriza como uma *repetitio* a serviço do destaque de pontos privilegiados do mito. Nesse sentido, o “medo” se instalaria como um motivo literário da narrativa mítica.

65 Cf. *Od.* X. 302-307.

66 Mais um equívoco de Higino. Como bem observou Hojo e Ruiz (2009), Nausíto é filho de Calipso e de Ulisses, não dele com Circe, conforme Hesíodo registra em seu catálogo dos heróis (*Theog.* 1017).

67 Como observa Alves (2013, p. 246, n. 686), o verbo *proficiscitur* sem explicitação de sujeito deixaria a leitura ambígua, porque um leitor mais desatento poderia atribuir a ação a Circe. Contudo, a sequência de deslocação de cenários é sempre executada por Ulisses, personagem focalizado no verbe. Ademais, os verbos que encabeçam troca de cenários sempre podem ser atribuídos a Ulisses, a exemplo de *rediret* e *est delatus*.

àquele lugar. Elpenor⁶⁸ respondeu-lhe que, bêbado, caíra da escada e quebrara o pescoço, e pediu que, quando Ulisses voltasse para a superfície, desse-lhe sepultura e colocasse um timão em seu túmulo.⁶⁹ Ali Ulisses também falou com a mãe Anticleia⁷⁰ sobre o fim de sua jornada. Em seguida, já de volta à superfície, sepultou Elpenor e, assim como este pedira, afixou-lhe no túmulo um timão.

Então chegou às Sereias, filhas da musa Melpomenes e Aqueloo.⁷¹ Elas tinham a parte superior de mulher, mas a inferior de ave.⁷² Sobre elas havia a seguinte maldição: tanto viveriam enquanto nenhum mortal ouvindo seu canto conseguisse seguir o caminho.⁷³ Ulisses, tendo sido alertado por Circe, filha do Sol, tapou os ouvidos com cera e mandou que o atassem ao mastro, conseguindo assim atravessar as sereias.

Em seguida, chegou a Cila, filha de Tífon,⁷⁴ que tinha a parte superior do corpo de mulher, a inferior, da cintura para baixo, de peixe e seis cães que ela mesma gerara;⁷⁵ ela apanhou do



68 Elpenor, “o herói esperançoso” (Brandão, 2014, n.p), é um dos companheiros de Ulisses que Circe transformou em porco e, posteriormente, a quem devolveu a forma humana. Enquanto os demais preparavam a partida, Elpenor dormia ainda embriagado da bebedeira da noite anterior e, ao ser chamado, sem se dar conta de onde estava, caiu e morreu (Grimal, 2005, p. 134). As circunstâncias não permitiram que lhe fosse dado um funeral adequado e assim acabou ficando sem sepultura.

69 Cf. Homero, *Od.* X 552-560; XI 51-83; Grimal (2005) e Brandão (2014) registram que o túmulo, segundo lendas, fica no Lácio.

70 Anticleia, “a voltada para a glória, a nobre” (Brandão, 2014, n.p), é filha de Autólico, homem astuto que havia roubado o gado de Sísifo. Este fora à casa de Autólico à procura de seu gado e nessa oportunidade possuiu Anticleia. Mais tarde, Anticleia desposará Laertes. Em razão desse episódio, algumas vezes Ulisses foi considerado filho de Sísifo. Anticleia dá fim à vida pela angústia que a espera pelo regresso do filho lhe causa (Grimal, 2005, p. 30).

71 Aqueloo, homônimo de um rio da Etólia, o maior da Grécia, é filho de Oceano e de Tétis, o mais velho dos milhares deuses-rios. Para conferir variantes da linhagem e outras lendas, cf. Grimal (2005, p. 34-35).

72 Como observam Hojo e Ruiz (2009), Higino também cita as sereias no Prefácio e nos verbetes 14 e 91. Apontam ainda que a cauda de peixe, como são mais facilmente relacionadas hoje em dia, pode ser atestada do século VI, a partir do anônimo *Liber Monstrorum de diversis generibus*. Curiosa é a leitura feita na narrativa de Díctis em *Ephemeris belli Troiani*, pois, nessa obra de viés evemerista, os monstros como Polifemo, os lotófagos e as sereias são naturalizados (Cf. Silva, 2023). As sereias são reduzidas a uma formação rochosa e todo o enredo do canto místico e do estratagema de Ulisses é resumido numa frase breve e lacunar (*Eph.* VI, 5: *Post quae adpulsus Sirenarum scopulis, ubi per industriam liberatus sit*; “Depois disso, aproximou-se dos rochedos das sereias, de onde conseguiu sair ileso com inteligência”). Processo de naturalização semelhante ocorre em *Ephemeris* para os monstros Cila e Caríbdis.

73 Ovídio registra a transformação das Sereias no livro V, 551-563, das *Metamorfoses*: “[...] E vós, filhas de Aqueloo, por que / tendes penas e patas de ave, quando ostentais rosto de donzela? / Será porque fazíeis parte, douras Sereias, do grupo de suas / acompanhantes, quando, na primavera, Prosérpina colhia flores? / Depois de em vão a haverdes procurado pela terra inteira, / então, para que o mar sentisse a vossa inquietação, / desejastes poder deslocar-vos sobre as ondas / com as asas por remos, e tivestes os deuses favoráveis, / e vistes os vossos corpos cobrirem-se logo de uma penugem dourada. / Mas, para que o canto, criado para deleite dos ouvidos, / tão grande dote vocal não perdessem o uso da língua, / ficou-vos a face donzelas e a voz humana”.

74 Tífon, filho de Geia e do Tártaro, é um monstro intermediário entre homem e fera, de tamanho e força descomunais (para lendas e variantes, cf. Grimal, 2005, 448-449). Era considerado pai dos ventos (Hesíodo, *Theog.*, 869sq).

75 Cila, “a cadela”, é o monstro marinho que faz par com Caríbdis no Estreito de Messina. Inclusive é proverbial dizer “estar entre Cila e Caríbdis” quando se quer referir a uma situação sem saída agradável, como “entre a cruz e a espada”. Segundo Brandão (2014, n.p), “Era uma mulher monstruosa de seis cabeças, com três fileiras de dentes cada uma, doze pés e com seis cães medonhos em torno da cintura. Habitava uma caverna tenebrosa sob um altíssimo rochedo e devorava a quantos lhe passassem ao alcance”.

navio seis companheiros de Ulisses e os devorou.⁷⁶ Chegara à ilha da Sicília, ao gado sagrado do Sol, o qual, quando os companheiros de Ulisses o cozinhavam, mugia de dentro da panela de bronze. Tendo sido alertado por Tirésias e também por Circe, Ulisses não o tocou. Foi por esse motivo que ali ele perdeu muitos companheiros.

Foi levado a Caríbdis, que por três vezes ao dia sugava e por três vomitava, mas, graças ao conselho de Tirésias, consegue passar por ela.⁷⁷

Contudo, a ira do Sol, cujo gado havia sido violado (quando Ulisses havia chegado à ilha dele, por conselho de Tirésias, proibira a violação, mas, quando o chefe dormiu, os companheiros voaram sobre o gado; ao cozinharem-no, de dentro da panela as carnes emitiam balido), por causa disso, Júpiter incendiou com um raio o seu navio.⁷⁸

Saindo dessas paragens, depois de perder os companheiros em um naufrágio, escapou a nado até a ilha Eeia,⁷⁹ onde Calipso,⁸⁰ ninfa filha de Atlas,⁸¹ porque fora arrebatada pela beleza de Ulisses, o reteve por um ano inteiro⁸² e não permitiu que ele partisse até que Mercúrio, por ordem de Júpiter, impôs à ninfa que o deixasse partir. E, feita uma jangada, Calipso o deixou partir cumulado de todos os bens. Netuno, porém, destroçou a embarcação com suas ondas, porque privara da visão seu filho, o ciclope. Então, quando foi sacudido pelas ondas, Leucoteia,⁸³

76 Para essa passagem, cf. Homero (*Od.* XII 73-126, 222-259 e 426-450) e Apolodoro (*Epít.* 7, 20-21). Curiosa é a racionalização feita por Paléfato, em *Sobre histórias inacreditáveis*, que na tradução de Pereira (2016, p. 195) é a seguinte: “Eis a verdade: os Tirrenos possuíam navios que praticavam pirataria nas águas junto à Sicília e ao Golfo Iônico. Porém, particularmente rápido naquele tempo era um trirreme denominado Cila, que tinha uma imagem na sua proa. Era este trirreme que frequentemente perseguia os outros barcos e fazia deles um repasto. Existia, de facto, muita conversa a respeito. Numa dada ocasião, Ulisses escapou desse navio, com a ajuda de um forte vento favorável. Mais tarde, em Cercira, ele contou a Alcínoo a forma como foi perseguido e como escapou – e a aparência da embarcação. A partir disto, constituiu-se o mito”. De fato, não é estranho um navio com esse nome, pois ocorre em Virgílio na disputa no canto V, versos 114-285. Heraclito (*Sobre histórias inacreditáveis*) tem uma versão humanizada e, também, sexualizada da criatura mítica: “Conta-se que Cila devorava os marinheiros que passavam. Porém, Cila era uma bela meretriz, que habitava numa ilha com os seus adutores glutões e pobres. Juntamente com estes, ela ‘devoraria’ os seus clientes e, entre eles, os companheiros de Ulisses. Contudo, com o próprio Ulisses, falhou: ele era demasiado sensível” (Pereira, 2016, p. 236).

77 Como bem observam Hojo e Ruiz (2009), a ordem dos fatos é, tradicionalmente, outra: primeiro se passa entre Cila e Caríbdis (*Od.* XII. 101-114) e depois então se chega à Sicília (*Od.* XII. 127).

78 Essa passagem é problemática, pois, além da repetição, há uma quebra da sintaxe. Alves (2013, p. 247, n. 692), citando outros comentadores, explica que há suspeitas ou de corrupção ou de interpolação no trecho.

79 Como já notado, há aqui um equívoco: Eeia é a ilha de Circe (conforme correto em *Fab.* 127), confundida com a ilha Enária em trecho mais acima. Calipso, na verdade, morava na ilha de Ogígia (cf. *Od.* XII 447-449; Apolodoro, *Epít.* VII 23).

80 Calipso é “a oculta” ou “a que esconde” (Brandão, 2014, n.p). Duas linhagens são possíveis para Calipso: ela é ninfa filha de Atlas ou filha do Sol e Perseide, o que a faria irmã de Circe (Grimal, 2005, p. 71). Seu lar ficava na ilha Ogígia, que vem situada por alguns no Mediterrâneo ocidental e que, afirma Grimal, é identificável com a península de Ceuta, em frente de Gibraltar. Na *Odisseia*, ela tentava atrasar a volta de Ulisses oferecendo-lhe a imortalidade. Heraclito afirma, na sua racionalização do episódio, que não era a imortalidade que havia sido oferecida, mas, sim, a abundância de víveres (Pereira, 2016, p. 245-246).

81 Atlas é um gigante, filho de Jápeto e da oceânide Clímene, irmão de Menécio, Prometeu e Epimeteu (para lendas e variantes, cf. Grimal, 2005, p. 55; *Theog.*, 507ss). Seu nome, como sói acontecer nas narrativas míticas, representa seu destino, pois Atlas seria “o que sustém, suporta” o peso do céu (Brandão, 2014, n.p).

82 A contagem, como anotam Hojo e Ruiz (2009), varia em outras fontes: sete anos (*Od.* VII 259), cinco (Apolodoro, *Epít.* VII 24). Alves (2013, p. 247, n. 693) bem relembra que, na *Odisseia*, a menção ao período de um ano é feita no canto X, verso 467, durante a estada de Odisseu junto a Circe.

83 Ninfa amante de Apolo; o Deus a transformou na árvore que dá o incenso (*Met.* IV, 196) (Faria, 1962, p. 559); cf. . V, 333



a quem nós chamamos de “Mãe Manhã”,⁸⁴ que leva sua vida no mar, deu-lhe um cinturão com o qual, ao amarrá-lo ao peito, não afundasse. Quando assim fez, salvou-se a nado.

Dali chegou à ilha dos Feácios e, como estava nu, escondeu-se atrás das folhas das árvores, onde Nausícaa, filha do rei Alcínoo,⁸⁵ levou as roupas para lavar no rio. Ele se esgueirou pela vegetação e pediu a ela que lhe ajudasse. Ela, movida pela misericórdia, cobriu-o com um manto e levou-o a seu pai. Alcínoo, depois de o receber com hospitalidade e lhe ornar de presentes,⁸⁶ mandou-o para a pátria Ítaca.

Por ira de Mercúrio, sofreu mais um naufrágio durante a viagem.

Depois do vigésimo ano, tendo perdido os companheiros, Ulisses voltou para pátria sozinho. Como não era reconhecido por ninguém e já chegara em sua casa, viu os pretendentes que buscavam a mão de Penélope sentados no paço principal e fingiu ser um estrangeiro. Euricleia, a ama de Ulisses, quando lhe lava os pés, o reconhece pela cicatriz.⁸⁷ Depois, havendo Minerva como ajudadora, com o filho Telêmaco⁸⁸ e dois escravos, Ulisses matou os pretendentes a flechadas.⁸⁹



84 Na *Odisseia* (V, 278-383), é Ino, filho de Cadmo, também chamada de Deusa Branca em Roma, explica Grimal (2005, p. 277), passou a ser identificada com *Mater Matuta*, “cujo templo se encontrava no Forum Boarium, não muito longe do porto de Roma”. No mesmo bairro havia um santuário dedicado ao deus Portuno, com quem se assimilou Palémon, deus filho de Leucoteia.

85 Nausícaa, “aquela que se ocupa com a navegação ou ajuda os navegantes” (Brandão, 2014, n.p), é filha do Alcínoo, rei dos feácios, e de Arete (Grimal, 2005, p. 324). Tem papel decisivo para provimento da volta de Ulisses a Ítaca. Alcínoo, por sua vez, “o defensor da inteligência” (Brandão, 2014, n.p), é filho de Nausítoos e neto de Posídon; governava os feácios na ilha de Esquéria, lugar por alguns identificado com Corfu (Grimal, 2005, p. 18).

86 Cf. *Od.* XII 1-124; *Epít.* VII 25.

87 Sobre a cicatriz cf. *Od.* XIX 435-458.

88 Telêmaco, “o que combate ao longe” (Brandão, 2014, n.p), unigênito de Penélope e Ulisses, nasceu pouco tempo antes de eclodir a grande guerra que afastou seu pai. É na *Odisseia* que vemos sua história mais bem estabelecida, mas há diversos episódios paralelos narrados em mitógrafos e comentadores que são anteriores e posteriores ao que conta a aventura épica, dentre as quais uma curiosa em que Telêmaco seria pai de Homero (Grimal, 2005, p. 434).

89 Cf. *Od.* XXII, 1ss. Ao fim deste verbete haveria uma anotação marginal e um exemplar usado por Micyllus (1535) informando uma genealogia: “Dejoneu gerou a Céfalos; Céfalos, a Arcésio; Arcésio, a Laertes; Laertes, a Ulisses; Ulisses (de Circe), a Telêgono; (de Penélope), a Telêmaco; Telêgono (de Penélope, esposa de Ulisses), a Ítalo, que designou a Itália a partir de seu nome; de Telêmaco nasceu Latino, que a partir de seu nome denominou a língua latina” (Alves, 2013, p. 248, n. 696). Vale dizer que, no verbete seguinte, narra-se a desventura de Telêgono, que causará a morte do próprio pai. Parte dessa mesma genealogia aparece nesse verbete: *Eiusdem Minervae monitu Telegonus Penelopen, Telemachus Circen duxerunt uxores. Circe et Telemachus natus est Latinus, qui ex suo nomine Latinae linguae nomen imposuit; ex Penelope et Telegono natus est Italus, qui Italiam ex suo nomine denominavit.*

Referências

- ALVES, Diogo Martins. **Ciclos mitológicos nas Fabulae de Higino**: tradução e análise. 2013. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013. Disponível em: <https://greciantiga.org/pdf/higino.fabulas.alves.2013.pdf>. Acesso em: 30 nov. 2023.
- BRANDÃO, Junito de Souza. **Dicionário mítico-etimológico**. Petrópolis: Vozes, 2014.
- GRIMAL, Pierre. **Dicionário da Mitologia grega e romana**. Tradução Victor Jabouille. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- FABULAE**. Sagen der Antike. Ausgewählt und übersetzt von Franz Peter Waiblinger. München: Deutscher Taschenbuch Verlag, 1996
- HIGINO. **Fábulas**. Edición de Javier del Hoyo e José Miguel García Ruiz. Madrid: Gredos, 2009.
- HISTORIAS MITOLÓGICAS DE HIGINO**. Selección, traducción y texto introductorio Raúl Alejandro Romo Estudillo. México: UNAM, 2020.
- HOYO, Javier del; RUIZ, José M. García. Peculiaridades lingüísticas en las “Fabulae” de Higino. **Revista de estudios latinos: RELat**, n. 7, p. 39-52, 2007.
- HOMERO. **Odisseia**. Edição bilíngue. Tradução, posfácio e notas de Trajano Vieira. São Paulo: Editora 34, 2014.
- HIGINO. **Miti del Mondo Classico**. Saggio introdutorio, nuova traduzione e commento a cura di Fabio Gasti. Ariccia: RL S.p.A., 2017.
- MORCILLO EXPÓSITO, Guadalupe. Caius Iulius Hyginus, mitógrafo. **Anuario de estudios filológicos**, p. 267-277, 2003.
- ODISSEIA. In: *Aulete digital*. Disponível em: <https://aulete.com.br/odisseia>. Acesso em: 23 out. 2023.
- OVÍDIO. **Metamorfoses**. Edição bilíngue. Tradução, introdução e notas Domingos Lucas Dias; apresentação João Angelo de Oliva Neto. São Paulo: Editora 34, 2017.
- PEREIRA, Reina Marisol Troca. ΠΕΡΙ ΑΠΙΣΤΩΝ (Sobre Fenómenos Inacreditáveis). **Journal of Ancient Philosophy**, v. 10, n. 2, p. 140-302, 2016. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/filosofiaantiga/article/view/122225>. Acesso em: 30 nov. 2023.

SILVA, Gelbart Souza. Dicionário de mitos clássicos ilustrado. **Codex: Revista de Estudos Clássicos**, v. 9, n. 2, p. 172-175, 2021. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/8244906.pdf>. Acesso em: 30 nov. 2023.

SILVA, Gelbart Souza. Penélope não é Helena: a temática da mulher fatal em *A odisseia de Penélope*, de Margaret Atwood. In: SOUZA, Adílio Junior de (org.). **Estudos clássicos e filológicos: entre o antigo e o moderno**. Araraquara: Letraria, 2022. p. 93-115. Disponível em: <https://www.letraria.net/estudos-classicos-e-filologicos-entre-o-antigo-e-o-moderno/>. Acesso em: 30 nov. 2023.

SILVA, Gelbart Souza. **Secularização do mito troiano**: Ephemeris belli Troiani e De excidio Troiae historia. 2023. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Humanas, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São José do Rio Preto, 2023. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/250140/silva_gs_dr_sjrp.pdf?sequence=7. Acesso em: 30 nov. 2023.

STANFORD, William Bedell. **The Ulysses Theme**. 2. ed. Detroit: University of Michigan Press, 1968.

TRESOLDI, Tiago. **O Ulisses dos muitos retornos**: uma história do clássico. 2016. 363 f. Tese (Doutorado em Letras – História da Literatura) – Instituto de Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2016. Disponível em: <https://repositorio.furg.br/bitstream/handle/1/9342/TESE%20TIAGO%20TRESOLDI.pdf?sequence=1>. Acesso em: 30 nov. 2023.

Ita fac, mi Lucili: tradução
das duas primeiras
epístolas morais de
Sêneca a Lucílio

Marcelo Salles Bueno
Gelbart Souza Silva

Introdução

Sêneca (*Lucius Annaeus Seneca*, 4 a.C.-65 d.C.) foi um estadista, filósofo e dramaturgo romano que influenciou profundamente o pensamento ocidental. Seu legado literário oferece “uma rica porta de entrada para uma coleção impressionantemente grande de interlocuções filosóficas, políticas, psicológicas e culturais que ocorreram no primeiro século d. C – e além”⁹⁰ (Bartsch; Schiesaro, 2015, p. 2). Foi um estoico, não obstante adaptasse parcialmente esse pensamento, e também amigo íntimo de Nero. Dentre suas obras, destacamos *Quaestiones Naturales*, *De consolatione*, *De ira*, *De beneficiis*, *De otio*, *De breuiatate uitae*, as peças *Medea*, *Hercules furens*, *Oedipus* e *Octavia*. Citemos ainda a obra satírica *Apocolocyntosis* e alguns provérbios e máximas que lhes são atribuídos.

As *Epistulae Morales ad Lucilium*, foco desta publicação, também figuram no importante *corpus* senequiano. Embora sua extensão possivelmente tenha sido maior na Antiguidade, hoje a obra é composta de 124 cartas divididas em vinte capítulos (*libri XX*) com extensão variada.⁹¹ Escritas por volta de 62 e 64 d.C., fim da vida do filósofo, portanto, as cartas guardam relação estreita com a produção ensaístico-filosófica de Sêneca, porém apresentadas as ideias de maneira menos rigorosa, já que o gênero epistolar, mais pessoal do que um tratado, lhe permitia tal abordagem. Assim como na produção anterior, as epístolas também revelam o interesse genuíno de Sêneca pelo tempo e pela temporalidade. Como explicam Bartsch e Schiesaro (2015, p. 3), “a despeito do ideal do homem sábio que não é limitado pelo tempo e pode, em certo sentido, superá-lo, em seus escritos, Sêneca é profundamente preocupado com o que é ser um mortal imperfeito no tempo e especificamente na década de 60 d. C, em Roma”⁹². Se foram cartas realmente escritas para Lucílio ou se eram, na verdade, ensaios em formato epistolar, pouco nos interessa nesse momento. O que o conjunto revela, isso, sim, é significativo. Para Edwards (2015, p. 42), as qualidades epistolares dos textos apontam para o sentido de haver, intrinsecamente, um projeto filosófico cuja série de cartas oferece uma estrutura convincente e vívida que visa a uma educação filosófica preocupada com a vida cotidiana. De fato, como explica Braren (1999), a grande contribuição da epistolografia senequiana é o “brinde do filósofo ao leitor”, quando o autor faz “o oferecimento de um ensinamento ou de um pensamento elevado” sobre o qual, segundo o próprio Sêneca, se deve meditar.⁹³

90 Todas as traduções de língua estrangeira informadas em nota de rodapé são de responsabilidade dos autores. Quando não o são, serão indicados os casos. Segue o original: “Seneca’s corpus provides a rich point of entry into an impressively large collection of philosophical, political, psychological, and cultural conversations taking place in the first century CE – and beyond”.

91 Para discussão sobre a organização e questões relacionadas, cf. Edwards (2015).

92 No original: “despite the ideal of the wise man who is not constrained by time and can in a sense rise above it, Seneca’s writings are deeply concerned with what it is to be an imperfect mortal in time and specifically in 60s CE Rome”.

93 Cf. II, 4: *unum excerpe quod illo die concoquas*.

Apresentados brevemente autor e obra, vale explicar nossa contribuição. A presente tradução é resultado de um trabalho conjunto a quatro mãos numa parceria entre professor e aluno. Surge de uma proposta de estudo do latim a partir de textos originais guiado por questões tradutórias e linguísticas, além de ser permeada de vários comentários relativos ao conteúdo da obra, do contexto e do confronto entre pensamento de um sábio antigo e de seus inusitados discípulos, nós, que líamos e traduzíamos seu texto. A escolha de Sêneca partiu de uma curiosidade do aluno, que já conhecia frases e máximas do autor romano que pululam por aí em diversos meios, desde epígrafes de teses a *posts* de Facebook. As afirmações que Sêneca faz ao longo das cartas que ora apresentamos em português foram diversas vezes passadas por nosso filtro de pessoas do século XXI. A validade dos conselhos que Lucílio recebeu, a nosso ver, ainda persiste em muitos pontos. “A modernidade não lhe tirou a essência”, comentamos em uma de nossas investidas.

É dessa forma que apresentamos, a seguir, a tradução das duas primeiras epístolas senequianas endereçadas a Lucílio. Os títulos das seções constituem aquilo que, para nós, ficou mais gravado em nossas leituras, conforme o próprio Sêneca aconselha que se faça. Assim sendo, a primeira seção se chama “De como lidar com o inexorável tempo”, o que, se já era preocupação latente na Antiguidade, na Modernidade se mostra urgente dada a aceleração vertiginosa da noção temporal. “De como o equilíbrio é o caminho para o conhecimento sólido” é a segunda seção e trata do modo como o foco e a parcimônia permitem um melhor aproveitamento dos estudos.

A versão que apresentamos é uma lapidação do primeiro produto da tradução, não sendo, portanto, nem pedra bruta nem o diamante polido, mas o meio-caminho entre os dois, um retrato do momento. Acreditamos que a tradução tanto melhor poderia ficar quanto mais fôlego dedicássemos ao autor, traduzindo-lhe todos os textos. Não era, porém, nosso objetivo. As duas que apresentamos aqui e as demais cartas podem ser lidas em português na tradução de Renata Cazarini de Freitas (2016, Editora Vozes) e J. A. Segurado e Campos (2021, Fundação Calouste Gulbenkian).

Quanto aos critérios de nosso exercício de escrita tradutória, cabem algumas palavras. Primeiramente, objetivamos um texto não tão formal nem tão informal. Mantivemos, em nossa perspectiva, a figura de um professor-autoridade que instrui o pupilo. No entanto, optamos não pela norma rigidíssima da escrita, mas o espectro culto da língua, de modo que o vocabulário empregado e a sintaxe utilizada refletissem essa escolha. Não estranhe, pois, leitor, com um Sêneca chamando Lucílio por “você” e usando expressões mais chãs do que se esperaria do grande estoico. Outra opção que estrutura nossas escolhas é uma tradução mais livre e, no mais das vezes, explicativa. O leitor que deseje cotejar nossa versão ao par latino perceberá que as

escapadelas não tendem a ser absurdas e suprem a finalidade de tornar o texto mais fluido. Algumas liberdades que tomamos (porque traduzir é brincar de escapar das correntes) buscam frequentemente uma equivalência dinâmica (Nida, 1964) e, em grande medida, domesticam o texto (Venuti, 1995).

Por fim, informamos que o texto latino usado de base é o mesmo encontrado no *site* The Latin Library.⁹⁴

Como adendo ao nosso trabalho, a seção *discipulus dicit* configura-se como um relato pessoal do aluno sobre algumas questões relativas à sua experiência com a cultura e literatura latinas.

Traduções

I. SENECA LUCILIO SUO SALUTEM

[1] *Ita fac, mi Lucili: vindica te tibi, et tempus quod adhuc aut auferebatur aut subripiebatur aut excidebat collige et serva.*

Persuade tibi hoc sic esse ut scribo: quaedam tempora eripiuntur nobis, quaedam subducuntur, quaedam effluunt.

Turpissima tamen est iactura quae per negligentiam fit. Et si volueris attendere, magna pars vitae elabitur male agentibus, maxima nihil agentibus, tota vita aliud agentibus.

[2] *Quem mihi dabis qui aliquod pretium tempori ponat, qui diem aestimet, qui intellegat se cotidie mori? In hoc enim fallimur, quod mortem prospicimus: magna pars eius iam praeterit; quidquid aetatis retro est mors tenet.*

Fac ergo, mi Lucili, quod facere te scribis, omnes horas complectere; sic fiet ut minus ex crastino pendeas, si hodierno manum inieceris. Dum differtur vita transcurrit.

[3] *Omnia, Lucili, aliena sunt, tempus tantum nostrum est; in huius rei unius fugacis ac lubricae possessionem natura nos misit, ex qua expellit quicumque vult.*

I. CARO LUCÍLIO,

[1] Faça assim, caro Lucílio: seja senhor de si mesmo, e então ganhe e preserve o tempo que até então lhe era ou levado, ou roubado ou lhe escapava.

Convença a si mesmo de que as coisas são conforme descrevo: uma parte do tempo nos é tirada; outra, furtada; outra ainda se esvai.

Todavia, inaceitável é o desperdício do tempo por causa de negligência. E se você prestar bastante atenção, verá que se perde grande parte da vida fazendo coisas erradas, outra ainda maior não fazendo nada, e toda uma vida inteira fazendo coisas inúteis.

Você conseguiria citar alguém capaz de colocar algum preço ao tempo, de dar valor ao dia, de se dar conta de que o morrer ocorre cotidianamente? Nisso, de fato, falhamos; porque vemos a morte lá na frente, mas grande parte dela já passou. O que já foi vivido à morte pertence.

Faça, portanto, caro Lucílio, como eu escrevo para você fazer: aproveite cada minuto. Dessa forma, você dependerá bem menos do amanhã, se for senhor do hoje. Enquanto se procrastina, a vida passa.⁹⁵

Tudo que há no mundo, Lucílio, não nos pertence, apenas o tempo é nosso. A natureza nos deu poder apenas sobre uma única coisa, fugaz e escorregadia, que qualquer um, se quiser, pode tirar de nós.

⁹⁴ Disponível em: <https://www.thelatinlibrary.com/sen/seneca.ep1.shtml>. Acesso em 12 abr. 2024.

⁹⁵ Sêneca aponta em *De breuitate uitae*, IX, I: *Maximum uiuendi impedimentum est exspectatio, quae pendet ex crastino, perdit hodiernum* (“O maior impedimento à vida é a espera que do amanhã depende e arruína o hoje”). Também não longe da mesma máxima está Horácio em seu célebre poema: [...] *Dum loquimur, fugerit invida / aetas: carpe diem, quam minimum credula postero* (*Odes*, I, I, 7-8; “Nesta conversa, ínvio o tempo já / foge: colhe este dia, ai!, sem pensar nunca nos amanhãs.”, trad. Guilherme Gontijo Flores).

Et tanta stultitia mortalium est ut quae minima et vilissima sunt, certe reparabilia, imputari sibi cum impetravere patiantur, nemo se iudicet quicquam debere qui tempus accepit, cum interim hoc unum est quod ne gratus quidem potest reddere.

[4] *Interrogabis fortasse quid ego faciam qui tibi ista praecipio. Fatebor ingenue: quod apud luxuriosum sed diligentem evenit, ratio mihi constat impensae.*

Non possum dicere nihil perdere, sed quid perdam et quare et quemadmodum dicam; causas paupertatis meae reddam.

Sed evenit mihi quod plerisque non suo vitio ad inopiam redactis: omnes ignoscunt, nemo succurrit.

[5] *Quid ergo est? Non puto pauperem cui quantulumcumque superest sat est; tu tamen malo serves tua, et bono tempore incipies. Nam ut visum est maioribus nostris, 'sera parsimonia in fundo est'; non enim tantum minimum in imo sed pessimum remanet.*

Vale.

E é tamanha a estupidez humana que as pessoas toleram ser cobradas por coisas mínimas e de pouquíssimo valor que adquiriram e que são facilmente recuperáveis, mas ninguém se julga devedor quando toma o tempo de alguém, sendo que essa é a única coisa que nem mesmo a gratidão pode pagar.

[4] Talvez você venha a se questionar o que faço eu para dar esses conselhos. Falo com sinceridade: o que acontece com uma pessoa que esbanja, mas que se cuida, tenho em conta as minhas despesas.

Não posso falar que desperdiço nada, mas sei dizer o quanto, o motivo e com que desperdiço; assim consigo dar as razões da minha pobreza.

Mas o que aconteceu comigo, acontece com a maioria: chegar à miséria não por culpa própria. Todos sentem dó, ninguém socorre.

[5] Qual é o ponto então? Não penso que alguém seja pobre por ficar satisfeito com o pouquinho que lhe restou. Prefiro, porém, que você conserve seus bens, e comece em boa hora. De fato, como pensavam nossos ancestrais, "Tardia é a parcimônia quando já se chegou ao fundo"⁹⁶; realmente, o que fica no final é não só o que resta, mas o que não presta.

Até mais.

Sêneca

De como o equilíbrio é o caminho para o conhecimento sólido (epístola I.II)

II. SENECA LUCILIO SUO SALUTEM

[1] *Ex iis quae mihi scribis et ex iis quae audio bonam spem de te concipio: non discurreis nec locorum mutationibus inquietaris.*

Aegri animi ista iactatio est: primum argumentum compositae mentis existimo posse consistere et secum morari.

[2] *Illud autem vide, ne ista lectio auctorum multorum et omnis generis voluminum habeat aliquid vagum et instabile.*

Certis ingeniis immorari et innutrirsi oportet, si velis aliquid trahere quod in animo fideliter sedeat.

Nusquam est qui ubique est.

CARO LUCÍLIO,

[1] Pelo que você escreve e das coisas que ouço, nutro boas expectativas sobre você: não corre a esmo nem se angustia em ficar mudando de lugar.

Tal agitação é típica de uma alma sofrida: acredito que o primeiro indício de uma mente equilibrada seja conseguir ficar parado e recolhido consigo mesmo.

[2] Entretanto, atente-se para que a leitura de muitos autores e de capítulos de todo tipo de gênero não venha a ser algo vago e instável.

É importante deter-se e nutrir-se de certos pensamentos, se alguém quiser levar consigo algo que concentre solidamente na alma.

Em parte alguma está quem está em todo lugar.

⁹⁶ Citação que remete a Hesíodo em *Os Trabalhos e os dias*, 368-369: "Farta-te do jarro quando o inicias e quando o acabas, / poupa o meio: parcimônia inútil poupar o fundo" (Tradução Mary de Camargo Neces Lafer).

Vitam in peregrinatione exigentibus hoc evenit, ut multa hospitia habeant, nullas amicitias; idem accidat necesse est iis qui nullius se ingenio familiariter applicant sed omnia cursim et properantes transmittunt.

[3] *Non prodest cibus nec corpori accedit qui statim sumptus emittitur; nihil aequae sanitatem impedit quam remediorum crebra mutatio; non venit vulnus ad cicatricem in quo medicamenta temptantur; non convalescit planta quae saepe transfertur; nihil tam utile est ut in transitu prosit.*

Distingit librorum multitudo; itaque cum legere non possis quantum habueris, satis est habere quantum legas.

[4] *'Sed modo' inquis 'hunc librum evolvere volo, modo illum.' Fastidientis stomachi est multa degustare; quae ubi varia sunt et diversa, inquinant non alunt.*

Probatos itaque semper lege, et si quando ad alios deverti libuerit, ad priores redi.

Aliquid cotidie adversus paupertatem, aliquid adversus mortem auxilii compara, nec minus adversus ceteras pestes;

et cum multa percurreris, unum excerpe quod illo die concoquas.

[5] *Hoc ipse quoque facio; ex pluribus quae legi aliquid apprehendo.*

Aos que vivem viajando ocorre ter muitas hospedagens, mas nenhum amigo; necessariamente o mesmo acontece aos que não se dedicam a um pensamento com profundidade, mas atravessam tudo correndo e com pressa.

De nada serve ao corpo a comida que mal é digerida já vai imediatamente lançada fora; da mesma forma, nada mais atrapalha a saúde do que a mudança contínua de remédios; a ferida não cicatriza se nela se aplica medicamento atrás de medicamento; não vingam a planta que é mudada muitas vezes de lugar; enfim, nada, por mais útil que for, se mantém proveitoso na mudança constante.

A multidão dos livros gera fadiga; assim, como você não é capaz de ler a quantidade que você possui, basta ter o que você consiga ler.

[4] Você pode dizer: “Mas eu quero folhear⁹⁷ ora esse livro, ora aquele.” Beliscar aqui e ali é típico de barriga cheia; quando se comem várias coisas e diferentes, faz mal⁹⁸ e não dá sustento.

Sendo assim, leia sempre os autores renomados e, se quiser mudar para outros autores, volte aos primeiros.

Procure todos os dias alguma coisa que auxilie contra a pobreza, contra a morte e igualmente contra tudo o mais que é pernicioso.

E quando você tiver percorrido muitos, retire um ponto que você possa ir cozinhando⁹⁹ ao longo daquele dia.

[5] Isso eu mesmo faço também: apreendo algo específico de tudo que li.

97 O verbo latino é *evolvere*, “desenrolar”, uma vez que os livros eram escritos em rolos de pergaminho. Nossa opção por “folhear”, evidentemente, remete aos livros atuais. As implicações das diferenças entre os dois suportes não são nosso escopo, pelo que remetemos a Chartier (1988). Apenas por curiosidade, leia-se trecho da 45ª carta de Sêneca: *Sed ne epistulae modum excedam, quae non debet sinistram manum legentis implere* (“Mas para que eu não exagere no tamanho da carta, que não pode encher a mão esquerda de quem a lê”). Assim como os livros, as cartas eram enroladas, mas estas, para o fim que tinham e ainda têm, devem respeitar certa extensão, breve.

98 Mesma opinião, um pouco mais detalhada, expõe o próprio Sêneca em carta posterior (95, 19): *Vide quantum rerum per unam gulam transitarum permisceat luxuria, terrarum marisque vastatrix. Necesse est itaque inter se tam diversa dissideant et hausta male digerantur aliis alio nitentibus. Nec mirum quod inconstans variusque ex discordi cibo morbus est et illa ex contrariis naturae partibus in eundem compulsam <ventrem> redundant. Inde tam novo aegrotamus genere quam vivimus* (“Veja quantas substâncias destinadas a passar por uma única garganta misturou sua gula, devastadora de terra e mar. É, portanto, inevitável que alimentos tão diferentes sejam incompatíveis entre si e, uma vez ingeridos, desçam mal, um atacando o outro. E não há nada de estranho se alimentos que não harmonizam resultem em doenças aqui e ali e de forma variada; nem menos se substâncias provenientes de componentes heterogêneos gerem refluxo quando juntadas à força no corpo. Portanto, pela forma nova em que vivemos, adoecemos.”).

99 O verbo é *concoquas*, o que mantém viva na mente do leitor romano a metáfora alimentar. Dentre as soluções possíveis, como “meditar”, há “cozinhar um assunto” como um equivalente dinâmico.

*Hodiernum hoc est quod apud Epicurum nactus sum
- soleo enim et in aliena castra transire, non tamquam
transfuga, sed tamquam explorator -:*

'honesta' inquit 'res est laeta paupertas'.

*[6] Illa vero non est paupertas, si laeta est; non qui
parum habet, sed qui plus cupit, pauper est.*

*Quid enim refert quantum illi in arca, quantum in horreis
iaceat, quantum pascat aut feneret, si alieno imminet,
si non acquisita sed acquirenda computat?*

Quis sit divitiarum modus quaeris?

*primus habere quod necesse est, proximus quod sat
est.*

Vale.

O de hoje é o que encontrei em Epicuro¹⁰⁰ — costume, de fato, transitar no acampamento estrangeiro, nem tanto como desertor, mas como explorador¹⁰¹ —:

Ele diz: “Boa coisa é a pobreza feliz”¹⁰²

[6] De fato: não há pobreza, se há felicidade. Pobre é não quem tem pouco, mas quem deseja a mais.

O que, em verdade, interessa o quanto possui no cofre, o quanto enche a despensa, o quanto tem de rendimentos ou de empréstimos, se persegue ainda mais, se não calcula o que já comprou, mas, sim, o que ainda deve comprar?

Você quer saber qual é a justa medida das riquezas?

Primeiro: ter aquilo que é necessário; depois: aquilo que é suficiente.

Até mais.

Sêneca

Discipulus dicit

A língua latina continua viva e pulsante, embora, lamentavelmente, esquecida em algum cômodo distante do *atrium* da sociedade contemporânea. Desde meados da década de 60, o Latim deixou de figurar entre as disciplinas do ensino básico no Brasil (Dantas; Silva, 2021), o que, no meu entendimento, pode ter dificultado a compreensão mais ampla da nossa cultura e da língua portuguesa. Da cultura, a sociedade contemporânea herdou as raízes do direito cível, a estrutura política republicana, a retórica filosófica, a literatura, as técnicas de arte e arquitetura, sem contar os muitos costumes populares, por exemplo, o uso do *Spa* (abreviatura de *Aquae Spadanae*) e clubes balneários modernos, utilizados pelas pessoas para se refrescar em público. Estes já existiam na antiga Roma, as famosas casas de banho (*thermae*); no

100 Epicuro foi um filósofo grego que viveu entre 341 e 270 a.C.; seus pensamentos, baseados numa ética da busca pelo prazer na vida, dá origem à corrente que carrega seu nome e que conquistou amplo espaço na mentalidade romana. Quanto ao conjunto da obra epicurista, como descreve Spinelli (2014, sd), “Efetivamente é pouco o que da doutrina escrita de Epicuro chegou até nós: três cartas e um restrito rol de máximas e de sentenças conservados por Diógenes Laércio (do II século d.C.). A sua doutrina, no entanto, é bem mais ampla que seus escritos remanescentes, de modo que há muito o que se investigar para além deles. Inerente aos estoicos (particularmente em várias obras de Sêneca), há muita referência ao modo epicurista de filosofar. Foi Cícero (106-43 a.C.), todavia, antes de Sêneca (4 a.C – 65 d. C.), quem se ocupou em difundir entre os romanos e tornar obrigatório no estudo acadêmico (nas escolas de Roma) tanto a doutrina epicurista quanto a estoica, e as demais doutrinas. Lucrécio (99-55 a.C.), contemporâneo de Cícero, dedicou uma obra poética (o *De rerum natura*), composta em seis livros, em que explana as principais teses da doutrina de Epicuro. Ainda em relação a Cícero, e isto em seu retorno do exílio em Atenas, ele trouxe consigo para Roma o editor e livreiro (de origem síria) Fernando de Gadara, que, por fim, se radicou em Herculano, cidade onde fundou e administrou, além de uma Escola (pela qual, aliás, passou o poeta Virgílio), uma grande biblioteca, organizada em vista do estudo e da divulgação da doutrina de Epicuro”.

101 A metáfora bélica quereria dizer que Sêneca, mesmo sendo de outra linha de pensamento, fazia questão de estudar outras doutrinas e ideias, como as do autor grego, que vem citado também em outras cartas.

102 De fato, não há contradição entre pobreza e felicidade no pensamento epicurista. Como descreve Spinelli (2014, sd) sobre a relação entre ser feliz e estar em desgraça: “dá para ser feliz na desgraça? Depende o que se entende por desgraça. Se por desgraça entendemos o externo que nos rodeia ou aflige, então, sim, podemos ser felizes, por exemplo, vivendo em extrema pobreza, em ambiente inóspito etc.; se por desgraça entendemos uma aflição interna, então, não, porque se trata de sentimentos contraditórios”. A harmonia interna é necessária, basta que se recorde do termo *secum morari* usado.

tocante à língua portuguesa, a construção sintática e morfológica revela algumas das várias influências recebidas de nossos ancestrais. Acredito que, se tivéssemos maior conhecimento de nossas origens linguísticas e culturais, teríamos maior clareza e compreensão a respeito das leis que regem nosso país, compreenderíamos melhor a organização política de nossa república, aproveitaríamos com mais profundidade a beleza e a riqueza de significados que a literatura e a filosofia antigas nos oferecem. A compreensão da gramática de nossa língua não seria, para os neófitos na alfabetização, algo enfadonho de se registrar, mas apreenderíamos o caminho pelo qual a construção de nossa língua percorreu.

A partir da preservação de centenas de obras literárias da antiga Roma, os linguistas puderam resgatar os fenômenos gramaticais do Latim Clássico; e os historiadores, a cultura do povo romano da qual recebemos vasta influência. Observamo-las no cinema, na arte, nos artigos científicos, nas obras dos grandes poetas, nas pichações dos muros de nossas cidades, nas formações e táticas de defesa e ataque dos exércitos, etc.

Como psicanalista de formação e estudante leigo da língua latina, um *ciuis extra muros*, não pertencente à Universidade de Letras, tenho compreendido que o exercício de tradução de obras consagradas, como a que pudemos apreciar, auxilia-nos a compreender a composição morfosintática, etimológica e semântica a partir do texto do autor. E isso serve de grande auxílio para a compreensão dos processos psíquicos que, por meio da linguagem, podemos acessar e tocar os profundos significados inconscientes. Tenho observado que o contínuo estudo da língua latina, além de ampliar a capacidade de raciocínio e lógica, presenteia-nos com a grande sabedoria desses autores. No exercício de minha profissão, por exemplo, ao ler os cânones da psicanálise, como Sigmund Freud, tenho uma compreensão mais profunda de sua linguagem e postulados, uma vez que esse autor recorreu a muitos clássicos da literatura grega e latina para desenvolver sua teoria. Freud, além de leitor de grandes clássicos, era também um colecionador de arte antiga, contando com nada menos que 2.500 peças, autênticas e ecléticas, das quais centenas datam da época imperial romana.

O infortúnio da aceleração na aprendizagem e o excesso de material de pouca utilidade aos quais temos sido submetidos nas últimas décadas tem-nos levado ao que Sêneca aponta a Lucílio: “Aos que levam a vida em peregrinação, ocorre ter muitas hospedagens, mas nenhum amigo; necessariamente o mesmo ocorre aos que não se dedicam a um pensamento com profundidade, mas atravessam tudo correndo e com pressa”.

Estudar Latim requer paciência e dedicação, entretanto esse percurso pode ser vivido como nos sugere Horácio: *carpe diem, quam minimum credula postero* (Odes, I, I, 7-8; “colhe este dia, ai! sem pensar nunca nos amanhã”). A experiência com a tradução desse trecho da obra de Sêneca proporcionou-me a oportunidade de exercitar a aprendizagem da gramática

latina, com suas terminações e desinências, com as orações originais inteiras e o texto como um conjunto. Não foi trabalho descomplicado, muitas vezes deparei-me com dificuldades em compreender por que uma palavra cuja terminação indicava, aparentemente, um ablativo, mas que, em determinado contexto, referia-se a um dativo, por exemplo. O mesmo ocorreu em traduções cuja terminação indicava um verbo no subjuntivo, porém, ao traduzi-lo, teria um sentido mais claro em nossa língua se transposto para o presente do indicativo ou outro tempo e modo. Pude perceber que esses exercícios de tradução me transportaram para uma espécie de laboratório linguístico, que ultrapassa a concretude morfossintática das palavras, caminhando por dimensões simbólicas, abstratas.

Referências

BARTSCH, Shadi; SCHIESARO, Alessandro. Seneca: An Introduction. *In*: BARTSCH, Shadi; SCHIESARO, Alessandro (ed.). **The Cambridge Companion to Seneca**. Cambridge: Cambridge University Press, 2015. p. 1-12.

BRAREN, Ingeborg. Por que Sêneca escreveu epístolas? **Letras Clássicas**, n. 3, p. 39-44, 1999. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/letrasclassicas/article/download/73755/77421>. Acesso em: 5 ago. 2023.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro**: do leitor ao navegador, conversações com Jean Lebrun e Roger Chartier. Tradução Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: Editora UNESP, 1998.

DANTAS, Michelle Bianca Santos; SILVA, Josefa Caroline Xavier da. Desafios do ensino do latim ontem e hoje: historicidade, materiais didáticos e uma análise do *curriculum* no curso de Letras da UFPB. **InterteXto**, v. 14, n. especial, p. 166-190, 2021. Disponível em: <https://seer.uftm.edu.br/revistaelectronica/index.php/intertexto/article/view/5641/5927>. Acesso em: 3 ago. 2023.

EDWARDS, Catharine. Absent Presence in Seneca's Epistles: Philosophy and Friendship. *In*: BARTSCH, Shadi; SCHIESARO, Alessandro (ed.). **The Cambridge Companion to Seneca**. Cambridge: Cambridge University Press, 2015. p. 41-53.

FLORES, Guilherme Gontijo. **Uma poesia de mosaicos nas Odes de Horácio**: comentário e tradução poética. 2014. Tese (Doutorado em Letras Clássicas) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/002688834>. Acesso em: 5 maio 2023.

HESÍODO. **Os trabalhos e os dias**. Primeira parte. Introdução, tradução e comentários de Mary de Camargo Neces Lafer. São Paulo: Iluminuras, 1996.

NIDA, Eugene A. **Toward a science of translating**. Leiden: E. J. Brill, 1964.

SÊNECA, Lúcio Aneu. **Cartas a Lucílio**. Tradução, prefácio e notas de J. A. Segurado e Campos. 7. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2021.

SÊNECA. **Edificar-se para a morte**. Seleção, introdução, tradução e notas de Renata Cazarini de Freitas. Petrópolis: Vozes, 2016.

SPINELLI, Miguel. **Epicuro e as bases do epicurismo**. São Paulo: Pia Sociedade de São Paulo-Editora Paulus, 2014.

VENUTI, Lawrence. **The Translator's Invisibility**. London: Routledge, 1995.

O Alexandre Romano de Quinto Cúrcio Rufo

Anne Caroline Ferreira Veloso

Introdução¹⁰³

Das obras historiográficas remanescentes da Antiguidade romana, as *Historiae Alexandri Magni Macedonis*, de Quinto Cúrcio Rufo, sobrevivem como objeto de poucos consensos e variadas especulações. Raramente abordadas pelos estudos brasileiros de literatura (e, mesmo, historiografia) antiga, a narrativa e a figura de Cúrcio são, ainda hoje, questões de difícil sondagem: no primeiro caso, pelas inúmeras lacunas da obra e, no segundo, pela escassez de informações a respeito do autor.

Em linhas gerais, a obra é organizada em dez livros, dos quais se perderam os dois primeiros e o possível prefácio que os antecederia, no qual, suspeita-se, constariam informações a respeito da identidade e dos propósitos de Cúrcio. Em sua forma remanescente, as *Historiae Alexandri* tratam dos principais feitos e conquistas de Alexandre, o Grande, durante suas campanhas na Ásia e nas fronteiras da Índia – embora, com a perda dos dois primeiros livros e com as diversas lacunas nos restantes, alguns eventos tenham sido omitidos, como é o caso da criação e das primeiras empreitadas militares do macedônio. Em todo caso, o Livro III se inicia com a passagem de Alexandre pela cidade de Górdio (333 a.C.) e o Livro X se encerra com sua morte na Babilônia (323 a.C.) e a conseqüente guerra civil que se instaurou na Macedônia, motivada pela perspectiva de sucessão ao trono e de poderio do vasto território conquistado.

No que toca à repercussão e consumo atual da obra, os estudos historiográficos de Alexandre tendem a julgá-la uma fonte histórica pouco confiável, cujas lacunas e desvios são geralmente suplantados pelas obras de Arriano e Plutarco. Tal descredibilidade histórica é imputada ou aos variados procedimentos literários e retóricos desenvolvidos ao longo da narrativa, que lhe atribuem certa nuance romanesca, ou, noutros casos, à predileção do autor pelo desenvolvimento de personagens e temas em detrimento da precisão histórica, geográfica, militar etc. Conseqüentemente, nos últimos cinquenta anos, a obra tem sido abordada com um viés literário, e servido de objeto de estudo para diferentes perspectivas analíticas – das quais se destacam o estudo da organização temática da obra (Baynham, 1998), da organização sintática dos discursos diretos e indiretos (Monferrer, 2002), dos possíveis diálogos estabelecidos com outros textos antigos (Vizentin, 2009; Vorhis, 2017) e, mesmo, da caracterização que Cúrcio faz da figura histórica de Alexandre.

No entanto, as questões relativas à datação da obra e ao contexto ao qual pertenceu o autor, ainda que fadadas à especulação, permanecem pertinentes. A esse respeito, são duas

103 O presente estudo é um ramo partido das investigações literárias levadas a cabo pela minha dissertação de mestrado *A construção da personagem Alexandre, de Quinto Cúrcio Rufo*, atualmente em desenvolvimento sob a orientação do Prof. Dr. Cláudio Aquati (Universidade Estadual Paulista, câmpus de São José do Rio Preto). Também importa observar que as traduções propostas neste estudo tomam como fonte direta o texto latino preservado pela edição de Henri Bardon para a coleção *Les Belles Lettres* (1947).

as principais abordagens para o rastreamento de informações sobre Cúrcio, sendo a primeira uma tentativa de identificação baseada no mapeamento de outras obras da Antiguidade grega e romana que o tenham mencionado. Dessas, são três as menções ao nome “Quinto Cúrcio Rufo”, embora nenhuma delas atribua à figura a autoria das *Historiae Alexandri*: a primeira é feita por Cícero (*Ad Quintum Fratrem* III, 2), numa carta de 55 a.C., na qual “Cúrcio” é rapidamente elogiado, sem quaisquer detalhes sobre sua identidade. A segunda, feita por Tácito (*Annales*, XI, 20-21), atribui a “Cúrcio Rufo” uma carreira política e o título de procônsul na África. Enfim, a terceira menção é feita por Suetônio (no “Index” ao *De Rhetoribus et Grammaticis*), que inclui “Q. Cúrcio Rufo” à lista de retores, mas que nada comenta sobre sua vida. Assim sendo, em vista da escassez de dados e do silêncio da Antiguidade sobre as *Historiae Alexandri*, a prevaiente opinião da crítica oscila entre as três hipóteses, ainda que, diante de certas pistas presentes na própria obra, as duas últimas pareçam mais plausíveis.

A segunda abordagem para a identificação é feita pela implícita e rara alusão do autor ao contexto em que vive. Pelo emprego do termo *princeps* em referência à figura do imperador, por exemplo, assume-se como *terminus post quem* o ano de 27 a.C. (com a ascensão de Augusto), ou, então, 14 d.C. (com a sucessão de Tibério e a efetiva instauração do termo para designar o cargo político). De modo similar, pela menção à contemporaneidade do Império Parta com o período de escritura da obra, pensa-se em 224 d.C. como *terminus ante quem*, sendo esse o ano em que os partas foram submetidos pelo Império Sassânida e, portanto, não gozavam mais da prosperidade mencionada pelo narrador. No entanto, da vasta lista de imperadores atuantes entre 27 a.C. e 224 d.C., os candidatos preferidos para a datação de Cúrcio são Cláudio (41-54 d.C.) e Vespasiano (69-79 d.C.), tendo em vista um panegírico incluído no Livro X das *Historiae Alexandri* (10.9.1-6), no qual, relatando a guerra civil instaurada na Macedônia após a morte de Alexandre, o narrador alude a uma similar situação de conflito interno que teria se concretizado em Roma, não fosse pela ascensão de um novo imperador que conteve a revolta e restabeleceu a paz. Nesses termos, somadas as evidências intratextuais às referências a Quinto Cúrcio Rufo noutras obras da Antiguidade, os estudiosos tendem a concordar no século I d.C. como a mais provável (ainda que imprecisa) datação para autor e obra.

Apesar da identidade indefinida, estudos recentes como Vizentin (2009), Ribeiro (2020) e Aprile (2023) têm considerado o especulado contexto imperial sob o qual Cúrcio supostamente escreveu como um indício do porquê um historiador romano, em vez de dedicar sua obra à história de Roma, como era o costume, optou por resgatar a figura de Alexandre, o Grande. Com efeito, a análise dos temas desenvolvidos na narrativa (em especial, a inevitável transição de *rex* a *tyrannus*, exemplificada por Alexandre), bem como a arquitetura do declínio moral do protagonista, aludem à possibilidade de Cúrcio ter recuperado a história do macedônio ou

em vias de usá-la como uma alegoria (se não a um imperador específico, à figura imperial, de modo geral), ou, então, em vias de discutir uma preocupação típica do período em que vivia.

Nesse viés, a forma como o autor constrói a personagem de Alexandre, ora lançando mão da onisciência para relatar a imagem que o protagonista nutre de si mesmo, ora afastando-se de sua narrativa para avaliar e repreender o comportamento que observa, culminam num relato que diz não só da figura histórica de Alexandre, mas, possivelmente, da figura imperial na Antiguidade. Pensando nisso, os trechos selecionados para a tradução, neste estudo, dizem respeito a tais perspectivas, concomitantes na narrativa e fundamentais para a apreciação da personagem: de um lado, a compreensão que Alexandre tem de sua própria identidade e, de outro, a avaliação do narrador que o observa de cima – de modo que conhece não só aquilo que habita seu âmago, mas também seu destino e, portanto, é capaz de reconhecer saudosamente as iniciais virtudes e apreensivamente os primeiros vícios de sua personagem.

Traduções

Na obra de Cúrcio, o declínio moral de Alexandre pode ser atribuído a diversos fatores, dentre os quais constam o favoritismo da *fortuna*¹⁰⁴, a juventude da personagem e, como veremos, a corrupção de certos traços de sua identidade - refletidos, por exemplo, no trecho abaixo (4.1.7-8; 10-14). Localizado no início da obra, quando a personagem é ainda caracterizada pelo comportamento virtuoso, o episódio em questão compreende uma troca de correspondências entre Alexandre e seu oponente político-militar, o rei persa Dario III. Nele, o narrador cede a voz ao protagonista, cujo discurso direto revela aspectos da imagem que nutre de si mesmo e dos propósitos estabelecidos para si no início da campanha militar. Em especial, a fala de Alexandre denota um intento de reparação fundado não só na vingança nacional (gregos contra persas), como também na vingança familiar (pelo assassinato de seu pai), que acaba por enobrecer sua empreitada aos olhos dos soldados e, simultaneamente, conferir-lhe um estatuto de vingador:

104 Divindade romana relacionada à sorte, ao acaso, ao destino, responsável por manipular as forças e os eventos que movem as personagens pela trama.

[7] *Ibi illi litterae a Dareo redduntur, quibus ut superbe scriptis uehementer offensus est: praecipue eum mouit, quod Dareus sibi regis titulum nec eundem Alexandri nomini adscripserat. [8] Postulabat autem magis quam petebat, ut, accepta pecunia quantamcumque tota Macedonia caperet, matrem sibi ac coniugem liberosque restitueret, de regno aequo, si uellet, Marte contenderet. [...]* [10] *Contra Alexander in hunc maxime modum rescripsit: << Rex Alexander Dareo S. Cuius nomen sumpsisti, Dareus Graecos, qui oram Hellesponti tenent, coloniasque Graecorum Ionias omni clade uastauit, cum magno deinde exercitu mare traiecit, inlato Macedoniae et Graeciae bello. [11] Rursus Xerxes, gentis eiusdem, ad oppugnandos nos cum inmanium Barbarorum copiis uenit: qui, nauali proelio uictus, Mardonium tamen reliquit in Graecia, ut absens quoque popularetur urbes, agros ureret.*

[12] *Philippum uero parentem meum quis ignorat ab iis interfectum esse, quos ingentis pecuniae spe sollicitauerant uestri? inopia enim bella suscipitis, et, cum habeatis arma, licemini hostium capita, sicut tu proxime talentis mille, tanti exercitus rex, percussorem in me emere uoluisti. [13] Repello igitur bellum, non infero. Et di quoque pro meliore stantes causa: magnam partem Asiae in dicionem redegi meam, te ipsum acie uici. Quem etsi nihil a me inpetrare oportebat, utpote qui ne belli quidem in me iura seruaueris, tamen, si ueneris supplex, et matrem et coniugem et liberos sine pretio recepturum esse promitto: [14] et uincere et consulere uictis scio. Quod si te committere nobis times, dabimus fidem inpune uenturum. De cetero cum mihi scribes, memento non solum regi te, sed etiam tuo scribere.>>*

[7] Ali, foi-lhe entregue uma carta de Dario, cujo tom arrogante fortemente o ofendeu; especialmente o irritou o fato de Dario ter atribuído ao próprio nome o título de rei, mas não ao de Alexandre. [8] Mais que pedia, Dario exigia que, em troca de todo o dinheiro que coubesse na Macedônia, Alexandre lhe restituísse sua mãe, esposa e filhos – e, sobre o reino, que lutassem, se assim ele quisesse, em termos iguais. [...] [10] Por sua vez, Alexandre respondeu precisamente nestes termos: “O Rei Alexandre, a Dario: saudações. O Dario cujo nome você arrogou destruiu com todo tipo de flagelo os habitantes gregos do litoral do Helesponto¹⁰⁵ e suas colônias jônicas; depois, atravessado o mar com um enorme exército, levou a guerra à Macedônia e à Grécia. [11] Noutra ocasião, Xerxes, do mesmo povo, vem nos atacar com suas tropas de selvagens bárbaros: mesmo quando foi derrotado no combate naval, ele deixou Mardônio¹⁰⁶ na Grécia para que destruísse as cidades e queimasse o campo em sua ausência.

[12] Além disso, quem não sabe que Filipe, meu pai, foi assassinado por alguém esperançoso de uma grande recompensa sua? As guerras que você empreende são profanas. Apesar de ter armas, você paga pela cabeça de seus inimigos, assim como, ainda recentemente, rei de tamanho exército, você quis com mil talentos comprar meu assassino. [13] Portanto, eu não motivo essa guerra; eu a afasto. Também os deuses apoiam a melhor causa: eu submeti grande parte da Ásia ao meu poderio e venci você, pessoalmente, no campo de batalha. De mim, você não obterá nada, graças à sua desatenção aos princípios da guerra para comigo, mas, se vier até mim como um suplicante, eu lhe prometo que receberá sua mãe, esposa e filhos sem qualquer preço de resgate. [14] Eu sei vencer e sei lidar com os vencidos. Quanto a isso, caso esteja receoso em se entregar, eu lhe dou a minha palavra de que você pode vir sem qualquer risco. A propósito, quando me escrever, tenha em mente que você escreve não só ao rei, mas ao seu rei.”

Em linhas gerais, o reconhecimento de Alexandre de seu propósito reparador é um dos traços eventualmente deturpados que evidenciam a transformação do protagonista, relacionada, nesse caso, ao esquecimento de suas origens e à adoção de costumes orientais. Isto é, uma vez derrotado o inimigo persa, Alexandre não só passa a imitar suas vestimentas, como também a participar de cerimônias e instaurar práticas (como a *prosquinése*¹⁰⁷) típicas dos povos que, anteriormente, considerava bárbaros. Consequentemente, o rancor dos soldados gregos e

105 Também conhecido como Estreito de Dardanelos, ao noroeste da Turquia, conecta os mares Egeu e Mármara.

106 General persa.

107 Antiga prática de reverência persa, na qual os súditos prostram-se diante de pessoas de *status* social mais elevado que os seus. Para os gregos e macedônios, tal prática era exclusivamente dedicada aos deuses, e não aos reis.

macedônios de seu exército logo toma a forma de motins e conspirações contra a vida do rei, paulatinamente o induzindo a uma postura marcada pela paranoia e pelo comportamento tirânico – diagnóstico feito pelo próprio narrador (6.2.1-4):

[1] *Sed ut primum instantibus curis laxatus est animus militarium rerum quam quietis otiique patientior, excepere eum uoluptates et, quem arma Persarum non fregerant, uitia uicerunt; [2] tempestiua conuiuia et perpotandi peruigilandique insana dulcedo ludique et greges pelicum. Omnia in externum lapsa morem; quem quidem aemulatus quasi potiore suo ita popularium animos oculosque pariter offendit, ut a plerisque amicorum pro hoste haberetur. [3] Tenaces quippe disciplinae suae solitosque parco ac parabili uictu ad inplenda naturae desideria defungi, in peregrina et deuictarum gentium mala inpulerat.*

[4] *Hinc saepius conparatae in caput eius insidiae, secessio militum et liberior inter mutuas querelas dolor; ipsius inde nunc ira, nunc suspiciones, quas excitabat inconsultus pauor, ceteraque his simila, quae deinde dicentur.*

Dentre os “problemas outros”, sugeridos pelo narrador, constam a tendência à violência premeditada e à desconfiança de antigos generais e amigos – fatores que, somados, culminam numa espécie de “caça-às-bruxas” dentro do exército macedônio. Tais temas (isto é, a paranoia e a tirania de Alexandre) são alimentados ainda por outros dois traços de sua identidade, estes relacionados à sua reputação de, primeiro, um conquistador e líder invencível (4.4.1-2) e, segundo, um semideus (4.7.-25-26; 30), aos moldes de Aquiles e Hércules:

[1] *Hic rex fatigatus statuerat soluta obsidione Aegyptum petere. Quippe cum Asiam ingenti uelocitate percucurrisset, circa muros unius urbis haerebat, tot maximarum rerum opportunitate dimissa. [2] Ceterum, tam discedere inritum quam morari pudebat, famam quoque, qua plura quam armis euerterat, ratus leuiorem fore, si Tyrum quasi testem se posse uinci reliquisset.*

[1] Mas, no momento em que seu coração se viu livre de preocupações, Alexandre – que melhor lidava com assuntos militares do que com o sossego e o ócio – cedeu aos prazeres, e aquele que as armas da Pérsia falharam em destruir foi vencido pelos vícios: longos banquetes e o insano prazer das bebedeiras noturnas; os jogos e as multidões de concubinas. Coisas, todas, de um declínio aos modos estrangeiros. Em verdade, tendo emulado tais costumes como preferíveis aos seus próprios, Alexandre feriu tanto os corações e olhos de seus companheiros que a maioria de seus amigos passou a considerá-lo simpatizante do inimigo – [3] pois, naturalmente apegados à criação e acostumados a um modo de viver moderado e facilmente obtível, apenas para suprir as necessidades naturais, Alexandre os tinha impelido ao depravado estrangeiro e [aos costumes] dos povos vencidos.

[4] Daí a frequência de complôs contra sua pessoa, a revolta dos soldados e, entre mútuas queixas, o ressentimento cada vez mais franco. Daí o precipitado temor que lhe suscitava ora a cólera, ora a desconfiança – e problemas outros, que serão ditos depois.

[1] Nas condições em que estava, o cansado rei decidira desfazer o cerco¹⁰⁸ e dirigir-se ao Egito, pois, tendo percorrido toda a Ásia com uma enorme velocidade, agora era detido perante os muros de uma única cidade, perdida a oportunidade de magníficos negócios. [2] De resto, retirar-se o envergonhava tanto quanto demorar-se ali: Alexandre pensava que sua reputação, pela qual obtivera mais sucesso que pelas armas, sofreria, como se abandonar Tiro fosse testemunho de que poderia ser vencido.

108 Na cidade de Tiro (costa da atual Síria), tendo enfrentado resistência à conquista, Alexandre instaurou um cerco que duraria seis meses.

[25] *At tum quidem regem propius adeuntem maximus natu e sacerdotibus filium appellat, hoc nomen illi parentem louem reddere adfirmans. Ille se uero, et accipere ait et adgnosceret, humanae sortis oblitus.*
[26] *Consuluit deinde, an totius orbis imperium fatis sibi destinaret pater; is aequae in adulationem conpositus terrarum omnium rectorem fore ostendit. [...]* [30] *Iouis igitur filium se non solum appellari passus est, sed etiam iussit, rerumque gestarum famam, dum augere uult tali appellatione, corrupit.*

[25] Nessa ocasião, conforme se aproximava, o rei foi chamado de “filho” pelo mais velho dos sacerdotes, que lhe assegurou que tal título havia lhe sido conferido por seu pai, Júpiter. Alexandre, esquecido de sua condição humana, disse aceitar e reconhecer o nome. [26] Em seguida, ele perguntou se seu pai o destinava ao domínio do mundo inteiro, e o sacerdote, propenso à bajulação, revelou que Alexandre havia de ser o senhor de todas as nações. [...] [30] Nesses termos, o rei não só permitiu, mas, na verdade, ordenou ser chamado de filho de Júpiter – e, apesar de desejar que o título aumentasse a fama de seus grandes feitos e conquistas, ele na verdade a diminuía.

Em essência, a invencibilidade e a estirpe divina são dois argumentos geralmente empregados por Alexandre para atribuir a si mesmo certo estatuto de inquestionabilidade: seus decretos são definitivos e, suas ações, justificadas. São, também, dois elementos que acarretam o uso da violência como método para a resolução de conflitos político-militares nas campanhas e, mesmo, conflitos internos em seu próprio exército, especialmente considerando a frequente emulação de Aquiles e Hércules, com os quais Alexandre se compara. Assim, nos episódios em que sua vida é o objeto de conspirações internas, por exemplo, a preocupação e o zelo com a reputação o levam a condenar homens sem primeiro julgá-los e banir aqueles que questionam suas ações — um comportamento tardio na obra, mas desde cedo reconhecido pelo narrador (3.12.18-19):

[18] *Equidem hac continentia animi si ad ultimum uitae perseuerare potuisset, feliciorem fuisse crederem, quam uisus est esse [...]* [19] *Sic uicisset profecto superbiam atque iram, mala inuicta, sic abstinuisset inter epulas caedibus amicorum, egregiosque bello uiros et tot gentium secum domitores indicta causa ueritus esset occidere.*

[18] Certamente, se ele tivesse sido capaz de preservar essa moderação de temperamento até o fim de sua vida, eu acredito que ele teria sido mais feliz do que pareceu ser. [...] [19] Assim, ele sem dúvida teria dominado a soberba e a ira, flagelos invencíveis; assim, nos banquetes, ele teria hesitado em matar, sem claros motivos, amigos e egrégios guerreiros que com ele subjugaram tantos povos.

É possível, assim, reconhecer um padrão na arquitetura que Quinto Cúrcio Rufo faz da figura de Alexandre, o Grande, no sentido de que os traços que inicialmente atribuem à personagem nuances virtuosas são inevitavelmente os mesmos que, em excesso, denotam a corrupção moral e o declínio aos vícios. Como anteriormente mencionado, nas *Historiae Alexandri*, tais excessos são impulsionados ora pela ação da *fortuna*, cujo favoritismo por Alexandre lhe concede o que deseja, ora pela juventude (e conseqüente falta de sabedoria) da personagem, mas, em especial, pela megalomania que ele desenvolve ao longo das campanhas. Acentuada a partir do Livro VI, a irrefreável ambição de Alexandre rapidamente encontra respaldo em sua divindade e invencibilidade, traços que, quando a personagem é questionada pelo esquecimento de seus propósitos iniciais, alimentam um comportamento reconhecidamente tirânico que viabiliza a impressão alegórica mediante a leitura.

Considerações finais: o Alexandre romano de Quinto Cúrcio Rufo

Em linhas gerais, respostas para a pergunta remanescente – isto é, se, como pensam Vorhis (2017), Ribeiro (2020), Aprile (2023) e outros, Quinto Cúrcio Rufo estaria se servindo da história de Alexandre para criticar a figura imperial do contexto em que viveu – são inevitavelmente fadadas ao âmbito da especulação e variam com as mais diversas interpretações. Apesar disso, as *Historiae Alexandri* sobrevivem como um engenhoso relato das façanhas e conquistas de Alexandre, o Grande, cuja caracterização ainda hoje serve não só aos estudos historiográficos, como também (e cada vez mais) aos literários. Nesse viés, quando Cúrcio recupera os traços essenciais da identidade de Alexandre para demonstrar a forma como o macedônio se desvirtuou de seus originais propósitos e, conseqüentemente, o quão irreconhecível ele se tornou perante seus próprios soldados, que passam a responder não mais a um rei, mas a um tirano, não é difícil vislumbrar a personagem como um espelhamento de imperadores como Calígula ou Nero – e, mesmo, da figura imperial em si. Em essência, o Alexandre (macedônio, persa e romano) de Quinto Cúrcio Rufo sobrevive da Antiguidade romana como uma lembrança da advertência de Lord Acton¹⁰⁹, no sentido de que o poder corrompe e o poder absoluto corrompe absolutamente – independentemente do quão Grande seja a figura.

Referências

APRILE, G. Crítica del imperialismo en dos discursos de las *Historiae* de Curcio Rufo. **Circe de clásicos y modernos**, La Pampa, n. 21, v. 1, p. 65-86, 2023.

BARDON, H. *Quinte-Curce. Histoires*: Tome Premier (Livres III-VI). Paris: Société d'Édition 'Les Belles Lettres', 1947.

BAYNHAM, E. **Alexander the Great**: The Unique History of Quintus Curtius Rufus. Michigan: The University of Michigan Press, 1998.

FIGGIS, J. N.; LAURENCE, R. V. **Historical Essays and Studies**. Londres: Macmillan, 1907.

HECKEL, W. Notes on Q. Curtius Rufus' History of Alexander. **Acta Classica**: Proceedings of the Classical Association of South Africa, Cape Town, v. 37, n. 1, p. 67-78, 1994.

109 "Power tends to corrupt, and absolute power corrupts absolutely in such manner that great men are almost always bad men." Carta a Bishop Mandell Creighton (abril, 5, 1887, *apud* Figgis; Laurence, 1907).

MILNS, R. D. The Date of Curtius Rufus and the “*Historiae Alexandri*”. **Latomus**, Bruxelles, v. 25, n. 3, p. 490-507, 1966.

MONFERRER, L. P. **Estudio del Uso del Estilo Directo y del Estilo Indirecto en las “*Historiae Alexandri Magni Macedonis*” de Quinto Curcio Rufo**. 2002. Tese (Doutorado em Filologia Clássica) – Universitat de Valencia, Valencia, 2002.

RIBEIRO, M. A. **A construção de um modelo de princeps**: Quinto Cúrcio e a imagem de Alexandre, o Grande, durante o século I d.C. 2020. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2020.

STONEMAN, R. The Latin Alexander. *In*: HOFMANN, H. (ed.). **Latin Fiction: The Latin Novel in Context**. London and New York: Routledge, 1999. p. 141-157.

VIZENTIN, M. Espelhos contrapostos: Alexandre e o modelo de imperador romano. **Métis: história & cultura**, Caxias do Sul, v. 8, n. 15, p. 157-166, 2009.

VORHIS, J. G. Curtius’ *Historiae Alexandri Magni*. *In*: VORHIS, J. G. **The Best of Macedonians: Alexander as Achilles in Arrian, Curtius and Plutarch**. 2017. Tese (Mestrado em Filosofia Clássica) – University of California, Los Angeles, 2017.

**Nota crítica a um *locus
desperatus* em Suetônio,
*De Grammaticis et
Rhetoribus* 13.1**

Gustavo Chaves Tavares

Introdução

Suetônio é geralmente conhecido como o biógrafo dos *Doze Césares*, mas a ele outras obras também se atribuem variavelmente conservadas. Delas preserva-se boa parcela do fragmento que se intitula *De grammaticis et rhetoribus* (doravante *De gramm. et rhet.*), no qual Suetônio repertoreia dados biográficos de algumas personalidades que em Roma obtiveram notoriedade no ensino da *gramática* e da *retórica*. No entanto, este fragmento foi apenas redescoberto no século XV contido no *codex Hersfeldensis*, ora perdido, mas que possibilitou desde então a redifusão da obra no meio humanista da época e sua ulterior transmissão até os dias atuais. Assim, no presente estudo pretende-se fazer um apanhado do histórico da tradição textual do *De gramm. et rhet.*, bem como exemplificar as dificuldades inerentes ao estabelecimento do texto com o caso de Estabério Eros (*De gramm. et rhet.* 13,1).

1 Um manuscrito: uma longa história

O *De gramm. et rhet.* de Suetônio conta com uma história longa e cheia de peripécias, desde os boatos de sua redescoberta feita em um monastério da Alemanha nos inícios do séc. XV¹¹⁰ até sua chegada na Roma renascentista de 1455 e a subsequente confecção dos apógrafos que serviram de base aos manuscritos e incunábulo superstites. Esse opúsculo, na verdade, teria feito parte de um projeto maior de Suetônio, ao escrever a vida de homens que se ilustraram nas letras latinas, usualmente indexado o *De Viris Illustribus*, ao qual Jerônimo faz remissão no prefácio de seu livro homônimo:

Hortaris, Dexter, ut Tranquillum sequens ecclesiasticos scriptores in ordinem digeram et, quod ille in enumerandis gentiliū litterarum viris fecit inlustribus, ego in nostris hoc faciam [...]. Fecerunt quidem hoc idem apud Graecos [...], apud Latinos autem Varro Santra Nepos Hyginus et ad cuius nos exemplum provocas Tranquillus (Jerônimo *De viris illustribus* praef. ad Dextrum *sub init.*, ed. Herding. 1879).

110 Acredita-se que a primeira notícia explícita ao *De gramm. et rhet.* de Suetônio remonte a uma carta do Panormita a Guarino Veronese (cf. Robinson, 1920, p. 9), datada por Sabbadini (1914, p. 270) no mês de abril de 1426: *Compertus est Cor. Tacitus de origine et situ Germanorum. Item eiusdem liber de vita Iulii Agricolaē isque incipit: 'Clarorum virorum facta' caeterave. Quinetiam Sex. Iulii Frontonis liber de aquaeductibus qui in urbem Romam inducuntur; et est litteris aureis transcriptus. Item eiusdem Frontonis liber alter, qui in hunc modum incipitur: 'Cum omnis res ab imperatore delegata mentionem exigat' et caetera. Et inventus est quidam dialogus de oratore et est, ut coniectamus, Cor. Taciti, atque is ita incipit: 'Saepe ex me requirunt' et caetera. Inter quos et liber Suetonii Tranquilli repertus de grammaticis et rhetoribus: huic incipit: 'Grammatica Romae'. Hi et innumerabiles alii qui in maibus versantur, et praeterea alii fortasse qui in usu non sunt, uno in loco simul sunt; ii vero omnes, qui ob hominum ignaviam in desuetudinem abierant ibique sunt, cuidam mihi coniunctissimo dimittentur propediem, ab illo autem ad me proxime et de repente; tu secundo proximus eris, qui renatos sane illustrissimos habiturus sis (apud Sabbadini, 1914, p. 270). Os rumores, porém, que envolvem a redescoberta do códice que continha, dentre outras, a obra inédita de Suetônio já remontavam do ano anterior, quando aos 3 de novembro de 1425, em Roma, Poggio Bracciolini escrevia a seu correspondente Nicolau de Niccoli: *Quidam monachus amicus meus ex quodam monasterio Germaniae, qui olim a nobis recessit, ad me misit litteras, quas nudius quartus accepi; per quas scribit se reperisse aliqua volumina de nostris, quae permutare vellet cum Novella Ioannis Andreae vel tum Speculo tum Additionibus, et nomina librorum mittit interclusa.... Inter ea volumina est Iulius Frontinus et aliqua opera Conielii Taciti nobis ignota: videbis inventarium et quaires illa volumina legalia, si reperiri poterunt commodo pretio* (Poggii *Epistol.* coll. Tonelli, Florentiae 1833, I p. 168, apud Sabbadini, 1914, p. 263).*

Jerônimo faz novamente referência a Suetônio e à temática das *vidas de homens ilustres* na carta que endereçava a Desidério (*epistula XLVII ad Desiderium*), na qual dizia o seguinte: *scripsi librum de inlustribus uiris ab apostolis usque ad nostram aetatem, imitatus Tranquillum Graecumque Apollonium* (Jerônimo *Epistulae*, ed. Hilberg, 1910).

Embora tenha constituído um todo homogêneo, em razão do fato de que as personalidades aí tratadas viriam divididas em categorias¹¹¹, o *De Viris Illustribus* teria então dado margem a um desmembramento precoce e cópia em separado de suas partes. E é justamente essa a circunstância com que o texto do *De gramm. et rhet.* chegou até nós através do único testemunho a partir do qual toda a sua tradição testemunhal derivou-se. Com efeito, o manuscrito que é tido como arquétipo, o *codex Hersfeldensis*, um minúsculo carolíngio datado entre os séc. IX-X, continha as obras menores de Tácito (*Germania*, *Agricola* e o *Dialogus de Oratoribus* nessa ordem) e o *De gramm. et rhet.* de Suetônio depois delas.

Até onde se tem notícia, o primeiro a descrever o códice de Hersfeld teria sido Pier Candido Decembrio, que desde 1450 estava em Roma como secretário a serviço da Cúria Papal, e que na primavera de 1455 teve diante de si, dentre outros que Enoch d'Ascoli trouxera consigo das terras setentrionais, o manuscrito de Hersfeld (Sabbadini, 1901, p. 263). O que se lê abaixo é a parte que nos interessa das observações codicológicas que Pier Candido Decembrio fizera a propósito do *codex Hersfeldensis*, mas que ficaram inéditas no *cod. Ambrosianus R 88 sup. saec. XV* até que Remigio Sabbadini as transcreveu e cuidou de publicar em 1901:

f. 112. – Cornelii taciti liber reperitur Rome visus 1455 de Origine et situ Germanie [...]. Suetonii tranquilli de grammaticis et rhetoribus liber. Incipit: 'Grammatica rome nec in usu quidem olim nedum in honore ullo erat. rudis scilicet ac bellicosa etiam tum civitate necdum magnopere liberalibus disciplinis vacante'. Opus foliorum septem in columnellis. Finit per prius: 'Et rursus in cognitione cedis mediolani apud lucium pisonem proconsulem defendens reum. cum cohiberent lictores nimias laudantium voces ita excandisset. ut deplorato Italiae statu quasi iterum in formam provincie redigeretur. M. insuper brutum cuius statua in conspectu erat invocaret Regum ac libertatis auctorem ac vindicem'. Ultimo imperfecto columnello finit: 'diu ac more concionantis redditis abstinuit cibo'. Videtur in illo opere Suetonius innuere omnes fere rhetores et Grammaticae professores desperatis fortunis finivisse vitam (P. C. Decembrio, *apud* Sabbadini, 1901, p. 262-263).

111 Reifferscheid em sua dissertação de 1859, discutindo a esse respeito, chega a propor que a obra se dividiria na vida dos oradores, filósofos, gramáticos, retores, poetas e historiadores, negando que o eventual acréscimo que Jerônimo faz ao *Chronicon* de Eusébio com a menção a um jurista e a um médico possa levar a supor que o *De Viris Illustribus* Suetoniano também englobasse a vida de médicos e juristas ilustres: 'iam si quaeris num aliis testimoniis haec ratiocinatio firmetur, oratorum et philosophorum libri nulla quidem alia fide nituntur, quam quae ex Hieronymi excerptis repetita est; quod contra grammaticorum et rhetorum vitae adhuc super sunt, de poetis scripsisse Suetonium iam ipsis de vita Terenti et Horati reliquiis arguitur; nec denique historicorum liber etiamsi ab Hieronymo discesseris sua destitutus est auctoritate, cum hunc sibi locum vita Plini poscat [...] Sex igitur litterarum genera inlustrium virorum libro comprehensa fuerunt. quos cum iusta argumentatione adsecutus sim, contradicentem me quidem habebit, si quis ultra progredi ausus etiam iuris consultorum et medicorum vitas a Suetonio inlustratas esse coniciat. commemorantur quidem ab Hieronymo medicus unus et unus iuris consultus. sed ut hanc singularitatem indiciorum non componere possis cum paucitate illa historicorum et philosophorum, ita is qui hinc aliquid efficere studeat in iustum temeritatis crimen incurrat' (Reifferscheid, 1859, p. 6-7). Ao mesmo estudioso, aliás, deve-se uma edição dos fragmentos de Suetônio (*C. Suetoni Tranquilli praeter Caesarum Libros Reliquiae*, 1860) que, embora já um tanto quanto ultrapassada, dificilmente pode ser desconsiderada muito em razão da abundante documentação que traz consigo. Nela, aliás, a dissertação de 1859 foi reimpressa ao final do volume. Sobre a questão se o *De gramm. et rhet.* faria ou não parte do *De Viris Illustribus*, M.-C. Vacher (1993, *introd.* p. xxiv-xxx) dá um ótimo panorama na introdução de sua edição crítica.

A notícia de Decembrio, com especial atenção às transcrições do *incipit* e *explicit* do *De gramm. et rhet.* feitas por ele, pode nos dar algumas informações relevantes do estado em que o único testemunho desta obra de Suetônio passou novamente a circular no meio letrado: **(a)** encontrava-se ao final do códice, após as três obras menores de Tácito; **(b)** tinha uma extensão de sete *folia* em colunas; **(c)** o códice terminava abrupto, com sua última coluna inacabada e o texto do *De gramm. et rhet.* corrompido, sem a continuação/final, talvez porque o copista teria deixado o trabalho inacabado ou porque seu arquétipo já se encontrava com essa lacuna ao final: *'non dunque per la caduta di qualche foglio, ma per trascuratezza dell'amanuense o per difetto dell'esemplare donde copiava'* (Sabbadini, 1901, p. 264); **(d)** nem o *incipit* se apresentava menos corrompido¹¹², porquanto a lição *'rudis scilicet ac bellicosa etiam tum civitate necdum magnopere liberalibus disciplinis vacante'*, para manter o ablativo absoluto, deveria apresentar *'rudi'*.

Foi esse o estado deficitário e um tanto quanto cambiante com que o fragmento do *De gramm. et rhet.* chegou a ser novamente lido e comentado desde a segunda metade do séc. XV. Com efeito, a partir de um único exemplar, o *codex Hersfeldensis* – que se acredita hoje esteja em partes conservado em um outro códice compósito¹¹³, deriva toda a tradição manuscrita do *De gramm. et rhet.*, tendo como intermediários dois apógrafos, os subarquétipos presumidos **X** e **Y**¹¹⁴, que deram origem cada qual a um ramo da tradição textual. Atualmente¹¹⁵ contam-se vinte e oito manuscritos (Kaster, 2016, *pref.* p. xviii-xlix, n. 76), além de cinco *incunabula*¹¹⁶ (Salazar,

112 Considerando que Decembrio tenha sido, como parece ser o caso, bem judicioso na descrição do códice (cf. Sabbadini, 1914, p. 281-282).

113 É o *codex Aesinas Latinus* 8 da Biblioteca Balleani (atualmente catalogado como *Codex Vittorio Emanuele 1631* e conservado na Biblioteca Nacional Central de Roma (Disponível em: http://digitale.bnc.roma.sbn.it/tecadigitale/manoscrittoantico/BNCR_Ms_VE_1631/BNCR_Ms_VE_1631/1. Acesso em: 16 mar. 2024), que apresenta um quaterniã que teria constituído o terceiro caderno do códice de Hersfeld e que teria sido incorporado entre os anos 1470-1474, ocupando os *folia* 56-63 com o texto do *Agricola* de Tácito desde *'munia'* (13,1) até *'missum'* (40,2) – cf. Magnaldi, 1997, p. 119; Vacher, 1993, *introd.* lxvi. Do *codex Hersfeldensis* propriamente dito perde-se qualquer informação depois da sua descrição por Decembrio, paradeiro esse possivelmente favorecido pelo desmembramento e venda das partes pelo mercado livreiro da época.

114 No que diz respeito à nomenclatura, desde a dissertação de Robinson (1920), a quem se deve o estudo minucioso dos então 19 manuscritos conhecidos e a elaboração do respectivo *stemma*, os subarquétipos X e Y recebem essa denominação, que R. Kaster também adota em seu estudo de 1992 e na edição de 1995 (vide *bibliografia*), mas em sua recente edição de 2016, pela *Bibliotheca Classica Oxoniensis*, adequando-se à convenção de usar minúsculas gregas para apógrafos presumidos, redenomina-os α (=X) e β (=Y) – cf. Kaster, 2016, *introd.* p. xlix. Contudo, no presente capítulo, optei por usar as siglas já preconizadas por Robinson (1920).

115 Roth (1858, *praef.* p. lii) menciona em sua época o conhecimento de quinze códices: *Libelli de Grammaticis et rhetoribus codices scripti, quantum ego comperi, universi reperiuntur numero XV* (idem *ibidem*). Robinson (1920, *passim*) faz o repertório de dezenove manuscritos do *De gramm. et rhet.*, dando deles em sua dissertação uma minuciosa recensão e colação, além do *stemma* ainda hoje, com leves alterações, aceito pela crítica. Brugnoli (1972, p. xx-xxviii), em sua primeira edição de 1960 (iterum 1963, tertium 1972) descrevia outros quatro manuscritos até então inéditos, os códices *Vaticanus Latinus* 7190, 'T'; *Vaticanus Borgianus Latinus* 413, 'E'; *Vaticanus Ottobonianus Latinus* 1434, 'A'; *Vaticanus Ottobonianus Latinus* 3015, 'Z'. M.-L. Colker (1983, p. 165-169) descreve outros dois manuscritos inéditos, chamando-os 'J' (nº 58 no *Catalogue of Medieval & Renaissance Manuscripts of the University of Notre Dame* – Notre Dame, Indiana, 1978) e 'R' (nº 11 na biblioteca de M.-L. Colker em Charlottesville, Virginia). Outros três códices já são inventoriados por Kaster em sua edição de 2016 (p. 426): *Mediol. Archiv. di Stat. Galletti* 16 (an. 1477); *Flor. Medic. Laur. Redi* 116; *Flor. Bibl. Riccard.* 3595.

116 Ao que parece, a edição conhecida desde Roth (1858, *praef.* p. liii) como *Editio Incerta* não se conservou (cf. Salazar, 2014, p. 201). Ela teria sido a *princeps*, descrita por Robinson em sua dissertação (1920, p. 35), que põe sua publicação pelo ano de 1471 em Veneza, por Nicolau Jenson: *'EDITIO INCERTA, quam secundum Rothium nomino, sine urbe anno typographi nomine, foliorum quaternariorum minorum XV, uersiculorum uicenororum quaternorum [...]. Venetiis ex officina Nicolai Jenson circiter anno 1471 prodisse dicitur'* (Robinson, 1920, p. 35). A atribuição de ano e tipógrafo parece ter origem com J.-C. Brunet (1864, col. 585), que afirma tê-la visto: *'Nous avons vu une autre édition, pet. in -4, du même opusculé, imprimée avec les caractères employés par Nic. Jenson dans le Luctus christianorum, en 1471; elle consiste également en 16 ff., dont le dernier est blanc; mais les pages n'on n'y trouve pas la préface de Tuscanus. Le premier f. commence au recto,*

2014, p. 201-202). Dentre esses testemunhos, dois deles – os códices **O** e **W**¹¹⁷ – pertencem à família **X**, e os demais testemunhos distribuem-se entre as subfamílias **α**, **β** e **γ** de **Y**. O nexo entre as subfamílias de **Y** foram revistas por Kaster (1992, p. 12-14), que demonstrou com base nos *errores disiunctivi* que haveria dependência de **α** e **γ** da parte de um subarquétipo comum, chamado então por ele de **Γ**¹¹⁸.

Eis em linhas mestras o percurso e a fortuna do opúsculo Suetoniano do *De Grammaticis et Rhetoribus*. Uma obra, com efeito, cuja notícia passou quase em branco pela prova dos séculos mantendo-se, porém em estado latente, pelo menos graças ao reverente débito de Jerônimo para com o seu *Tranquilo*, e que não pôde, quando de sua redescoberta, não ser acolhida calorosamente pela Itália humanista, ávida da Antiguidade, na qual, aliás, todos os manuscritos e *incunabula* supestites vieram à luz. De fato, essa reverberante alegria é de alguma forma expressa em uma anotação marginal que se encontra no fólio 47^v do *codex Leidensis XVIII Perizonianus Q. 21*, testemunho esse que teria sido feito com base em um apógrafo do célebre humanista Giovanni Gioviano Ponto, o *Liber Pontani*¹¹⁹:

*par ces quatre lignes en capitales: Suetonii Tranquilli de/ grammaticis et rhetori-/bus clarissimis libellus, / foeliciter incipit. Le texte finit avec la 24^e ligne du 15^e feuillet verso. Vend. 56 fr. D'Curthes' – cf. também a esse propósito Salazar, 2014, p. 201). Por sua vez, os *incunabula* superstites são os seguintes: (a.) *ed. Patavina*, publicada em Pádua no ano 1473 (ou 1476), por Bartholomeo de Valdezoccho e Martino de Septem Arboribus editoribus (Kaster, 2016, *preface* p. xlix; Salazar, 2014, p. 202); (b.) *ed. Veneta*, em Veneza no ano de 1474, por Bartolomeo da Cremona e Bartolomeo di Carlo Verellese (essa edição, além do *De gramm. et rhet.*, contém outras obras: *Modesti De re militari*, *De magistratibus urbis*, *De sacerdotiis*, *De legibus*); (c.) *ed. Romana*, em Roma, antes do dia 15 de janeiro de 1477 (Salazar, 2014, p. 202), ou em 1475 segundo Brugnoli (1972, p. xxxi): o texto é precedido de uma carta-prefácio de Aloisius Tuscani; (d.) *ed. Florentina*, em 1478, por Sancto Jacobo de Ripoli; (e.) *ed. Veneta altera*, em Veneza entre os anos de 1498-1500, por Bernardino Veneto de Vitalibus, contendo também o *De re coquinaria* de Apicio (Salazar, 2014, p. 202).*

117 Ambos considerados testemunhos de ótima qualidade: 'W' = Vindobonensis Lat. 711, ser. nov. 2960, produzido em Roma em 1466 por Hugo Hämste, secretário do bispo de Trento, conforme consta da *subscriptio*; 'O' = Vaticanus Ottobonianus Lat. 1455, de pouco anterior a W (cf. Magnaldi, 1997, p. 121; Robinson, 1920, p. 29-30; Vacher, 1993, *introd.* p. lxxviii-lxxix). Tive acesso a ambos: a 'W' através de uma colação feita por Hueme (1878); a 'O' mediante uma digitalização acessível pelo site da Biblioteca Vaticana (DVL – DigiVatLib). Disponível em: https://digi.vatlib.it/view/MSS_Ott.lat.1455. Acesso em: 17 mar. 2024.

118 Robinson (1920, p. 182-185) já sinalizava em sua dissertação a esse possível nexo entre as subfamílias **α** e **γ**: '*Quaedam affinitas inter stirpes α et γ quaestionem prouocat, num artius uinculum inter has duas stirpes quam inter α et β aut inter β et γ statuendum sit*' (Robinson, 1920, p.182); e mais à frente: '*Si codices α et γ non ex ipso Y sed e quodam eius apographo deperdito fluxisse censemus, non omnia ad liquidum perducuntur*' (Robinson, 1920, p. 185).

119 Tive acesso a esse códice, conhecido pela sigla 'L' através de uma reprodução fotográfica (Wissowa, 1907) bem como por uma digitalização em ótima qualidade pela Biblioteca Digital da Universidade de Leiden. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1887.1/item:360815>. Acesso em: 19 mar. 2024. Quanto à presença de o L ser a cópia de um apógrafo Pontaniano, e não a própria mão de Pontano, argumenta Wissowa (1907, p. xviii) em parte com base nos erros e correções efetuadas pela mão do copista sobre essa mesma nota marginal: '*Leidensem autem librum non pauci fuerunt, qui Massmanni (in edit. Germaniae p. 182 sqq.) auctoritatem secuti ipsius Ioannis Ioviani Pontani manu scriptum esse putarent, cum videlicet notas Pontani nomine inscriptas, quae in f. 1^v et in margine f. 47^v leguntur (vide supra p. IV. VIII), ab ipso libri scriptore de suo adpictas esse arbitrarentur. quod secus est. nam ut ex ipsius scripturae parilitate elucet has notas non a posteriore aliqua manu additas (quae fuit Reifferscheidi opinio, Suet. rel. p. XIII et XV), sed ipsi librario vindicandas esse, ita non minus certis argumentis demonstratur, hunc eas ex ipso exemplari transscripsisse; aliter enim fieri non potuit, ut in altera nota (f. 47^v) describenda omissis nonnullis verbis erraret mendumque postea exemplan iterum inspecto corrigeret*' (Wissowa, 1907, p. xviii). A esse respeito, cf. também Robinson, 1920, p. 19-20 e 32. Ademais, o que se lê na parte superior do fol. 1^v do mesmo manuscrito é o seguinte: '*Hos libellos Iovianus Pontanus exscripsit nuper adinventos et in lucem relatos ab Enoc Asculano quamquam satis mendosos. M.CCCC.LX martio mense*' (Wissowa, 1907, fol. 1^v). A questão da autoria, na verdade, é controversa. R. Kaster (1992, 14), redesenhando alguns pontos do *stemma* do *De gramm. et rhet.*, parte do princípio que L seria de fato um apógrafo de Pontano com base em um manuscrito anterior corrigido por ele mesmo, o '*Liber a Pontano correctus*', que fora feito por sua vez com base em V (= *codex Vaticanus Lat. 1862*): '*L – a MS written by Giovanni Pontano in 1460 – is descended directly from V, by way of a MS corrected by Pontano himself (i.e., Pontano corrected a MS descended from V and then wrote L as a fair copy of the corrected MS*' (Kaster, 1992, p. 14). O códice 'V' está acessível no site da Biblioteca Vaticana (DVL – DigiVatLib). Disponível em: https://digi.vatlib.it/view/MSS_Vat.lat.1862. Acesso em: 17 mar. 2024.

C. Suetonius scripsit de viris illustribus, cuius exemplum secutus Hieronymus ipse quoque libellum de scriptoribus Christianis edidit. Nuper etiam Bartholomeus Facius familiaris noster de viris illustribus temporis sui libros composuit. Qui ne hos Suetonii illustres viros videre posset mors immatura effecit. Paulo enim post eius mortem in lucem redierunt cum multos annos desiderati a doctis hominibus essent. Temporibus enim Nicolai quinti pontificis maximi Enoc Asculanus in Galliam et inde in Germaniam profectus conquirendorum librorum gratia, hos quamquam mendosos et imperfectos ad nos retulit. [...] (Wissowa, 1907, fol. 47^v – transcrição nossa com adaptação ortográfica e resolução de abreviaturas).

Se me alonguei em alguns detalhes do histórico do *De gramm. et rhet.*, foi com a intenção, como dito, de salientar as dificuldades inerentes que uma tradição textual derivada de um único exemplar já um tanto quanto corrompido pode oferecer ao crítico na sua tarefa de restituição do texto. Verdade é que o *De gramm. et rhet.*, como um todo, pelo menos no estado em que foi transmitido, é passível de uma leitura frutuosa, mas dele não se podem ignorar as inúmeras dificuldades que ora em passagens maiores ora no detalhe se apresentam ao crítico. O arquétipo já comportava uma grande lacuna ao final, e nesse sentido não somente o capítulo dedicado ao retor *C. Albucius Silus* (*De gramm. et rhet.* 30) ficou incompleto, como também não foram transmitidas a vida de outros onze retores¹²⁰ que teriam constituído a segunda parte da obra. Além disso, aqui como ali, o crítico se depara com passagens cuja restituição não se faz senão por meio de conjecturas, no caso de que fatalmente não devam vir a ser consideradas *loci desperati*, para os quais, diante do estado testemunhal superstite, dificilmente se tem remédio. No que segue, tratarei justamente de um desses *loci desperati* ao texto do *De gramm. et rhet.* 13,1.

2 O caso de *Lúcio Estabério Eros* (*de gramm. et rhet.* 13,1)

Primeiramente transcreverei a passagem em questão segundo a edição de Kaster (1995) e darei dela, na sequência imediata, uma tradução de minha lavra:

[13] L. Staberius Eros †nametra† emptus de catasta et propter litterarum studium manumissus, docuit inter ceteros Brutum et Cassium. Sunt qui tradant tanta eum honestate praeditum ut temporibus Sullanis proscriptorum liberos gratis et sine mercede ulla in disciplinam receperit. (Suetônio *De gramm. et rhet.* ed. Kaster 1995).

120 O fato de que outros onze retores teriam constituído o restante da obra é sabido graças ao índice dos gramáticos e retores que se encontra em alguns manuscritos do *De gramm. et rhet.* Mas a questão de que ele tenha sido prefixado ao *De gramm. et rhet.* pelo próprio Suetônio ou se antes se deva atribuir a um compilador posterior, é questão ainda debatida para a qual não há consenso na crítica (Kaster, 1995, p. 41-42; Vacher, 1993, p. 33-34).

[13] Lúcio Estabério Eros †[...]†, que fora comprado em uma feira de escravos, adquiriu a liberdade em razão do estudo das letras e foi professor, dentre outros, de Bruto e Cássio. Dele há quem diga que foi homem de tal caráter que chegou a ensinar gratuitamente aos filhos dos proscritos na época da ditadura Sulana (tradução própria).

Antes, porém, que discuta os pontos-chave desse capítulo do *De gramm. et rhet.* consoante o propósito do presente trabalho, farei uma espécie de aparato crítico¹²¹ contendo apenas as variantes nos manuscritos (deixarei, com efeito, as conjecturas para a discussão abaixo) e relativas apenas à seguinte lição: ‘L. Staberius Eros †nametra† emptus’:

L. Staberius **O** : Staberius **W** (*spatio vacuo litterae implendae praemisso*) **BVLM** : Straberius **NGI** : Taberius **KE** : Lucius (Lutius **C**) Taberius **CΔF** : L. Taberius **QT** : V. Taberius **H** : Vaberius **P** : om. **U** : s Aberius **R**

heros (h *corr.* ex b) nametra emptus **O** : eros nametra emptus **W** : eros nametra empturus **NGI** (hero suo metre emptus *suprascrip.* **G**; eros *om. et* empturus *scrip.* **I**) : ero suo Metre (metre **L**) emptus **VL** (herosnametra *in marg.* **L**) : here suo Metre emptus **B** : hero suo morem emptus **D** : heros nametra **MK** (hiero suo metre *in marg.* **M²K**) : heros (hiero *suprascr.* **H**) suo ++ empturus nametra **HP** (*post suo spatium est vacuum fere decem litterarum*) : heros emptus **U** (*spatio fere quattuordecim litterarum praemisso*) : hiero suo meneaemptus heros nam&ra (ramata **Δ**) empturus **CΔ** : hierausuomene emptus heros empturus **Q** : hyerasuomene emptus haeres empturus **E** : (eros *om.*) de catasta emptus **F** : Catasto hiero suo mene emptos heros empturus **T** : hero suo nametra emptus **R**

A primeira questão a ser colocada é a do *praenomen* ‘L.’ (= *Lucius*), que oferece certo desacordo da parte dos editores modernos quanto ao fato de ter ou não figurado do nome original do gramático. Editaram¹²² a passagem sem o ‘L.’ Roth (1858), Reifferscheid (1860), Robinson (1920; e em sua edição de 1925 – *apud* Paul, 1941, p. 158), Bione (1939 – *apud* Paul, 1941, p. 158), Brugnoli (1972) e Vacher (1993). Incluíram o ‘L.’ no texto como autêntico Francesco Della Corte (1968 – cf. Kaster, 1992, p. 81, n. 86; Martinet, 1997, p. 956) e Kaster

121 Para demonstrar a diversidade de lições, este aparato tem a intenção de ser tanto analítico e complessivo quanto pude recolher das indicações nos aparatos das edições críticas de Brugnoli (1972), Kaster (1995, 2016), Reifferscheid (1860) e Vacher (1993), da dissertação de Robinson (1920), do estudo crítico de Kaster (1992), bem como das digitalizações de nove dos manuscritos que eu mesmo estive em condições de avaliar, que foram os seguintes: *cod. Vaticanus Ottobonianus lat. 1455* (O), *cod. Vaticanus lat. 4498* (Δ), *cod. Vaticanus Vrbinas lat. 1194* (U), *cod. Vaticanus lat. 1518* (I), *cod. Vaticanus lat. 1862* (V), *cod. Leidensis XVIII Perizonianus Q. 21* (L), *cod. Vaticanus lat. 7190* (T), *cod. Parisinus lat. 7773* (P), *cod. Florentinus Laurentianus Gaddianus plut. 89 inf. 8/1* (F). Quanto ao *cod. Vindobonensis Lat. 711, ser. nov. 2960* (W), foi-me possível acessá-lo mediante uma colação, como assinalado na nota 8 do presente artigo. Com relação a ‘R’ (nº 11 na biblioteca de M.-L. Colker em Charlottesville, Virginia), um acaso fez com que eu pudesse inspecionar uma fotocópia de apenas cinco páginas do manuscrito, a saber: *fol. 3^r*, após o *incipit* (*Suetonij tranquillí de Grammaticís et Rethoribus cla-/rísjímís libellus foelícíter ex íncípít*) lê-se ‘*g Rammatica Romę ne ín usu quídem olím*’ e ao final ‘*çeterís nota facerent ut C· octauíus*’; *fol. 6^v* lê-se ao início ‘*tamen copia fít altera ad eundem hermam*’, e termina ‘*Síquís forte meí domum Catonís*’; *fol. 7^r* lê-se ao início ‘*Depíctas mínío afsilyas, & illos*’, e termina ‘*& C· Mēmío: sed quō codicillo^s*’; *fol. 9^v* começa ‘*príncípem locum ínter grammaticos tenuít*’ e termina ‘*glórię & fructuí esfe animaduerteret*’; *fol. 10^r* lê-se ao início ‘*níhíломín^s ín proposito*’ e termina ‘*uellent ínfíturunt· Haec*’. As respectivas imagens do *cod. ‘R’* estão *on-line* com acesso livre. Disponível em: <https://onlineonly.christies.com/s/collection-marvin-l-colker/gaius-suetonius-tranquillus-c-69-c-122-107/171576>. Acesso em: 19 mar. 2024.

122 Dentre os editores aqui citados que deram o texto ‘*Staberius Eros*’ sem o ‘L.’, pode-se incluir Gino Funaioli (1907, p. 106), que traz o excerto entre os testemunhos da vida e obra de Estabério Eros, acrescido da sua conjectura que será discutida mais abaixo.

(1995, 2016). Com relação aos manuscritos, o subarquétipo **X** (representado por **O** e **W**)¹²³ teria apresentado a lição '*L. Staberius*', ao passo que **Y** teria apresentado a lição sem o *praenomen* '*L.*'¹²⁴. O índice dos gramáticos e retores que se encontra em alguns manuscritos não é resoluto para se decidir quanto a uma ou outra forma. Com efeito, os manuscritos que apresentam o *index* são os seguintes: **OWGIBVLMCA**; mas deles apenas três¹²⁵ acrescentam a referência a Estabério, e os demais silenciam a seu respeito. O critério, então, para se decidir pela forma '*L. Staberius*' estaria na autoridade que geralmente têm **O** e **W**, os representantes do subarquétipo **X**, autoridade essa da qual Kaster (1992, p. 81-82) se fia e estabelece tal qual o seu texto para esse lugar do *De gramm. et rhet.* 13,1 nas edições de 1995 e 2016, considerando que os testemunhos de **Y** trariam na verdade uma simples omissão da lição '*L.*' (Kaster, 1992, p. 82). Nesse sentido, Robinson – segundo o próprio Kaster observa (1992, p. 81) – faz um raciocínio periclitante em defesa da autenticidade da lição de **Y**, isto é: '*Staberius*', sem o *praenomen*. Em sua dissertação, Robinson (1920, p. 83-84), assumindo apenas a lição '*Staberius Eros*' sem o *praenomen* '*Lucius*', conjectura que a letra *L* teria sido acrescida em algum momento da tradição manuscrita em razão da confusão que se teria feito entre um '*s*' longo (f) e um '*t*' que se segue no nome '*Staberius*', e que o indício disso dariam os *codices deteriores* nos quais figura, com as respectivas variações assinaladas *supra* no aparato, um '*L. Taberius*', de tal modo que o códice de Hersfeld já apresentaria uma dupla lição '*l. taberius*' e '*staberius*'¹²⁶. O grande problema que Kaster (1992, p. 81) assinala para esse ponto de vista é que, ao assumir-se a lição '*L. Taberius*' como possível, Robinson estaria contradizendo as próprias diretrizes do *stemma* estabelecido por ele mesmo, conforme o qual essa lição se encontraria basicamente atestada na subfamília ζ composta pelos *codices deteriores*. Com isso, Kaster conclui: *this view compels us to assume that ζ uniquely preserves an authentic memory of the archetype, a service that it performs nowhere else, and one that Robinson (following his own stemma) should not have expected it to perform* (Kaster, 1992, p. 82).

123 Com efeito, o fato de **W** deixar um espaço vazio para que uma letra maiúscula fosse acrescida posteriormente no processo de cópia é indicativo de uma lição '*L. Staberius*'. A esse respeito, Robinson já fazia observar em sua dissertação: '*In Vindobonensi codice hoc quoque animaduertendum est, totum nomen 'staberius' in ordine exscriptum esse, cum ceteris locis ubi grammaticis praenomina desunt prima nominis littera in praemisso spatio quadrato, ut minio postea exaranda, indicata sit. Ergo librarius W nisi praenomen in exemplari X uidisset, primam nominis litteram 's' non in ordine sed in illo spatio uacuo, quod praemissum erat, scripsisset*' (Robinson, 1920, p. 83) – cf. também a esse propósito, Kaster (1992, p. 81).

124 Os testemunhos de *HPQCΔFTE* levam a supor para o subarquétipo ζ (ao qual esses códices pertencem e que é subfamília de γ , que por sua vez é ramo de **Y**) um '*L. Taberius*' como resultado de contaminação e interpolação (Kaster, 1992, p. 80-81). Com efeito, a subfamília ζ é composta dos *codices deteriores* e, em geral, de pouco valor ao estabelecimento do texto (cf. Brugnoli, 1972, p. xvii; Robinson, 1920, p. 156).

125 O códice **O** traz no texto do seu índice '*et. L. staberius*' após os nome de '*P. Valerius Cato*'; **M** acrescenta '*Staberius heros l. hiero*' depois de '*Cornelius Epicadus*'; **C** e Δ trazem '*L. Taberius*'. Mas como observa Kaster (1992, p. 80, n. 85): *in each case it was obviously supplied from the text*.

126 '*Namque praenomen L. non solum in O sed etiam in libris C Δ Q (Lutius C – I Vcius Δ) inuenitur, sed eo pacto ut hi L. Taberius exhibeant, ubi O L. Staberius testatur*' (Robinson, 1920, p. 83); '*Hoc loco libri deteriores K H C Δ Q aliquo sunt pretio, non quod ueram lectionem praebeant, sed quod nos quominus in errorem delabamur prohibent. L. littera, ut mihi uidetur, in aliquem antiquissimum codicem olim inrepsit propter confusionem inter f et l, ita ut iam in Hersfeldensi codice quaedam lectio duplex l. taberius et staberius extaret*' (Robinson, 1920, p. 84).

O segundo ponto de debate é como resolver o texto que se segue ao *nomen* do gramático, a saber: ‘*Eros †nametra†*’, conforme consta da edição de Kaster (1995) transcrita acima. E para facilitar a apreciação das várias lições transmitidas pelos testemunhos, pode-se estabelecer com plausibilidade a lição que teria figurado respectivamente no subarquétipo **X** (do qual derivam **O** e **W**) e no subarquétipo **Y** (do qual derivam os demais testemunhos). A lição de **X** seria ‘(h) *eros nametra*’, e a de **Y** seria ‘*hero suo metre*’ (cf. Robinson, 1920, p. 84-85; Vacher, 1993, p. 128-129). Independente de qual lição seja preferível, o lugar está certamente corrompido, para o qual a destreza (e criatividade) dos críticos se manifestou de maneira variada. Cabe, então, aqui elencar as diversas conjecturas e seus respectivos autores, que as propuseram com base em uma ou outra lição dos subarquétipos, de modo a tentar sanar esse ‘*locus desperatus*’:

- i. **suomet aere**: Roth (1858) – lição aliás adotada por Rolfe (ed. Loeb, 1914), mas que tem o inconveniente de partir do testemunho da família **Y**, que alteraria a forma presumidamente genuína do *nomen* do gramático – cf. a discussão abaixo a esse respeito
- ii. **nam erat**: Vahlen (*apud* Robinson 1920, p. 85) – cf. a discussão abaixo a respeito dessa conjectura.
- iii. **<libertinus> nam erat**: Robinson (1920, p. 85).
- iv. **natione Thrax**: Funaioli (1907, p. 106).
- v. **nomine, Thrax**: Brugnoli (1972).
- vi. **natus in Syria**: Della Corte (*apud* Brugnoli, 1972; Power, 2012, p. 886) – Hans Martinet (1997) adota o texto da 3ª edição (1968) de Della Corte.
- vii. **natione Syrus**: Viljamaa (1991, p. 3836), que demonstra igual simpatia pela conjectura de Della Corte: *the best emendation seems to be ‘Staberius Eros, natione Syrus’, or as DELLA CORTE prints it ‘Staberius Eros, natus in Syria’.*
- viii. **Ναμέρτης** ou **Νημερτής**: Verdière (*apud* Power, 2012, p. 886; Vacher, 1993, p. 129) – cuja conjectura, segundo observa Vacher (*ibidem*), ‘*a l’intérêt de suposer un surnom grec à la place du mystérieux nametra, or on sait que les mots grecs sont souvent corrompu dans les manuscrits*’.
- ix. **Namnetes** ou **Namnites**, para uma origem Gaulesa de Estabério – cf. a discussão abaixo a esse respeito –; para o caso de uma origem *oriental*, **Amnamethus** (nome de uma ilha situada na costa oeste da Arábia, citada por Plínio o Velho, *Nat. Hist.* vi 150) a ser colocado no locativo **Amnamethi**: ‘*Amnamethi emptus*’, ou uma forma adjetiva dela derivada ***Amnamethius** que, por contaminação com o contexto de ‘emptus’ ter-se-ia corrompido em *Amnamethus*: Pierre Hamblenne (1984, p. 23, n. 26)
- x. **a Metra**: Murgia (*apud* Kaster, 1992, p. 86, que assim faz observar: *I am also not quite able to embrace the much simpler solution proposed to me by C. E. Murgia, viz., ‘Eros a Metra emptus...’, according to which ‘Metra’ would be the cognomen of Staberius’ master (idem, ibidem).*
- xi. **a sua matre**: Beck (*apud* Robinson, 1920, p. 85, n. 154).

- xii. Heros <cog>nomine. Et redemptus:** Doergens (*apud* Robinson, 1920, p. 85, n. 154).
- xiii. Eros a Santra emptus:** Herrmann (1948, p. 96), que remete à mesma personagem citada no *De gramm. et rhet.* 14,3 – passagem aliás em que o nome *Santra*, que é conjectura já proposta por Aquiles Estaço (1565, *fol.* 10^r), vem corrompido nos manuscritos (*Satura/Satira/Satyra codd.* : *Santya W*). Essa conjectura ficou sem acolhida da parte dos editores até que foi retomada em 1854 por Ludwig Preller, *Zeitschrift für die Alterthumswissenschaft*, Vol. 4, 1846, p. 41-42 (cf. Osann, 1854, p. 68; Robinson, 1920, p. 76). O *cod. Vindobonensis Lat. 711, ser. nov. 2960 (W)* foi descrito pela primeira vez apenas por Huemer (1878), oferecendo a lição ‘*Santya*’ que trouxe um indício favorável à conjectura que já propunha Estaço.
- xiv. Staberius Eros Syrophoenix emptus a Mamarra de catasta:** Vossius (*apud* Burmann, 1736, p. 375).
- xv. Ñ.M.C. (= nummorum milibus centum):** Aquiles Estaço (1565, *fol.* 9^v), que em seu comentário ao *De gramm. et rhet.* coteja dois códices manuscritos (*cod. Vaticanus Lat. 1518* e o *cod. Vaticanus Lat. 1862*), levanta essa conjectura do seguinte modo: *In manuscripto altero legitur ‘Staberius hero suo Metre emptus de catasta’, in altero ‘Straberius nametra epturus’. Ex quo faciebam: Ñ.M.C., ut sit ‘nummorum millibus centum’* (Estaço, 1565, *fol.* 9^v).

Que ‘*Eros (gen. Erotis)*’ seja o autêntico nome do gramático já o propunha primeiramente Jos. Scaliger (cf. Robinson, 1920, p. 84-85), fazendo referência aliás a uma passagem pliniana da *História Natural*, sobre a qual, na sequência, tratarei brevemente no tocante à questão levantada no presente capítulo. Quanto a Jos. Scaliger, eis o que dizia a propósito de Estabério:

Lilius Giraldus, in cuius Dialogis haec portenta non invenias. Castigandus tamen est, cum videtur concedere nostrum Manilium eundem esse cum Manilio Antiocho: quem una navi Romam cum Staberio Erote grammatico vectum Plinius auctor est. Is est Staberius Eros, cuius Suetonius meminit libro de claris Grammaticis ita: *Staberius hero suo emptus de catasta*, ubi legendum *Staberius Eros emptus de catasta*. Atqui Romae Staberius Eros temporibus Sullanis ludum aperuit (Scaliger, 1579, p. 4).

Nomen e cognomen do gramático também são referidos na passagem aludida de Plínio o Velho (...*Plinius auctor est*), contida no livro 35 da *Naturalis Historia*:

Alia creta argentaria appellatur nitorem argento reddens, set vilissima qua circum praeducere ad victoriae notam pedesque venalium trans maria advectorum denotare instituerunt maiores; talemque Publilium Antiochium, mimicae scaenae conditorem, et astrologiae consobrinum eius Manilium Antiochum, item grammaticae Staberium Erotem eadem nave advectos videre proavi. sed quid hos referat aliquis, litterarum honore commendatos? talem in catasta videre Chrysogonum Sullae, Amphionem Q. Catuli, Hectorem L. Luculli, Demetrium Pompei, Augenque Demetri, quamquam et ipsa Pompei credita est, Hipparchum M. Antoni, Menam et Menecraten Sexti Pompei aliosque deinceps, quos enumerare iam non est, sanguine Quiritium et proscriptionum licentia ditatos (Plínio o Velho, *Nat. Hist.* xxxv 199-200, ed. Mayhoff, vol. 5, 1897).

A passagem de Plínio o Velho levanta uma série de questões textuais e exegéticas que estão fora do escopo do presente capítulo¹²⁷, sendo o ponto que aqui nos interessa particularmente aquele relativo a uma suposta origem *oriental* de Estabério Eros, o qual teria sido levado como escravo para Roma no mesmo navio que Publílio e Antíoco (*eadem nave advectos videre proavi*), ambos sírios. Desse pressuposto, partem conjecturas como as de Voss (*Syrophoenix* [xiv]), Viljamaa (*natione Syrus* [vii]) e Della Corte (*natus in Syria* [vi]) listadas acima. No entanto, o texto de Plínio é ambíguo quanto ao ‘*eadem nave*’, expressão que pode ser tomada em sentido próprio ou ainda, conforme argumenta P. Hamblenne (1984, p. 24-27), metafórico, como imagem para um destino em comum vivido pelos três personagens: notáveis em um campo do saber, reduzidos à escravidão, levados a Roma. E se se considera um sentido próprio para o termo ‘*eadem nave*’, nem mesmo assim a solução seria imediata para a questão. Pierre Hamblenne (1984, p. 22-27), levantando hipóteses a esse respeito, menciona a conjectura de Funaioli¹²⁸ (*natione Thrax* [iv]) – e a de Brugnoli que a segue no essencial: *nomine, Thrax* [v] –, que embora contradissesse o ‘orientalismo’ de Estabério, situando-o na Trácia, poderia ser entendida num contexto em que o navio teria feito escalas na Grécia e/ou Sicília e, a partir de algum ponto do trajeto, Estabério teria embarcado e, dali em diante, os três foram transportados para Roma pelo mesmo navio (Hamblenne, 1984, p. 27). Mas o que dizer se Estabério Eros fosse de origem gaulesa? Essa possibilidade foi apontada pelo mesmo P. Hamblenne (1984), da qual fiz a remissão acima, na lista das conjecturas, n. ix. Com efeito, o termo *Namnetes* ou *Namnites* é o gentílico de uma população às margens do Líger (*la Loire*) que é citada por Estrabo (iv 2,1), e cuja forma é atestada por César (*Bel. Gall.* iii 9,10) e Plínio o Velho (*Nat. Hist.* iv 107). Nesse sentido, continua P. Hamblenne (1984, p. 23, n. 26), Estabério Eros passaria a fazer parte do grupo de gramáticos e retores gauleses mencionados por Suetônio¹²⁹. A dificuldade de um percurso comum aos três permanece, mas uma solução é aventada: a desembocadura do Tibre e o transporte em comum de Publílio, Antíoco e Estabério da portuária Ostia para Roma – é essa, com efeito, a situação que sugere como hipótese P. Hamblenne:

Que Staberius Eros fût Thrace ou Gaulois (?), nous imaginerions mal qu’il ait accompli « le même trajet » que les deux « cousins » de Syrie; Embarqué au croisement de deux lignes de navigation ou dans un port de relâche (en Grèce ? en Sicile ?), il aurait été par hasard joint aux « Orientaux ». Plus simplement, les trois (*servi*) *venales*, après avoir suivi deux ou trois itinéraires

127 Para tais questões remeto à excelente discussão de P. Hamblenne, ‘*Eadem nave ... ou un brin d’«hagiographie» plinienne* (*Nat.*, 35, 199)’, 1984, disponível gratuitamente em linha – vide Referências.

128 A esse conjectura, Kaster (1992, p. 84) referia como digna de consideração, pois traz uma sequência de letras congruente em certa medida com o ‘nametra’ dos testemunhos codicológicos [*natione Thrax ~ name t(h)ra(x)*], além de fornecer uma informação que, segundo ele então dizia, ‘*one expects (on the man’s origin) in the form one expects it to take*’ (Kaster, 1992, p. 84). Seu ponto de vista, porém, no curso de suas edições e estudos de 1995 e 2016 mudaram, mas acerca disso discutirei mais à frente no presente capítulo.

129 São eles, conforme aparecem no *De gramm. et rhet.*: Octavius Teucer, Sescenius Iacchus e Oppius Chares na Gália Cisalpina (*De gramm. et rhet.* iii 6), Antonius Gniphos *ingenuus in Gallia natus* (vii 1), P. Valerius Cato *ex Gallia* (xi 1), L. Plotius Gallus [?] (xvi 1), L. Staius Vrsulus *Tolosensis celeberrime in Gallia rhetoricam docet* (Hieronymus *Chronicon* ad Ol. 209,1, apud Brugnoli, 1972, p. 36), Sex. Iulius Gabinianus *celeberrimi nominis rhetor in Gallia docuit* [?] (Hieronymus *Chronicon* ad Ol. 213,4, apud Brugnoli, 1972, p. 37).

différents, n'ont-ils pas été transbordés sur un des navires qui remontaient le Tibre d'Ostie à Rome? (Hamblenne, 1984, p. 27).

Seja como for – uma origem síria, trácia ou gaulesa –, pensar assim é um tanto quanto levantar uma série de hipóteses que, embora possíveis, carecem de fundamentação séria, oferecendo aliás mais problemas que soluções, com o perigo de se entrar no anedótico e pitoresco – quase romanesco! – de um conto fantástico. E embora o tema ofereça de fato interesses filológicos gerais, o escopo a que me propus no presente artigo me faz declinar de uma discussão mais pormenorizada da passagem pliniana, contentando-me com o que foi dito sumariamente a respeito dos seus aspectos mais relevantes para a enquete acerca de *Staberius Eros*, conforme desenvolvido no parágrafo acima. Dando, pois, continuidade à discussão das demais conjecturas, delas restam duas sobre as quais agora gostaria de determe: a de Vahlen '*nam erat*' [ii] e a de Robinson '<*libertinus*> *nam erat*' [iii].

Um fato bem curioso cerca a conjectura de Vahlen. Segundo R. P. Robinson (1920, p. 84-85), Vahlen teria feito de próprio punho uma correção logo abaixo da passagem suetoniana, em um exemplar da edição de F. Reifferscheid (1860) dos fragmentos de Suetônio. Eis o que diz Robinson: *Veram emendandi rationem mihi monstrat Vahlenus, cuius in exemplari Reifferscheidiano ipsius manu sub 'nametra' scriptum 'nam erat' inueni* (Robinson, 1920, p. 85). A vantagem dessa conjectura reside no fato, continua Robinson (1922, p. 85), de que o texto não é alterado por nenhum elemento estranho ao testemunho dos manuscritos, já que a correção se baseia unicamente na transposição de duas letras (sc. *nametra* > *namera*t = *nam erat*), mas argumenta outrossim que o texto, tal qual seria daí lido, careceria de alguma informação que justificasse a proposição iniciada com o *nam*-causal. Para tanto, com base em argumentos textuais da própria arquitetura do *De gramm. et rhet.*, em que Suetônio, após nomear o gramático, dá uma informação sobre a classe social de pertença (e.g. *De gramm. et rhet.* §§ vii; x; xvii; xx), além de evocar a informação de Plínio o Velho (*Nat. Hist.* xxxv 199) discutida acima, em que *Staberius Eros* teria sido levado a Roma em um navio como resultado de espólio de guerra, conclui que uma única palavra (sc. *libertus*) deveria ser acrescentada para que o sentido da proposição causal com *nam* fosse devidamente nuançado, chegando ao texto de sua conjectura: *Staberius Eros <libertinus> — nam erat emptus de catasta et propter litterarum studium manumissus — docuit inter ceteros Brutum et Cassium* (Robinson, 1920, p. 85). No entanto, Power (2013) me pareceu argumentar de maneira sedutora quanto à possibilidade de se manter a leitura original de Vahlen, isto é: unicamente com a correção '*nam erat*', sem que se acrescentasse o <*libertinus*> de Robinson. Em seu artigo, Power (2013) começa referindo que Kaster (1995, p. 165) pontua o fato de que o nome *Eros* teria sido um dos mais comuns em Roma para escravos/libertos, e que Estabério o teria recebido ao tornar-se escravo. Como,

além disso, ele teria tido alunos provenientes da alta sociedade (*docuit inter ceteros Brutum et Cassium*), isso sinalizaria que Estabério, já adquirida a liberdade, teria ensinado em Roma ganhando renome e estando na sua nova condição de liberto já pela metade dos anos 70 a.C (*temporibus Sullanis*). Suetônio então – continua Power (2013) – apresentaria diversas das personalidades biografadas de maneira que só seus nomes dariam conta da classe social a que pertenceriam, sem precisar recorrer a determinativos (cf. *De gramm. et rhet.* §§ 9; 14; 22; 24; 28; 29; 30), e que a recíproca seria verdadeira, na medida em que *'the grammarian's status as an ex-slave is already pronounced in the same way'* (Power, 2013, p. 887). Diante disso, sua correção ao texto, tal qual sugerida por Vahlen, seria então a seguinte: *Staberius Eros – nam erat emptus de catasta et propter litterarum studium manumissus – docuit inter ceteros Brutum et Cassium*.

Power (2013) argumenta, outrossim, que a proposição com *nam*-causal serviria, dentro do estilo que Suetônio apresenta pautado na brevidade, para explicar a informação implícita e subentendida no nome *Eros* que o gramático teria recebido na época em que havia se tornado escravo, e pretende demonstrar isso fazendo referência a uma passagem da *Vita Vergili* de Suetônio, em que um expediente semelhante é usado com o *nam*-causal precedendo a proposição principal:

Aeneidos uixdum coeptae tanta extitit fama, ut Sextus Propertius non dubitauerit sic praedicare... Augustus uero, nam forte expeditione Cantabrica aberat, supplicibus atque etiam minacibus per iocum litteris efflagitaret, ut sibi de Aeneide, ut ipsius uerba sunt, uel prima carminis hypographa uel quodlibet colon mitteret (Suetônio 'De Poetis' *Vita Verg.* ed. Reifferscheid. p. 61, grifo próprio).

O arrazoado de Power tem a seguinte conclusão:

We should reject the conjectures of Funaioli and Della Corte and accept Vahlen's '*nam erat*', where the whole *nam*-clause functions as a gloss on the name Eros, which otherwise would imply that Staberius was a slave (Power, 2013, p. 887).

Por melhor que possa parecer – e de fato é¹³⁰ –, a proposta de leitura não passa de uma conjectura, para a qual vale a ressalva que dela fazia já M.-C. Vacher (1993, p. 128) questionando se a corruptela *nametra* poderia esconder uma sequência de palavras assim tão simples como *nam erat*, que tiveram origem apenas pela desordem de 't' e 'r'. Mas, a despeito disso, o *locus desperatus* passaria assim a ter uma *esperança* de restituição simples e elegante, e Kaster, persuadido por Power, aceitou em sua edição de 2016 a conjectura de Vahlen como a mais plausível para o estabelecimento do texto. Eis o resultado:

130 Cf. o juízo favorável pela conjectura de Vahlen da parte de P. Hamblenne (1984, p. 23): *la lecture de Vahlen, nam erat, reste et la moins coûteuse, et la plus séduisante* (cf. 17,1: *namque de Verrius Flaccus; 22,1, à propos de M. Pomponius Marcellus*).

[13] L. Staberius Eros – nam erat emptus de catasta et propter litterarum studium manumissus – docuit inter ceteros Brutum et Cassium. Sunt qui tradant tanta eum honestate praeditum ut temporibus Sullanis proscriptorum liberos gratis et sine mercede ulla in disciplinam receperit (Suetônio *De gramm. et rhet.* ed. Kaster 2016).

Estabelecida, pois, a lição que mais plausivelmente pode ser considerada genuína (a saber: ‘L. Staberius Eros – nam erat [...]’), antes porém que eu dê por acabada a presente nota crítica a Suetônio, *De gramm. et rhet.* 13,1, gostaria de observar brevemente dois pontos que julgo ainda relevantes ao texto em questão e que completam, assim espero, esse ciclo de anotações: (1) a etimologia e sentido de ‘catasta’ e (2) a produção intelectual de *Staberius Eros*.

O texto latino traz ‘emptus de catasta’. Para *Catasta -ae (f.)*, o *Thesaurus Linguae Latinae* dá o seguinte significado: *tabulatum vel podium in quo servi venales stabant* (TLL 3:597,52-53). Era, com efeito, uma espécie de tablado ou plataforma de madeira em que os escravos à venda eram publicamente expostos denudados para serem avaliados por seus eventuais compradores quanto a suas aptidões e qualidades físicas ou intelectuais (Casaubonus, 1605, p. 512-515; Kaster, 1995, p. 167-168; Vacher, 1993, p. 129). Sua etimologia oferece dúvidas: pode ser uma corruptela do grego κατάστασις (cf. Ernout; Meillet, 1985; TLL 3:597,46-48), ou ter-se formado de um hibridismo grego-latim entre κατά e o tema *sta-* de *stare* (cf. Ernout; Meillet, 1985).

Com relação à produção técnica de Estabério Eros, não se sabe muita coisa (Kaster, 1995, p. 167). Prisciano (*GLK* ii. 385.1-3; Funaioli, 1907, p. 107) faz referência a um *De Proportione* que atribui a *Staberius*. Segundo Kaster (1995, p. 167), a obra, se for o caso, poderia ter sido uma espécie de precursor do *De Analogia* de César. Com relação ao sentido técnico-gramatical de *proportio = analogia*, cf. Quintiliano *Inst. Orat.* i 6,3; Aulo Gélcio *Noct. Att.* ii 25,2.

Referências

BRUGNOLI, Giorgio. **C. Suetoni Tranquilli praeter Caesarum libros Reliquae. Pars prior. De grammaticis et rhetoribus.** 3. ed. Leipzig: B. G. Teubner, 1972.

BRUNET, Jacques-Charles. **Manuel du libraire et de l’amateur de livres.** Tome V. Paris: Firmin-Didot Frères, 1864.

BURMANN, Petrus. **C. Suetonius Tranquillus cum notis integris Jo. Bapt. Egnatii, Henrici Glareani, Laevini Torrentii, Fulvii Ursini, Isacii Casauboni, Jani Gruteri, Theod. Marcilii, Joannis Georgii Graevii, Caroli Patini.** Vol. 2, Amsterdã: apud Janssonio-Waesbergios, 1736.

CASAUBONUS, Isaacus. **In Persii Satiras Liber Commentarius. Eiusdem Persiana Horatii Imitatio.** Apud Ambrosium & Hieronymum Drouart. Parisiis, 1605.

COLKER, Marvin L. Two manuscripts of Suetonius' De grammaticis et rhetoribus. **Manuscripta**, v. 27, p. 165-169, 1983.

ESTAÇO, Aquiles. **C. Suetonii Tranquilli Libri II de Inlustribus Grammaticis et Claris Rhetoribus, cum Achillis Statii lusitani commentatione.** Romae: ex officina Vincentii Lucchinii, 1565.

ERNOUT, Alfred; MEILLET, Antoine. **Dictionnaire Étymologique de la langue latine.** Histoire des mots. 4. ed. Paris: Éditions Klincksieck, 1985.

FUNAIOLI, Hyginus (Gino). **Grammaticae Romanae Fragmenta** – Volumen Prius. Lipsiae: in aedibus B. G. Teubneri, 1907.

HAMBLENE, Pierre. *Eādem naue...* ou un brin d'«hagiographie» plinienne (Nat., 35, 199). **Revue belge de philologie et d'histoire**, tome 62, fasc. 1, 1984. Antiquité – Oudheid. p. 16-29.

HERRMANN, Léon. De grammaticis et rhetoribus liber, 2^e éd., by C. S. Tranquilli & C. Bione – Review. In: **Latomus**, T. 7, Fasc. 1/2 (Janvier/Juin 1948), p. 95-96.

HUEMER, Ioannes. Über eine Wiener Handschrift zum Dialog und zur Germania des Tacitus, und zu Suetons Fragment de gram. et rhet. In: TOMASCHEK, K.; HARTEL, W.; SCHEKL, K. (ed.). **Zeitschrift für die österreichischen Gymnasien.** Vol. XXIX. Vindobonae: Drug und Verlag von Carl Gerold's Sohn, 1878. p. 801-813.

JERÔNIMO. **Hieronimi De viris illustribus liber.** Ex recensione Guilelmi Herdingii. Lipsiae: in aedibus B. G. Teubneri, 1879.

JERÔNIMO. **Sancti Eusebii Hieronimi Epistulae.** Pars I, Epistulae I-LXX. Recensuit Isidorus Hilberg. Vindobonae-Lipsiae: S. Tempsky-G. Freytag, 1910.

KASTER, Robert Andrew. **Studies on the Text of Suetonius De Grammaticis et Rhetoribus.** Atlanta, Georgia: Scholars Press, 1992.

KASTER, Robert Andrew. **Suetonius: De Grammaticis et Rhetoribus** – introduction, translation and commentary. Oxford: Oxford Clarendon Press, 1995.

KASTER, Robert Andrew. **C. Suetoni Tranquilli De Vita Caesarum Libri VIII et De Grammaticis et Rhetoribus Liber.** Oxford: Oxford Clarendon Press, 2016.

MAGNALDI, Giuseppina. Svetonio, Tacito e il codice Hersfeldense (I parte). **Prometheus**, v. 23.2, p. 119-144, 1997.

MARTINET, Hans. **C. Suetonius Tranquillus. Die Kaiserviten, De vita Caesarum; Berühmte Männer, De viris illustribus.** Lateinisch-Deutsch, Herausgegeben und übersetzt von Hans Martinet. Düsseldorf: Artemis & Winkler, 1997.

PAUL, van de Woestijne. Cesare Bione. *C. Suetoni Tranquilli De grammaticis et rhetoribus liber*. Testo, introduzione, annotazione critica, appendice e indici metodici. (Testi antichi e medievali per esercitazioni universitarie, I). In: **L'antiquité classique**, Tome 10, fasc. 1, 1941. p. 158-159.

PLÍNIO O VELHO. **C. Plini Secundi Naturalis historiae libri XXXVII** – edidit Carolus Mayhoff (Karl Friedrich Theodor Mayhoff). Vol. 1-5. Lipsiae: in aedibus T. B. Teubneri, 1892-1909.

POWER, Tristan. SUETONIUS, DE GRAMMATICIS 13.1. **The Classical Quarterly**, v. 62, Issue 02, p. 886-888, dez. 2012.

REIFFERSCHIED, Augustus. **Quaestionum Suetonianarum Particula.** Dissertatio Philologica. Lipsiae: Formis Teubnerianis, 1859.

REIFFERSCHIED, Augustus. **C. Suetoni Tranquilli praeter Caesarum Libros Reliquiae**, edidit Augustus Reifferscheid. Lipsiae: sumptibus et formis B. G. Teubneri, 1860.

ROBINSON, Rodney Potter. **De fragmenti Suetoniani De grammaticis et rhetoribus codicum nexu et fide Dissertatio.** Urbana: University of Illinois, 1920.

ROLFE, J. C. **Suetonius – Grammarians and Retoricians.** vol. 2. Cambridge, MA: Harvard University Press (Loeb Classical Library), 1914.

ROTH, Carolus Ludovicus. **C. Suetoni Tranquilli Quae Supersunt Omnia.** Lipsiae: B. G. Teubneri, 1858.

SABBADINI, Remigio. Il ms. Hersfeldese delle opere di Tacito. **Rivista di Filologia d'Istruzione Classica**, Torino: Ermanno Loescher, anno XX, p. 262-264, 1901.

SABBADINI, Remigio. **Storia e critica di testi latini: Cicerone, Donato, Tacito, Celso, Plauto, Plinio, Quintiliano, Livio e Sallustio, Commedia ignota.** Catania: Francesco Battiato editore, 1914.

SALAZAR, Matilde Conde. Los incunables de De grammaticis et rhetoribus de Suetonio conservados en bibliotecas españolas. *In: Estudios de Filología e Historia en honor del profesor Vitalino Valcárcel*. p. 199-206, 2014.

SCALIGER, Ioseph. **In Manili quinque libros Astronomicon Commentarius et Castigationes**. Lutetiae: apud Mamertum Patissonium typographum, 1579.

TLL: **THESAURUS LINGVAE LATINAE**. 1900. Leipzig. *Thesaurus Linguae Latinae Open Access*. Disponível em: <https://thesaurus.badw.de/en/tll-digital/tll-open-access.html>. Acesso em: 06 abr. 2024.

VACHER, Marie-Claude. **Suétone, Grammairiens et rhéteurs**. Texte établi et traduit. Paris: Les Belles Lettres, 1993.

VILJAMAA, Toivo. Suetonius on Roman Teachers of Grammar. **ANRW** II.33.5: p. 3826-3851, 1991.

WISSOWA, Georgius. **Taciti Dialogus de Oratoribus; Suetonii De Viris Illustribus Fragmentum. Codex Leidensis Perizonianus phototypice editus**. Lugduni Batavorum: A. W. Sijthoff, 1907.

Epitome Operum Ørbergii

Marcelo Henrique Barbosa de Oliveira

Prooemivm¹³¹

Etsi opus c.t. *Lingua Latina per se Illustrata*, in duas partes digestum, per totum orbem terrarum aliquo modo notum est,¹³² idemque tamen, mihi videtur, non satis a multis professoribus nostris etiamnunc cognitum esse.¹³³ Si quidem scire possem quibus in universitatibus eum libellum, c. t. *Familia Romana*, a magistris adhibitum esse, vix plus quam novem decemve ex iis invenirem.¹³⁴ Nec ullae recensiones, nec ulli commentarii de operibus Ørbergii apud nostros inveniri possunt. Perpauci sunt item professores nostri praestantissimi qui disputent utrum lingua Latina iuxta naturae rationem decore docenda sit (Cf. Beccari; Binato, 2014; Fortes; Prata, 2015; Quednau, 2011, 2014; Ricucci, 2013, 2017). Sed tamen utuntur altera docendi ratione quae discipulis, ab ovo usque ad mala, veterum scriptorum, e. g. P. Ovidium (Cf. Goldman; Nyenhuis, 1982), opera accomodat ita ut Latine legere possint eodemque tempore Latine reddant.¹³⁵ Sed cum vero ipse rationem textualem docendi, ut ita dicamus, expertus essem, magistris egregiis tuentis ac docentibus, primo impetu T. M. Plautum (Cf. Jones; Sidwell, 2012) legere non valui, quod in scholis nobis erat ex Latino in sermonem patrium vertendum plusquam legendum probatos auctores. Vt cumque id mihi maximi momenti visum est. Quapropter symbolam nunc statuimus scribere de operibus universis ad usum discipulorum viri docti Ørbergii, quo lingua Latina commodius iuxta naturae rationem explicetur.

Hans Henning Ørbergivs: de vita et operibvs

Iohannes Montarius Ørbergius, linguae Latinae peritus, natus est anno millesimo nongentesimo vicesimo in oppido Grenaa nuncupato apud Danorum gentem. Baccaureato apud Vniversitatem Havniensem in urbe Havniam sitam expleto, non solum Latinam sed etiam Anglicam et Gallicam linguam in institutis civitatis Vejen appellatae per multos annos docuit. Eo tempore autem

131 A versão em língua portuguesa deste capítulo encontra-se disponível na publicação de volume anterior. Cf. OLIVEIRA, Marcelo Henrique Barbosa de. Epitome Operum Ørbergii: um panorama geral sobre a série didática *Lingua Latina Per Se Illustrata*. In: SOUZA, A. J.; CARDOSO, C. É. N. (org.). **Estudos clássicos e filológicos**: línguas, literaturas e gramáticas antigas. Araraquara: Letraria, 2023. p. 16-34. Disponível em: <https://www.lettraria.net/estudos-classicos-e-filologicos-linguas-literaturas-e-gramaticas-antigas/>. Acesso em: 01 abr. 2024.

132 Gratias velim agere Iosepho Aloisio Lima, qui hanc symbolam naviter legit et correxit.

133 Ecce aliquot instituta in quibus Ørbergii libri adhibeantur: Accademia Vivarium Novum, Schola Latina, Schola Nova, Paideia Institutum, Polis Institutum Linguarum et Humanitatis Hierosolymitanum, Pontificium Institutum Altioris Latinitatis (Pontificia Studiorum Vniversitas Salesiana/Roma), El Puig Institutum Doctrinae Secundariae (Valentia), Institutum Philosophiae et Litterarum (Vniversitas Malacitana), aliquot instituta Doctrinae Secundariae Conducta Spanica (ESO) et Baccaureati Hispanici (Alfonso, 2016, p. 123 et seq.), (Ugenti, 2017, p. 31), Institutum Studiorum Classicorum Italianum (Pontificia Universitas Sanctae Crucis), Vniversitas Wisconsin–Madison, Collegium Catholicum Viomingense, Vniversitas Wratislaviensis, et Vniversitas Studii Salamanticensis.

134 Instituta quae volumina Ørbergiana legenda curant sunt Institutum Litteratum (UFGRS), Forum Humanitatis (UFC), Centrum Investigationis Latinitatis (UFSC).

135 “A *abordagem textual* tem como característica mais importante a proeminência conferida ao texto. Dessa forma, se desenvolvem com a apresentação *a priori* de determinado texto – em geral adaptados, com base em textos autênticos, mas também, alguns métodos, textos forjados – a partir do qual se segue o estudo do vocabulário e da gramática. Os métodos mais recentes que se baseiam nessa perspectiva, como o *Reading Latin*, mantêm um esforço consciente de apresentar os tópicos gramaticais e lexicais segundo uma progressão gradual, bem como de não desvincular língua e cultura clássica, levando, paulatinamente, o aprendiz à proficiência da leitura em latim, com o auxílio eventual de um dicionário” (Fortes; Prata, 2015, p. 95).

ratio naturalis ad linguam Latinam docendam in Europae scholis adhibita erat a compluribus linguarum studiosis, sicut W. H. D. Rouse et R. B. Appleton (Carter, 2011, p. 21), qui saeculo ante ea methodo usi sunt.¹³⁶ Magistrorum horum consilium erat ut in linguae Latinae scholis non opus esset verborum interpretatione in alium sermonem, sed tantum necesse esset discipulis Latine colloqui ac sermocinari ut eam linguam plane ac dilucide discere possint. Quo pacto, Vilelmus Rouse et Reginaldus Appleton consuetudinem discendi puerorum, qua infantes loqui discunt natura sine usu grammaticae, imitari conati sunt.¹³⁷ Nam usus linguarum actuosus magni ponderis erat. Vtroque viro illa ratio ostenditur tamquam via omnium optima, qua discentes erudiri poterant: praesertim quod contextum maximi momenti esse uidetur ad aliquam linguam discendam, discipuli methodo naturali docentur potissimum per scaenam, per colloquia ac cotidianas sententias. Cum enim uiri docti A. M. Jensen liber, c.t. *English by the Nature Method*, qui tractat de methodi naturalis utilitate, in uulgus editus esset, nonnulli magistri nouam docendi artem, quae in eo A. M. Jensen opere continetur, adhibere cupidi erant.¹³⁸

Etenim paulo post cum Ørbergius in institutum *Naturmethodens Sproginstitut*, quod uocant, ingressus esset, consilium cepit ut methodo naturali conscriberet, intra temporis spatium quattuor annorum, primum sui uolumen c.i. *Lingua Latina secundum rationem naturae explicata* (1954). Quod opus constat ex praefatione linguarum studiosi A. M. Jensen, subisignata ab aliis eruditis, qui sunt: Louis Hjelmslev, professor Vniuersitatis Havniensis, Jens Holt, professor Universitatis Arthusiensis, Per Krarup, rector Gymnasii.

Id uolumen potius, sicut referunt Hoder (1967) atque Read (1972), divisum erat in partes duas ex quibus, altera ex viginti, altera ex quindecim capitulis constabat. Vterque pars grammaticam prope universam describebat atque circiter milia et sescenti uocabulorum continebat. Sunt etiam alia Ørbergii scripta addita, quae agunt sive de vita ac more servorum, exercituum et mercatorum Romanorum, sive de aliis rebus, ut de animalibus, de gemmis, de viis deque his similibus. Primo in capitulo, agitur de Imperio Romano eiusdemque continentibus, id est, Europa,

136 "The principal characteristics of the Grammar-Translation Method were these: 1. The goal of foreign language study is to learn a language in order to read its literature [...]. Grammar Translation is a way of studying a language that approaches the language first through detailed analysis of its grammar rules, followed by application of this knowledge to the task of translating sentence and texts into and out of the target language. It hence views language learning as consisting of little more than memorizing rules and facts in order to understand and manipulate the morphology and syntax of the foreign language [...]. 2. Reading and writing are the major focus; little or no systematic attention is paid to speaking or listening [...]. 4. The sentence is the basic unit of teaching and language practice. Much of lesson is devoted to translating sentences into and out of the target language, and it is this focus on the sentence that is a distinctive feature of the method [...]" (Richards; Rodgers, 1999, p. 3-4).

137 "Other reformers toward the end of the century likewise turned their attention to naturalistic principles of language learning, and for this reason they are sometimes referred to as advocates of a "natural" method [...]. Sauver and other believers in the Natural Method argued that a foreign language could be taught without translation or the use of the learner's native tongue if meaning was conveyed directly through demonstration and action [...]. In practice it stood for the following principles and procedures: 1. Classroom instruction was conducted exclusively in the target language. 2. Only everyday vocabulary and sentences were taught [...]. 4. Grammar was taught inductively. [...] 6. Concrete vocabulary was taught through demonstration, objects, and pictures; abstract vocabulary was taught by association of ideas" (Richards; Rodgers, 1999, p. 9-10).

138 Nonnulli auctores fuerunt qui, morem uiri docti Arthur M. Jensen secuti, libros ad usum discipulorum conscripserunt. Vide: <https://vivariumnovum.it/>. Visum: 14 iul. 2020.

Asia et Africa, quas terras in charta picta lectores valent videre. Imagines pictae, ut scripsit Pomareda (1958, p. 231), et structura ipsius libri sunt adeo perspicua ut non modo vocabula sed etiam syntaxis atque morphologia sine difficultate a lectoribus intellegantur. Quae cum ita sint, sententiae plane conscriptae et nova vocabula per contextum potissimum agnoscuntur (Hoder, 1967, p. 47). Post fabellam, sequitur *Elementa Grammaticae Latinae*, quae agunt de argumentis in fabula tractatis, ut *est/sunt* in primo capite, ibidem auctor offert quaedam exempla verborum flectionis. In ultima tandem parte uniuscuiusque capituli exstant tria pensa. Quorum in primo de morphologia, in secundo de novis vocabulis, in tertio demum de interpretatione eiusdem capituli agitur.

Insuper est alterum volumen, *Romam Aeternam* dico, in sedecim capitulis divisum, quod exstat sicut altera curriculum studiorum pars quodque constat ex excerptis operum veterum scriptorum, v. g. *Aeneis* Vergilii, *Ab Vrbe Condita* Livii, *Breviarii* Eutropii, *De re publica* Ciceronis hisque similia (W. L. C., 1970, p. 119). In extrema illius voluminis parte iam non exstat quae ad Grammaticam Latinam attinet, quod sane difficilior videtur discipulis. Sed etiamsi ampla sit scriptorum varietas, Ørbergius eo magis accommodat multitudinem textuum quo commodius lectores de Romanorum gestis ab regno usque ad imperium certiores fierent. Postquam discipulus dua volumina perlegit et omnia exercitia respondit, dicunt viri docti illum non solum historiam Romanam sed etiam tria milia et quingenta vocabula edidicisse.

Anno millesimo nongentesimo nonagesimo, tandem post haud paucas correctiones atque accomodationes, in vulgus edidit Ørbergius alteram editionem illius voluminis illustrissimi, q. i. *Lingua Latina per se Illustrata*, eadem methodo – i.e. ratione naturae – usus, quod volumen ex partibus binis, ut diximus, constare videtur: prius, *Familia Romana*, ex triginta quinque capitulis, alterum vero, *Roma Aeterna*, ex viginti capitulis constat. Ørbergius eandem enim mentem, qua usus erat in conscribendo editionem principem suorum librorum, servavit.

Nam Ørbergius, in eo libro, scilicet *Familia Romana*, Iulii, Aemiliae eorumque liberorum vitam cottidianam narrat. Idcirco, discipuli eum evolventes librum ac pensa solventes verba memoriae mandant ulla sine difficultate simulque declinationes nominum pronominumque discunt atque modos, personas ac numeros verborum temporalium sibi comparant (Ugenti, 2017, p. 29). Ratio igitur Ørbergii est ab argumentis facilioribus ad res difficiliores transire. Id patet in primis *Familiae Romanae* capitulis per sententias appositas¹³⁹ quae sunt faciles intellectu. Quandoquidem vero grammatica difficilior ac tortuosior fit, synonymis, contrariis, imaginibus, locutionibus et paraphrasibus auxilium discentibus fertur. -Sed quamvis liber, q.i. *Familia Romana*, ipsius Ørbergii inventus sit, auctor non dubitat quin aptet lectoribus monumentorum antiquorum

139 “Na tradução latina de Teofrasto, o termo usado [para traduzir παράταξις] foi *appositio*, o que nos levaria a crer que lá a parataxe implicaria mais do que simples ‘disposição’, mas estaria implícito na palavra certo juízo ou intencionalidade, uma vez que pelo *Oxford Latin Dictionary* [...] *appositio* significa “a ação de comparar”, a “comparação” (Martins, 2008, p. 138).

verba, quod fit, e.g. tum in capitulo duodetricesimo, *Pericula maris* nuncupato, ubi aliquot verba desumpta ex *Evangelio secundum Matthaeum* (*Matth.* 8. 23-27; 9. 18-19; 14. 24-33; 23-26; 28.18.), cum in capitulis quae sequuntur in quibus inveniuntur etiam carmina P. Ovidii (*Am.* II. 18; III.2; *Tr.*7.9.5-6.), A. Tibulli (*El.* 1.10.1-4.), C. V. Catulli (*Cat.* 3, 5, 13, 70, 85.) Martialisque (*Ep.* I. 33 et 118; II. 88; III. 9; V. 43, 45 et 81; VI. 61; VII.3; IX. 5; X. 8.). In postremo *Familiae Romanae* capite, locus quidam ex libro Elii Donati desumptus, q. i. *Ars Grammatica Minor*, sine mutatione praebetur.

Roma Aeterna, h.e. pars altera libri *Linguae Latinae per se Illustratae*, est opus ad provectiores discipulos confectum. Hic liber initium capit a descriptione Fori Romani rerumque gestarum Romanorum, inde a regno usque ad principatum. Postea Ørbergius, modo solutis versibus, modo verbis ipsius Vergilii in libro Aeneide usus, casus Dardaniorum acerrimos usque ad Aeneae occasum memorat. Insuper, liber T. Livii, c.i. *Ab Vrbe condita*, adhibetur, nonnullis mutatis et omissis, ad enarrandam progeniei Ascanii vitam. Nonnumquam Ørbergius aliquos locos Ovidii, quod fit praesertim in postrema parte cuiusque capituli, praebet ut de gemellis expositis, de Sabinarum rapto. Hoc evenit etiam per alios probatos auctores, quos Ørbergius facultatibus lectorum accomodat, ut Sallustius, Cicero, Gellius. Sed e quadragesimo quinto capitulo, *Roma Liberata* appellato, discipuli incipiunt legere auctores ipsos sine accommodationibus (Miraglia, 2010b, p. 44). Haud difficile est percipere discrimen inter libros *Familiam Romanam* et *Romam Aeternam*; Ørbergius enim in libro *Roma Aeterna* numerum vocabulorum celeriter amplificat et veterum scriptorum syntaxin servat, ideoque numerus explicationum imaginumque in marginibus admodum augetur. Cum hic liber ea *Grammaticae Latinae* parte careat, cunctae constructiones et omnia vocabula per annotationes in margine positae explanantur. Hic consilium erat igitur non tantum grammaticam Latinam universam demonstrare, mihi videtur, quantum historiam Romanorum exponere. Ørbergius, post quadringenas paginarum, in postrema libri sui parte tradit lectoribus opus Ciceronis, q. i. *Somnium Scipionis*, et hoc modo huius operis finem facit.

Postquam *Familiam Romanam* et *Romam Aeternam* comparavit, Ørbergius circulum Latinitati fovendae, cui nomen est *Domus Latina*, curavit condendum, quo melius vulgaret et libros et methodum. Eo tempore ille eruditus Danicus fabellas, *Colloquia Personarum*, quas appellant, ut supplementum duorum voluminum *Linguae Latinae per se Illustratae*, et *Exercitia Latina I* composuit. Sequuntur hi libri: *Grammatica Latina ac Latine disco*. Ideoque *Exercitia II ad Romam Aeternam* attinentia edidit. Praeterea, operam dedit veterum scriptorum libris edendis, eadem ratione naturae usus, e. g., *Sermones Romani*, (ubi multa variaque excerpta Latina praebita sunt, ut patet, deprompta ex *Menaechmis* Plauti, ex *Rhetorica ad Herennium* Ciceronis, ex *Evangelio secundum Lucam*, ex *re rustica* Varronis, ex *Disputationibus Tusculanis* Ciceronis hisque similia), *De bello Gallico* Caesaris, *Amphitruo* Plauti, *Aeneis* Vergilii, *Cena Trimalchionis*

Petronii, *Catilina* (ex *Catilinae Coniuratione* et *Orationibus in Catilinam*) Ciceronis ac Salustii et *Ars Amatoria* Ovidii, quod opus est novissimum ab eo editum. Omnia opera edita sunt ad *Romae Aeternae* lectores iuvandos (Miraglia, 2010a, p. 41 et seq.). Iohannes Ørbergius multas per gentes ad volumina vulganda vectus est, cum duomilesimo decimo anno mortem obiit.

Post Ørbergii mortem quidam viri docti, scilicet Aloisius Miraglia, Robertus Carfagni, Rosa Elisa Giangoia, Ignatius Armella, J. A. Cepelak et alii mentem et cogitata eiusdem auctoris statuerunt servare. Hanc ob rem numerus adiumentorum doctrinae, more Ørbergiano conscriptorum, haud exiguus est. En aliquot exempla horum adiumentorum ad *Familiam Romanam* et *Romam Aeternam* attinentia: *Vita moresque* (Miraglia, 2010b), *Grammatica di consultazione* (Bórri et al., 2003), *Latine doceo* (Amador et al., 2013), *Fabullae Syrae* (Miraglia, 2010a), *Epitome historiae sacrae* (Lhomond, 2011), *Exercitia Latina Nova* (Carfagni, 2015), *Quaderno d'esercizi I* (Coosemans et al., 2008) et *Quaderno d'esercizi II* (Cooseman et al., 2008), *Bucolica Carmina* (Vergilius, 2008), *De rerum natura* (Lucretius, 2008), *A Companion to Familia Romana* (Neumann, 2016) et *A Companion to Roma Aeterna* (Neumann, 2017). Etiam quidam magister Hispanus, nomine Iohannes Paulus Ferdinandi Fluminis sive Murgensis, textus Latinos nonnullos cum notis in margine additos ad usum discipulorum comparavit, ratione Ørbergiana servata.¹⁴⁰

Oportet nunc loqui de illis libris, quos ediderunt asseclae Ørbergii. Ex iis liber Aloisii Miraglia c.t. *Vita moresque* lingua Italica scriptus, adnumerandus est inter primos. Qui libellus constat ex quinque et triginta capitibus quae, auxilio picturarum explanationumque, agunt de modo ac moribus Romanorum. In opusculo autem, q.i. *Fabullae Syrae*, colliguntur narratiunculae, quas praecipue ex *Metamorphosesin* depromptas, Syra, ancilla Graeca et persona libri *Familiae Romanae*, pueris enarrat. Postquam tres annorum ab libro *Vitae moresque* edito, Aloisius Miraglia, vir eruditissimus, edidit alium librum, c.t. *Latine doceo*, qui constat ex postfatione ab Ørbergio ipso scripta, ubi ille doctissimus vir Danicus non solum explicat usum docendi *Linguam Latinam secundum rationem naturae*, sed etiam enarrat summatim eiusdem methodi historiam. Aloisius enimvero hoc in libro facit uniuscuiusque *Familiae Romanae* capitulis commentarios, hoc modo explanat syntaxin Latinam consiliaque in scholis utenda et indicem auctorum recentiorum, qui ratione naturae utuntur, ducit.

Robertus Carfagni autem, vir linguae Latinae peritus, eadem methodo usus, libellum, c.t. *Epitome historiae sacrae*, quem, saeculo XVII, sacerdos Carolus Franciscus Lhomond, illustris Latinitatis cultor, conscripsit, paucissimis verbis mutatis, in novam formam tulit. Editio *Epitomes historiae sacrae* Roberti Carfagni praecipue nova exercitia, quae non exstant alibi, fert, ut

140 Ecce excerpta quae in omnium gentium rete inveniri possunt: *Carmina* Catulli, *Elegiae* Tibulli, *Epitome rerum Romanarum* L. Annaei Flori, *De nominibus et origine magistratuum* Sexti Pomponii, *Noctes Atticae* Aulii Gellii, *Sermones* Horatii. Iohannes Paulus etiam vocabularium ad usum discipulorum, nomine *Significatio verborum*, composuit ad *Romam Aeternam* librum pertinens. Vide: <https://scholarisopus.wordpress.com/>. Visum: 14 iul. 2020.

aenigmata verborum (Anglice *crosswords*), numerum nominum verborumque personas mutanda, et synonyma scribenda.

Postremum, sunt volumina duo ab Iohanna Maria Neumann more operum didascaliorum confecta, ad usum studiorum universitatum discipulorum et professorum aptata, quibus auctor explanat sive res grammaticas sive consuetudines moresque antiquorum Romanorum, eademque rationem adhibens, qua usus est Aloisius ille Miraglia in libro suo, c.i. *Latine disco*, litteris mandandis.

De VSV Hodierno

Etiam si apud Brasilienses studiorum universitates libri, ratione naturae conscripti, minus saepe adhibeantur, tamen in toto orbe terrarum Instituta ac Lycaeii, quae ea methodo uti solent, crescunt, visgescunt et propagantur. Quae inter Instituta, mea quidem sententia, praecipue adnumeranda est Accademia Vivarium Novum, anno MCMXCV Montellae ab Aloisio Miraglia, viro Latinissimo, condita ut emolumento sit linguae Latinae. Quod evenit, praesertim per labores docendi non solum linguam Latinam sed etiam disciplinas humaniores Aetatis Artis Renatarum. Quotannis igitur adulescentes ac studiorum universitatum discipuli totius mundi accipiuntur in Academiam Vivarium Novum ut studia humaniora colerent.¹⁴¹ Ušković Academiae alumnus initium huiusmodi studiorum describit:

Scholam, quae *Rudimenta Linguae Latinae* dicitur, tironibus eius linguae imprimis destinata, primam notitiam discipulis ferre oportet quibus aut nulla aut perexigua Latinitatis notio augenda est. Sequitur ut de schola *Linguae Graecae* nonnihil dicamus quae, quod ad crebritatem attinet, prope tenet palmam. Qua in schola a primis rudimentis linguae Atticae incipitur ac, tempore progrediente, ad ampliorem pervenitur cognitionem ita ut ad scriptores ipsos brevissimo temporis spatio pervenire valeamus. Nihil, ut omnibus liquet, lingua nobis opus esset, nisi ea tamquam clave quam primum ad autores intelligendos uteremur, quod etiam in Academia fit, in scholis *litteris antiquis recentibusque* dedicatis.

Quoniam vetatur qualibet lingua nisi Latina uti, in Accademia discipuli Latine aut Graece tantum loqui adhortantur ut ulla sine mora utriusque linguae fiant peritissimi. Illic exstat etiam grex concinentium, *Tyrtarion* nuncupatus, qui doctrinis poematum vel Latinorum vel Graecorum discipulos imbuat (Croata, 2014, p. 113). Etiam professores, diversis ex terris vecti, solent illuc convenire saepissime quo melius methodum docendi naturalem et opera Ørbergiana colere possint. Academia praebet discipulis externis, unaquaque aestate, scholas aestivas, ut ita dicamus, tripertitas iuxta cognitionum discipulorum ordinem. Quibus in scholis discipuli pro

¹⁴¹ Rudimenta linguae Latinae, Lingua Graeca, Litterae Latinae Antiquiores, Litterae Latinae Recentiores, Litterae Latinae Mediaevales (optimum), Litterae Graecae (optimum), Ars Latine Scribendi, Philosophia Antiqua, Res Gestae Romanorum, Carmina Latina, Saturae Horatii (optimum) (Croata, 2014, p. 112).

viribus *Familiae Romanae et Romae Aeternae* libris operam dando aliarumque aetatum literarum Latinarum scriptores legendo, artem scribendi Latine loquendique cotidie sese exercitant.

Ars vero secundum rationem naturae docendi, ut videtur, adhibita est ab aliis institutis, quae sunt: Polis Institutum Linguarum et Humanitatis Hierosolymitanum, Paideia Institutum, Schola Classica, Schola Latina, Pontificium Institutum Altioris Latinitatis aliaque multa. Polis, Paideia et Schola Latina paene videntur uti eadem Academiae docendi ratione. Revera in his scholis fiunt non solum praelectiones cotidianas sed etiam itinera per urbes ut Romam, Lutetiam Parisiorum, Virginiam et Novum Eboracum, hae duae urbes sitae sunt in Foederatis Civitatibus Americae Septentrionalis. Schola Classica, quae sita est in Portu Alacri in finibus Brasiliae, scholas potissimum per interretem discipulis offert, adhibens librum *Familiam Romanam* et *Exercitia Latina*. Praeceptores Scholae Classicae linguam Latinam discipulos diversis ex civitatibus vectos docent, dum scholas aestivas fiunt ac praesertim dum iter trium hebdomadarum ad finitimos faciunt.

Maioris quidem momenti librorum, *Familiae Romanae et Romae Aeternae*, est brevitatis. Nam in temporis spatio duorum annorum, scilicet bienniorum praelectionum, discipulus utriusque voluminis argumenta perficere potest. (Amador *et al.*, 2016, p. 95). Enimvero Neumann (2016, p. vii), vir doctus, dicit satis esse duos semestres lectionum, quae fiunt bis terve in hebdomada, ut tota argumenta prioris libri ad finem perducantur. Quod temporis spatium tamen videtur difficilior factu professoribus, qui docent pueros et adulescentes (*ibid.* p. xi). *Roma Aeterna* liber vero admodum longus et magis arduus huiusmodi discipulis videtur; itaque pueris opus est saltem duobus annis ad cuncta argumenta solius libri *Romae Aeternae* aggredienda (Neumann, 2017, p. xxiv et seq.). Villalobos (2017, p. 14), peritus rerum gestarum, quindecim tantum capitula cum discipulis universitatis studiorum propter temporis brevitatem legere potuisse autumat. Alfonsus (2016) autem, magister Hispanus egregius, qui Ørbergii operibus in puerorum ludis utitur, utrumque opus in temporis spatio baccalaureati, h.e. quattuor annorum, legere posse adsentitur.

Revera, quaedam Instituta, sita in septentrionali Brasiliae regione, scilicet Institutum Litterarum (UFRGS) ac Centrum Linguarum Peregrinarum Docendarum (NELE/UFRGRS) libri Ørbergii in scholis linguae Latinae adhibentur. Primum volumen, scribit Quednau (2011, p. 332) non solum a discipulis anni secundi, provectoribus studio linguae Latinae, adhiberi sed etiam ab aliis discipulis, qui elementis linguae student ac apud Centrum eidem linguae dant operam.¹⁴² Sunt

142 “É extremamente gratificante ouvir dos alunos frases do tipo: “É latim, e eu tô entendendo!”, “Magistra, nós estamos nos sentindo em Roma!” e também vê-los vivenciando as narrativas dos textos, a ponto de uma aluna se sentir como se fosse a ovelhinha atacada pelo lobo, durante a audição do capítulo em que esse evento é narrado. Vencida a timidez inicial, percebemos que os alunos descobrem o latim como língua expressiva, usada historicamente, ligada ao cotidiano, aos sonhos e às necessidades de pessoas reais; enfim, uma língua que vive ainda nos registros inumeráveis e nos textos que deixou. O grupo de interessados em latim está aumentando com a utilização desse método. E também as ideias... Uma aluna relatou que foi questionada no seguinte sentido: “Estudando latim? Vai dar aula pra quem, pra padre?” É, pode ser para padre ou para alunos de Letras, Filosofia, História, Química, Música, Jornalismo e tantos outros que procuram as disciplinas de

discipuli, qui domi studere volunt quibusque professores, qui in eodem Centro magistri munere funguntur, parvum vocabularium, Lusitane *Vocabulário Latim-Português baseado no livro Lingua Latina per se Illustrata: Familia Romana* appellatum (Costa de Azevedo, Quednau et Costa, 2016) comparaverunt. Gomes (2013), femina diligens, librum *Familiam Romanam* idoneum esse ad docendum discipulos, qui linguae Latinae in studiorum universitatibus operam dant, sermonem Latinum censet. Ea solet, ut mos suus est, in scholis sententias Latinas legere easdemque in sermonem Lusitanum vertere, quod praeceptum minime sequuntur rationem naturae, vel immo ab illa ratione longissime abest. Insuper, quod Ørbergius aliis linguis sermonem Latinum praetulisset, paucissimis grammaticae praeceptis datis, magna cum delectatione discipulorum, Gomes autem refert sententiam cuiusdam discipulae suae, quae *Linguam Latinam per se Illustratam* discere et intelligere potuisse sine ullo impedimento adfirmat.¹⁴³

Hoc, quod supra vidimus, non multum differt ab eo quod paulo ante acciderit in studiorum universitate Amazoniae civitatis, UFAM nuncupata, in urbe Manausio sita. Nam, anno bismillesimo undevicesimo exeunte, cum per sex menses ad numerum illius instituti professorum ipse ascripsissem ac iam facilius Latine loqui potuissem, libello *Familia Romana* usus scholas habere incepti. Tunc temporis, ubi terni greges *Linguae Latinae II* mihi traditi sunt, moderatores nos praeceperunt ne uteremur docendi ratione solita, i.e., ne solum rebus grammaticis discipuli docerentur, sed potius nos monuerunt ut scholarum nostrarum initium caperetur a methodo naturali. Hoc modo, coacti sumus scholas incipere a capite *Familiae Romanae*, quod incipit *Pastor et Oves*,¹⁴⁴ atque illius noti libri caput nomine *Magistrum et discipulos* attigimus.¹⁴⁵ Praeterea mihi mens erat ut institueret discipulos, qui iam linguae Latinae studebant apud alios magistros neque adhibebant methodum naturalem, quibusque vix plus quam unam paragraphum Latine legere licebat. Propterea quod ratio naturae docendi postulat temporis spatium saltem quattuor horarum ad scholam et exercitia perficienda, quod tempus longum mihi visum est, saepe accidit ut discipulis domi sine magistri auxilio legere et pensa solvere opus esset. Quamquam (pro dolor!) nonnulli discipulorum materiam neglexerunt, tamem permulti praelectiones et commentarios Latinos bene intelligere ac exercitia Latina solvere potuerunt, idque postquam tantum novem *Familiae Romanae* capita legimus. Insuper, magna sine molestia paucissimis verbis mutatis discipuli

Latim. Além disso, estamos também tendo muito êxito com um curso de extensão oferecido a alunos do Ensino Médio. Eles estão fascinados com o mundo romano!" (Quednau, 2011, p. 332)

143 "A metodologia adotada pela professora é do livro *Lingua Latina per se Illustrata*, esse método é novo. Ela utiliza o livro de textos para traduzirmos, mais um livro de exercícios para praticar o que aprendemos na tradução. Esse método facilita mais a compreensão da palavra em si, pois aprendemos os casos, as declinações, por meio das traduções e não na palavra solta. As questões gramaticais são resolvidas ao longo da leitura sem a necessidade de decorar intermináveis tabelas, além de ser bem mais agradável. Com relação a outros métodos, já tive oportunidade de vivenciar outras experiências de ensino, mas, com esse, facilitou mais meu aprendizado, não que seja fácil, pois não é, mas com esse método eu aprendi, não decorei (Aluna J)" (Gomes, 2013, p. 229).

144 Res grammaticae in ea parte ediscendae sunt: vocabularium rusticum, declinationis tertia, pronomina demonstrativa 'ipse, ipsa, ipsum', praepositiones 'supra et sub', coniunctiones 'ut et dum + indicativus'.

145 Perlecto capitulo, ecce sunt argumenta ediscenda: personae verbi, ablativus absolutus, licere, convenire, (verbum impersonale), pronomina personalia, pronomina possessiva, esse, posse et facere (verba anomala), oratio obliqua, accusativus exclamationis.

locos quosdam ab Evangelio Iohannis clarissimo depromptos una mecum verterunt.¹⁴⁶ Cum vero discipuli, ut solet in artibus discendi, propter ingenium ac intelligentiam ordines diversas adepti essent, partim eorum ut bene argumenta intellegerent necesse fuit sermone Lusitano uti, partim sententias Latinas sine interpretatione comprehendere potuerunt, partim demum me rogabant ut Lusitane legere et explanare possem. Haud raro ii, qui explicationes in lingua Lusitana non postulabant, etiamsi in exercitiis solvendis aliquod mendum continenbat, ex memoria respondere valebant. Si quis discipulorum utrum accusativo an ablativo utendum esse dubitabat, discipulos omnes adhortabamur ut alter alterum nostra lingua adiuveret. Ne discipuli methodum, quam antea in scholis adhibebant, cum ratione naturae docendae miscuissent, concessimus illis ut primum responsa exercitiarum Lusitane redderentur, dein iisdemque suasimus ut bonos ac probatos auctores imitari conarentur. Paucis septimanis post pericula tria facta sunt in quibus bini discipuli praecipue locos veterum scriptorum in Lusitanum sermonem reddere ac de intellectu eorundem rogata aequae facere deberent. Primo periculum prius constabat quodam ex P. Ovidii loco quem ille Wheelock clarissimus in libro suo aptavit,¹⁴⁷ ex altero T. Plauti *Amphytrii*¹⁴⁸ atque ex paucis exercitiis solvendis.¹⁴⁹ Deinde postero in periculo tria carmina vertenda erant: primum quorum Irene Regini vulgo Satura Lanx ex Ovidii libris excerpserat et in verba simpliciora cum laude mutaverat,¹⁵⁰ alterum est conscriptum ab Iohanne Cota (1480 p. C. n. – 1510 p. C. n.) qui vixit Aetate Renatarum Artium et ultimum fuit quodam epigramma M. Martialis.¹⁵¹ Tandem officium periculi novissimi erat fabellam *Pavonem et Testudinem* quae Rouse (1935, p. 22)

146 “Ego sum pastor bonus. Bonus pastor animam suam dat pro ouibus suis. Mercenarius autem et qui non est pastor cuius non sunt oues propriae uidet lupum qui uenit, et relinquit oues et fugit: et lupus rapit et dispergit oues: mercenarius autem fugit, quia mercenarius est, et non pertinet ad eum de ouibus. Ego sum pastor bonus: et cognosco meas, et cognoscunt me meae. Sicut cognoscit me Pater, et ego cognosco Patrem: et animam meam pono pro ouibus meis. Et alias oues habeo, quae non sunt ex hoc ouili: et illas oportet me adducere, et uocem meam audiunt, et fit unum ouile et unus pastor (*Ioh.* 10:11-16).

147 “Ō genus hūmānum, cūr perīcula timēntur mortis a uobis? Omnia mūtantur, omnia fluunt, nihil ad uēram mortem uenit. Animus errat et in alia corpora miscētur; nec manet, nec eāsdem fōrmās seruat, sed in fōrmās nouās mūtātur. Vīta est flumen, tempora nostra enim fugiunt et noua sunt tempora semper. Nostra corpora semper mutantur; id quod fumus aut sumus, nōn crās erimus” (*Met.* 15, 153-216).

148 “Amphitryon maritus est Alcmenae et suo a domo abest quia expugnat in Oechalia. Iupīter Amphitryonem simulat, quia dormire cum Alcmena uult. Alcmena quae dolum nescit Iouem (in) thalāmis recipit. Iupīter, cum in thalāmos uenit, non modo cum ea concubet sed etiam narrat res in Oechalia gestas. Cum uerus uenit maritus ad domum, minīme eum curat uxor. Itaque maritus, Quoniam uxor eum bene non excepit, Alcmenam interrogat. Cum Alcmena omnia narrat, sensit dolum maritus: deus aliqui fuit pro se. Tunc cum ea Amphytruo non concubet et Alcmena, a Ioue compressa, parit Herculem” (*Fab.* XXIX) Locus nobis ex *Latinitas* (Amarante, 2015, p. 55-6) desumptus.

149 “Fecimus ut discipuli eis questionibus utrum Lusitane an Latine responderent: Num animus apud Ouidium manet in eodem corpore? Cur uita est ut flumen? Cur animus apud Ouidium non ad ueram mortem uenit? Cur erat Amphitryon suo a domo abest? Cur Amphitryon uxorem interrogat? Quem Alcmena parit? Cur Iupiter Amphitryonem simulat? Quarum personarum Hercules filius est?”

150 “Lugete, o Veneres ac Cupidines atque omnes homines elegantes! Passer mortuus est meae puellae. Passer, deliciae meae puellae, quem illa plus quam oculos suos amat; nam tam dulcis quam mel est et cognōscit dominam tam bene quam puella matrem suam et non se movet a gremio puellae, sed semper uolat ac canit ad dominam. At ille nunc it per uiam tenebrosam, unde nemo reuenire potest. At uobis male sit, malae tenebrae Inferorum, quae omnes res pulchras devoratis; sicut tam pulchrum passerem ex me sumitis. O, quam tristis sum! O, miser passer! Tua nunc culpa parui oculi meae puellae lacrimantes rubent!” (*Carm.* 3).

151 “Thaida Quintus amat. “Quam Thaida?” Thaida luscam; Unum oculum Thais non habet, ille duos”. (*Ep.* III, 8).

in volumine .¹⁵² Si quis autem iudicationem suam augere velleret, quaedam *Exercitia Latina* Ørbergii ipso discipulo obtulimus.

Postquam finem scholae fecimus, etsi decem discipuli de linguae Latinae scholis destiterunt, tamen mihi videtur undequadragesima discipulos ex quinquaginta duobus probare. Ecce verba iucundissima, quibus discipuli elocuti sunt de arte docendi secundum naturae rationem, quam nostris in scholis adhibuimus:

O método é prático incisivo e diferente. Completamente empírico e contextual, na minha concepção, funciona muito bem. Pessoalmente, eu criei gosto pois vi sentido, mesmo quando não tem aula, eu continuo a ler o livro. Coisa que meras análises de frases soltas não podem proporcionar, pois querendo ou não, é um procedimento bem mecânico, não se sente prazer em aprender e a maioria só está para passar e olhe lá! Eu creio que só por aplicar isso, já é uma melhora no sistema inteiro (Quaedam discipula).

Anteriormente a experiência de Latim I com o método diferente do livro “Família Romana” não foi proveitoso, pois dificultava o aprendizado, porém ao conhecer o método proposto pelo livro consegui adquirir o conhecimento introdutório da Língua Latina. O modo de reproduzir os diálogos do livro em sala nos ajuda a vivenciar a língua, aprender a aplicá-la em situações, e não apenas decorar terminações e declinações. Algumas vezes ficamos com vergonha de reproduzir os diálogos, porém, com o tempo percebemos que essa troca com outras colegas de sala eram bem mais proveitosas para o nosso conhecimento. Com certeza método desenvolvido foi uma novidade positiva para mim, pois hoje já tenho uma base não só para a escrita, como para o diálogo também (Quidam discipulus).

O método é inovador, diferente da metodologia usada em Latim I que era necessário decorar as declinações e usar tabelas para analisar frases soltas. Para mim, no início, foi difícil pelo fato de estar acostumada com o processo mecânico que me foi apresentado anteriormente, mas logo me adaptei e tive avanço, percebi que a reprodução dos diálogos, a troca com os colegas, e trabalhar com textos me ajudaram bem mais que decorar tabelas (Quaedam discipula).

Quando cursamos a disciplina de Latim I, foi utilizado o método tradicional de ensino. Era baseado em aprendermos desinências, casos e utilizar diferentes e várias tabelas para conseguir conjugar um verbo ou declinar um substantivo. [...] Ao cursar a disciplina de Latim II e ser apresentado ao método Orberg, a felicidade foi instantânea. As tabelas foram deixadas de lado e passamos a ler textos em latim. Desde a primeira aula a sensação de aprendizado é enorme, a sensação de que

152 Pāvōnēs pulcherrimī sunt volucrēs (volucer est animal quod volat) ac perītissimī saltationis. Quondam testūdō, quae in lacū quōdam habitat, pāvōnem in herbā saltantem cōspicit. Postquam eum vīdit, ergō, «Salve, pāvō optime! Quam iūcundum sit tēcum in herbā saltāre!» Cui pāvō respondet, «Sed ego nōn crēdō tē bene saltāre posse: nam tam brevia sunt crūra tua! Vix ergō tu saltāre potes. Et testūdō in pedibus posteriōribus stāns est ridiculum.» Ad haec verba respondet testūdō: «Tu superbus es, quia pennas variōrum colōrum habes, sed mea quoque testa pulcherrimīs colōribus ornatur. Praeterea, quamquam nōn sum tam vėlōx quam tū, melius autem est ambulare quam currere.» Postquam haec verba audīt, timet pāvō, nam crēdit testūdinem propter verba sua trīstem esse; respondet ergō, «Sī tu mēcum saltāre cupis, testūdō, tē beātam fēlīcemque esse cupiō.» Illa igitur cum saltāre incipit, sed subito vēnātor advenit (vēnātor est quī bēstiās rētibus capit et ēst). Itaque pāvō, vēnātōrem advenientem vidēns, ālīs apertīs in summam arborem volat; testūdō autem, quae īfirmīs pedibus lentē in lacum festīnat, ā vēnātōre capitur. Haec fābulā docet: dēbēmus manēre omnēs laetī in eō locō quem nātūra nōbīs dat.

você está realmente falando latim é um diferencial muito importante [...] A cada aula neste novo método, tinha-se a impressão de realmente estarmos absorvendo conhecimento e aprendendo a usar a língua latina. Ainda que haja ressalvas, tenho preferência enorme pelo método Orberg, pois com ele sentimos que estamos usando o latim de fato, a leitura e a fala tornam-se mais naturais e fluidas e textos de níveis simples podem ser traduzidos rapidamente pelo aluno, com um considerável grau de independência das tabelas (Quaedam discipula).

Ex iis testimoniis patet discrimina, a discipulis omnibus illustrata, inter naturae rationem docendam et methodum usitatam, universe adhibitam in studiorum universitatibus. Discipulis videtur per methodum Ørbergii, ut ita dicam, facilius discere et morphologiam et nova verba. Oportet etiam meminisse usus actuosus linguae Latinae magni ponderis esse, quod fit per fabellas et colloquia inter magistrum et discipulos.

His rebus fuse perpensis, nunc oportet distinguere nostrum institutum, ut ita dicam, aliis institutis, in quibus ratio naturae ad linguam Latinam docendam adhibetur. Prima distinctio refert ad discentes, qui in studiorum universitate nostra operam dant, quia sunt dissimiles iis qui in Vivario Novo operam navant. Hi sunt et discentes et docentes qui quotannis eunt Romam, ubi est sedes Academiae, ad linguam Latinam discendum, illic semper Latine inter se loquuntur, scholas Latine audiunt, verba Latine faciunt, servant methodum secundum naturae rationem. Illi autem, qui nostras scholas audiebant, longe ab Academiae discipulis absunt. Revera, quidam erant discipuli, ut legitur in commentariis, quibus Latinitatis studium nullo quidem modo placuebat, neque eos movere et allicere ad eam linguam ediscendam potuimus. Curae nobis erat de his discipulis ac praesertim conati sumus eorum mentem mutare.

Secunda distinctio pertinet ad exiguum temporis spatium in quo scholae nostrae habentur. Nam in instituto ubi munere litterarum magistri fungimur nobis quattuor tantum horae erant.¹⁵³ Tertia demum spectat ad rationem, qua periculum factum erat, quippe quod multum aliud ab alio differebat. Aestivis in scholis cuncti professores unum librum et unam methodum sequuntur, idque secundum singulorum discipulorum ingenium. Hoc modo, fiebat ut facillime similes cum similibus congregentur. Quoniam quisque magister docebat iuxta methodologiam suam, adhibens adiumenta doctrinae propria, accidit ut interdum haud facile quibusdam fuisset capitula libri intellegere; itaque nonnulli, qui tantummodo per grammaticam linguae Latinae studuerant, paucissimis scholis post, cursum nostrum reliquerunt.

Quae in hac symbola descripta sunt ad *Linguae Latinae scholam secundam* referunt, quae schola, me magistro, evenit per temporis spatium sex mensium cum discipulis, qui iam linguae Latinae studuerant ac hoc modo *Familiam Romanam* librum sine difficultate legere poterant. Neque vero discipulis, qui apud ceteros magistros alia ratione discendi usi sunt quique *Linguae*

153 Ecce pagina pellicularum conventui dicatam, ubi insunt quaedam scholae variis de auctoribus veteribus. Vide: <https://www.youtube.com/channel/UCpxWOYMPz1vBFGO5VJ2rMQI>. Visum: 14 iul. 2020.

Latinae tertiae scholam mecum docente participaverunt, molesta fuit methodus naturalis sermonis Latini ediscendi.

Epilogvs

Nonnulli magistrorum rationem vivam ad sermonem Latinum docendum, ope colloquiorum inter discipulos conserendorum ipsiusque vitae scenae cotidianae¹⁵⁴ et aliorum subsidiorum suis in scholis adhibent.¹⁵⁵ Inter hos magistros, sunt qui arbitrantur necesse esse uti etiam subsidiis sicut ‘*cartoons*’, ‘*haiku*’, ‘*storytelling*’ epistulaeque edi ut discipuli lingua Latina erudiantur. Quibus docentibus, discipulos sese exercere ac celerius non solum lexicon, syntaxin et morphologiam sed etiam res gestas et veterum mores discere videtur.¹⁵⁶ Sunt autem ii, qui hexametra propria condens eaque discipulis tradens, ut exercitia, dicunt discipulos, suorum carminibus lectis, melius intellegere posse carmina Vergilii et subtilitates Ciceronis Liviique. Alii melius esse discipulis locos selectos lingua Anglica (vel alia) scriptos in verba Latina vertere censent (Saunders, 1993, p. 392). Attamen sunt professores, qui affirmant eo quod tirones, cum Latine loqui ac scribere conantur, nihil faciant nisi easdem auctorum sententias, quae ab illis lectae sunt, ulla sine cognitione iterent (Freitas Et Pinheiro 2012, p. 9), sed hi magistri tamen omnino ignorant sive progressionem discipulorum in Latine conscribendo sive agnitionem eorumdem in auctores probatos legendos.¹⁵⁷

Etsi magistri, qui usum linguae Latinae actuosum promovent, in opiniones contrarias dividuntur, iisdemque tamen discipulorum facultatem et scribendi et loquendi quam maxime amplificare videtur.¹⁵⁸ Si quis discipulorum consilium Latine scribendi capiat, ipsi opus erit non

154 Cf. Coffee (2012), Dugdale (2011), Ferreira (2017), Gruber-Miller (2004).

155 “They are objects from real life used in classroom instruction by educators to improve students’ understanding of other cultures and real-life situations. A teacher of a foreign language often employs *realia* to strengthen students’ associations between words for everyday objects and the objects themselves. *Realia* are physical objects that are related to the target – culture. *Realia* refers to objects or items from real life, which is used in the classroom to illustrate and teach vocabulary or to serve as an aid to facilitate language” (Muthee, 2018, p. 158-159).

156 “The process of creative writing often arouses interest in and prompts reflection on Roman culture. Students incorporate particulars of Roman salutations, dress and architecture into their pieces. [...] None of the creative writing assignments are rote grammatical exercises. They are designed to foreground the primary purpose of language: as a vehicle for communication. [...] In seeking to achieve lexical variety, students will often review their vocabulary list. This process activates dormant vocabulary from earlier chapters [...]. In writing their own Latin sentences students must actively engage with a multitude of grammatical, morphological and syntactical considerations. Should I use the imperfect or perfect tense of the verb in this instance? In what case should this noun be, based on the function I want it play in my sentence, what declension does it take, and what is the case appropriate ending?” (Dugdale, 2011, p. 3).

157 “It is no surprise that writing reinforces reading, since they draw upon the same cognitive text world. Both reading and writing are acts of composing, of making meaning with text. Writers have usually been thought to be engaged in a constructive process when they compose, but readers are too. Both reading and writing share common generative cognitive processes involved in meaning construction in both composing and comprehending text: both reading and writing emphasize background knowledge, both draw on a common data pool of written language, both utilize similar transformations of background knowledge into text, and both employ common processing patterns in text production as individuals read and write” (Gruber-Miller, 2006, p. 193).

158 “If reading is a way to communicate, then students should have opportunities to respond to the ideas, descriptions, and sentiments that they have read. They could draw a picture illustrating what was just read, or create a cartoon based on the reading in which they include a narrative caption as well as dialogue bubbles. They can turn a reading, such as the stories of Cupid and Psyche or Cincinnatus, into a dialogue or skit. They can trace a journey, such as Aeneas’ wanderings or Horace’s trip to Brundisium, onto a map or write a first-person travel diary. They can summarize the stages of a procession or a ritual, such as a Roman triumph or consulting the oracle at Delphi, or they can perhaps re-enact these events. Finally, they can write a letter to one of the characters in the story, asking them questions about their actions and decisions and perhaps offering their own perspective on what happened” (Gruber-Miller, 2004, p. 207).

solum errores grammaticae, ad syntaxyn et morphologiam attinentes, corrigere sed etiam subtilitates stili intueri. Qua de causa magistri discipulos suos moneant ut ipsorum verbis casus et picturas *Familiae Romanae* explicent ac capitulorum summaria et commentarios scribant, qua in sententia convenit Costa (2016, p. 22), clarus Vivarii Novi alumnus. Denique hisce temporibus professores, qui Ørbergii libros usurpant, saltem duabus viis in scholis suis utuntur, quae sunt: ratio docendi viva atque methodus iam usitata, tantum rebus grammaticae nisa. Quamvis Iohannis Montarii illius Ørbergii opera abhinc quinquaginta annis in lucem edita sint, multum tamen iuvare adhuc possunt discipulos doctoresque viros, qui viam novellam ac iucundiozem ad veteres auctores aggrediendos invenire cupiunt.

Conspectus auctorum et librorum (Referências)

ALFONSO, Adam Gil-Bermejo. La enseñanza de la civilización romana en Lingua Latina per se Illustrata. **Thamyris**, n. 7, p. 121-132, 2016.

AMADOR, Antonio G. *et al.* **Latine doceo**: guía para el profesorado. Guadix: Cultura Clásica, 2013.

AMARANTE, José. **Latinitas**: uma introdução à língua latina através dos textos. 2. ed. rev. Volume único: fábulas mitológicas, epigramas, epístolas, elegias, poesia, épica, odes. Salvador: EDUFBA, 2018.

BECCARI, Alessandro Jocelito; BINATO, Cláudia Valéria Penavel. A abordagem indutiva contextual da série Lingua Latina per se Illustrata de Hans Henning Ørberg. **Phaos**, v. 14, p. 123-142, 2014.

BÓRRI, T. F. *et al.* **Grammatica di consultazione**. Roma: Vivarium Novum, 2003.

CARFAGNI, Roberto. **Exercitia Latina Nova I**: Ad usum discipulorum qui Familia Romana utuntur. Roma: Vivarium Novum, 2015.

CARTER, David. Hans Oerberg and his contribution to Latin pedagogy. **Journal of Classics Teaching**, v. 22, p. 21-2, 2011.

COSTA, Matheus Knispel. **Scribere scribendo discamus**: sete exercícios de composição em latim. 2016. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

COSTA DE AZEVEDO, Katia T.; QUEDNAU, Laura; COSTA, Matheus Knispel. **Vocabulário latim-português baseado no livro Lingua Latina per se Illustrata: Familia Romana**. Porto Alegre: LUME/UFRGS, 2016.

COFFEE, Neil. Active Latin: Quo tendimus. **Paedagogus**, v. 105. n. 2, p. 255-269, 2012.

COOSEMANS, P. *et al.* **Quaderni d'esercizi**: Volume II (Cap. XX-XXXIV). Roma: Vivarium Novum, 2008.

CROATA, Petar Ušković. Romae mihi nutriri contigit atque doceri seu annus academicus in aedibus academiae c.n. Vivarium Novum strictim percursus. **Latina et Graeca**, v. 2, n. 25, p. 111-114, 2014.

DUGDALE, Eric. Lingua Latina, lingua mea: Creative composition in beginning Latin. **Teaching Classical Languages**, v. 3, n. 1, p. 1-23, 2011.

FERREIRA, Fátima. Didática do latim. *In*: CRAVO, Cláudia; MARQUES, Susana. **Ensino de línguas clássicas**: reflexões e experiências didáticas. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2017. p. 49-60.

FORTES, Fábio; PRATA, Patrícia. Ensino de latim: abordagens metodológicas e leituras. *In*: PRATA, Patrícia; FORTES, Fábio (org.). **Latim hoje**: reflexões sobre cultura clássica e ensino. São Paulo: Mercado das Letras, 2006. p. 89-118.

FREITAS, Luciana M. A.; PINHEIRO, Thiago da Silva. Uma coleção para o ensino de latim em análise. **Revista Escrita**, n. 15, p. 1-15, 2012.

GOMES, Viviane Moraes de Caldas. A aprendizagem da Língua Latina: uma experiência com o método Lingua Latina per se Illustrata. **Revista Letras raras**, Campina Grande, v. 1, p. 218-231, 2013.

GOLDMAN, Norma; NYENHUIS, Jacob E. **Latin via Ovid**: a first course. 2. ed. Detroit: Wayne University Press, 1982.

GRUBER-MILLER, John. Teaching writing in Beginning Latin and Greek: Logos, Ethos and Pathos. *In*: GRUBER-MILLER, John. **When dead tongues speak**: Teaching Beginning Greek and Latin. New York: Oxford University Press, 2006. p. 190-219.

GRUBER-MILLER, John. Seven myths about Latin Teaching. **Syllecta classica**, n. 15, p. 193-215, 2004.

JONES, P. V.; SIDWELL, K. C. **Aprendendo latim**: gramática, vocabulário, exercícios e textos. Tradução e supervisão técnica de Isabella Tardin Cardoso, Paulo Sérgio Vasconcellos e equipe. São Paulo: Odysseus, 2012.

LHOMOND, Caroli Francisci. **Epitome historiae sacrae**: Brevi Christi vitae narration addita. Integrum opus ad usum discipulorum edidit Robertus Cargafgni paucissimis verbis mutatis. Roma: Vivarium Novum, 2011.

LVCRETIVS. **De rerum natura**: Locos selectos ad usum discipulorum ediderunt Ignatius Armella Chávez, Georgius A. Celepák, Aloisius Miraglia, Emlen M. Smith. Roma: Vivarium Novum, 2008.

MIRAGLIA, Luigi. **Lingua Latina per se Illustrata**: Fabulae Syrae. Roma: Vivarium Novum, 2010a.

MIRAGLIA, Luigi. **Vita moresque**. Roma: Vivarium Novum, 2010b.

MUTHEE, Jessina. **Mathematics difficulties and Dyscalculia**. Nairobi: Kenyatta University Press, 2018.

NEUMANN, Jeanne Marie. **A companion to Familia Romana**: Based on Hans Ørberg's *Latine disco*, with vocabulary and grammar. 2nd. ed. Indianapolis/Cambridge: Hackett Publishing Company, 2016.

NEUMANN, Jeanne Marie. **A companion to Roma Aeterna**: Based on Hans Ørberg's *Instructions*, with vocabulary and grammar. Indianapolis/Cambridge: Hackett Publishing Company, 2017.

ØRBERG, H. H. **Lingua Latina per se Illustrata**: Colloquia Personarum. Greena (DEN): Domus Latina, 2005.

ØRBERG, H. H. **Lingua Latina per se Illustrata**: Familia Romana. Exercitia Latina I. Newburyport, MA: Focus Publishing/R. Pullins Company, 2005.

ØRBERG, H. H. **Lingua Latina per se Illustrata**: Familia Romana. Newburyport, MA: Focus Publishing/R. Pullins Company, 2003.

ØRBERG, H. H. *Lingua Latina secundum naturae rationem explicata*. New York: The Nature Method Language Institute, 1965. *In*: Resenha: W. L. C. **The Classical Outlook**, v. 47, n. 10, p. 119-120, jun. 1970.

ØRBERG, H. H. *Lingua Latina secundum naturae rationem explicata*. Copenhagen, Naturmetodens Sproginstitut, 1954. *In*: Resenha: POMAREDA, Jorge Páramo. **BICC**, v. X, p. 230-231, 1958.

ØRBERG, H. H. *Lingua Latina secundum naturae rationem explicata*. Copenhagen, Naturmetodens Sproginstitut, 1955. *In*: Resenha: HODER, Erik. **The Classical World**, v. 61, n. 2, p. 47, out. 1967.

READ, Willian M. Teaching by the “nature method”. **The Classical Outlook**, v. 49, n. 5, p. 49-50, 1972.

QUEDNAU, Laura Rosane. Ensino de latim: discussão e propostas. **Cadernos do IL.**, n. 42, p. 320-338, 2011.

QUEDNAU, Laura Rosane. Latim em AVA's: sugestões de atividades. **Phaos**, v. 14. p. 113-121, 2014.

RICHARDS, Jack C.; RODGERS, Theodore S. **Approaches and Methods in Language Teaching**: a description and analysis. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

ROUSE, W. H. D. **Latin stories for reading or telling**. Oxford: Basil Blackwell, 1935.

RICUCCI, Marco. Ørberg per se e per alios illustratus: la dimensione teorico-descrittiva del metodo induttivo-contestuale. **Letras Clássicas**, v. 17, n. 2, p. 31-51, 2013.

RICUCCI, Marco. *Lingua per se notata*. Una annotazione sul metodo Ørberg alla luce dell'Ipotesi del Noticing di Schmidt. **Revista Classica**, v. 30, n. 1, p. 157-174, 2017.

SAUNDERS, Anne Leslie. The value of Latin prose composition. **The Classical Journal**, v. 88, n. 4, p. 385-392, abr./maio 1993.

UGENTI, Marco. L'approccio alla lingua latina con il metodo Ørberg. *Nemo litteras latinas maestitia et oblivione damnavit*. **Mizar. Costellazione di pensieri**, p. 29-45, set./dez. 2017. Disponível em: <http://siba-ese.unisalento.it/index.php/mizar/article/view/20210>. Acesso em: 08 jun. 2023.

VERGILIVS. **Bucolica carmina**. Roma: Vivarium Novum, 2008.

WHEELLOCK, Frederic M. **Wheelock's Latin**. Revised by Richard A. LaFleur. 6th. ed. Harper Collins, 2005.

Sobre o organizador

Adílio Junior de Souza

Doutor e mestre em Linguística (Proling/UFPB, 2015-2020). É professor de Língua Latina e Filologia Românica e Portuguesa no Curso de Letras da URCA, *campus* Cariri, Missão Velha – CE. Participa do Projeto de Pesquisa Linguística do Discurso (PPGL/URCA), Grupo de Pesquisa Teorias Linguísticas de Base (TLB/UFPB) e Grupo de Estudos de Língua Latina de Manaus (GELLAMA/UFAM). É membro da Associação Brasileira de Professores de Latim (ABPL). Desenvolve pesquisas em Linguística, Filologia e Língua Latina. É autor/coautor de artigos e capítulos em periódicos e em livros na área da Linguística, Literatura e Filologia.

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5545-6441>

E-mail: adilio.souza@urca.br

Sobre os autores e as autoras

Anne Caroline Ferreira Veloso

Graduada em Letras (Português/Inglês) e mestranda em Estudos Literários pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp), com estudos voltados à literatura antiga grega e romana sobre Alexandre, o Grande.

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3504-3521>

E-mail: anne.veloso@unesp.br

Danilo Oliveira Nascimento Julião

Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas da Universidade Federal do Rio de Janeiro, na linha de pesquisa *O discurso latino clássico e humanístico*. Concentra sua pesquisa nos estudos epigráficos e atualmente investiga a epigrafia funerária em latim na cidade do Rio de Janeiro. Professor substituto de Língua e Literatura Latina na Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7486-3253>

E-mail: prof.danilo.juliao@gmail.com

Gelbart Souza Silva

É Graduado em Letras (Português-Italiano) pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, *campus* de São José do Rio Preto (Unesp/Ibilce) e Licenciado em Letras (Inglês), Mestre e Doutor em Letras pela mesma universidade. Desenvolve estudos sobre o romance antigo, em especial *Ephemeris belli Troiani* e *De Excidio Troiae Historia*. Atualmente, é professor substituto de Língua Italiana (I e II) na Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, *campus* de São José do Rio Preto (Unesp/Ibilce). Para além do estudo do romance antigo e da tradução do latim, pesquisa sobre as relações intertextuais dos mitos clássicos em obras modernas, principalmente as que abordam a Guerra de Troia.

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2782-9890>

E-mail: gelbart.silva@gmail.com

Gustavo Chaves Tavares

Natural de Belo Horizonte (MG), graduado em Letras Clássicas (Grego/Latim), bacharelado, pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Atualmente cursando o último ano de Medicina pela mesma UFMG. Interessado na docência do latim e seus métodos, na crítica textual e edótica, no estudo da poesia latina épica e elegíaca, e adepto do uso ativo oral e escrito do latim.

Orcid: <https://orcid.org/0009-0008-7296-0752>

E-mail: gustavochavestavares@gmail.com

Marcelo Henrique Barbosa de Oliveira

Doutorando em Letras Clássicas pelo Department of Classics da Trinity College Dublin (IRL). É mestre em Linguística pelo Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas e atuou como professor substituto de Língua Literatura Latina na Faculdade de Letras da Universidade Federal do Amazonas (UFAM) entre 2019 e 2021. Entre 2020 e 2022, lecionou Gramática, Literatura e Redação em escolas públicas administradas pela Secretaria de Estado de Educação e Desporto do Amazonas.

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4156-1560>

E-mail: deolivma@tcd.ie

Marcelo Salles Bueno

É Psicólogo e Psicanalista, Membro Associado da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Ribeirão Preto, Membro Efetivo do Grupo de Estudos de Psicanálise de São José do Rio Preto, membro associado da Federação Brasileira de Psicanálise e da International Psychoanalytical Association.

Orcid: <https://orcid.org/0009-0003-2704-4740>

E-mail: marcelosallesbueno@hotmail.com

Paola Luizi Sayeg

Nasceu em São José do Rio Preto-SP, mas mora em Onda Verde, cidade vizinha. É formada em Design Gráfico e estuda Letras na Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp/Ibilce), câmpus de São José do Rio Preto. Artista desde sempre, encontra no desejo e na criação a felicidade.

Instagram: https://www.instagram.com/pah_crazy22/

E-mail: luizi.sayeg@unesp.br

Soraya Paiva Chain

Doutora em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina (2014). Professora de Língua e Literatura Latina dos Cursos de Letras Língua e Literatura Portuguesa da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Amazonas. Líder do Grupo de Pesquisa GELLAMA (Grupo de Estudos de Língua Latina de Manaus). Desenvolve pesquisas de temas linguísticos - Língua Latina e Morfossintaxe da Língua Portuguesa - e literários - Literatura latina: estudos de personagens, obras e/ou mitologia; diálogos com obras contemporâneas; relações de gênero comparadas a fatos atuais; a condição feminina comparada a fatos do contexto atual.

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4164-9845>

E-mail: sorayachain@ufam.edu.br

Publique com a gente e
compartilhe o conhecimento

 **Letraria**[®]

www.lettraria.net

